



I

GENESIS A DEUTERONOMIO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

George Herbert Livingston

Leo G. Cox

Dennis F. Kinlaw

Lauriston J. Du Bois

Jack Ford

A. R. G. Deasley



I

GENESIS A DEUTERONOMIO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

George Herbert Livingston

Leo G. Cox

Dennis F. Kinlaw

Lauriston J. Du Bois

Jack Ford

A. R. G. Deasley

1. [GÊNESIS](#)
2. [CRISES INDIVIDUAIS E DECADÊNCIA COLETIVA](#)
 1. [A Cronologia do Dilúvio](#)
3. [ABRAÃO, O HOMEM QUE DEUS ESCOLHEU](#)
4. [ISMAEL, O HOMEM QUE DEUS SEPAKOU](#)
5. [ISAQUE, O HOMEM CUJA VIDA DEUS POUPOU](#)
6. [JACÓ, O HOMEM QUE DEUS REFEZ](#)
7. [ESAÚ, O HOMEM QUE ACEITOU DE VOLTA SEU IRMÃO](#)
8. [JOSÉ, O HOMEM QUE DEUS PROTEGEU](#)
 1. [F. O Novo Lar no Egito, 46.1—47.31](#)
 2. [SEÇÃO II](#)

Comentário Bíblico

EACON B

Gênesis a Deuteronômio

i



CB©

0 Livro de

GÊNESIS

George Herbert Livingston, B.D., Ph.D.

Introdução

A. Título

No Antigo Testamento hebraico, a primeira palavra do texto, *bereshit*, “no princípio”, serve de título para o livro de Gênesis. Tomar a primeira frase ou palavra de uma obra literária para denominá-la era prática comum no antigo Oriente Próximo. A tradução grega chamada Septuaginta (LXX) toscamente igualou este termo de abertura com a *palavragênesis*, que significa “origem ou fonte”. A palavra grega permaneceu em nossas versões bíblicas, porque descreve notavelmente bem o conteúdo do livro. E o livro dos começos: o começo do universo, do homem, do pecado, da salvação, da nação hebraica, da aliança com os homens.

Martinho Lutero foi o primeiro a anexar ao título antigo a frase: “O Primeiro Livro de Moisés”, mantida na maioria das versões bíblicas. Lutero a considerou apropriada visto que o Livro de Gênesis é o primeiro dos livros do Pentateuco e Moisés fora tradicionalmente considerado o autor de todos os cinco livros.

B. Autoria

Uma breve discussão da autoria não faz justiça à massa de literatura sobre o assunto nem à complexidade dos problemas. A controvérsia gira em torno da questão se o Livro de Gênesis, como o conhecemos em todos os manuscritos existentes, foi produto de Moisés e seu tempo ou de escritores desconhecidos em uma época muito posterior. Ao longo dos últimos dois séculos, os estudiosos se dividem entre os que aceitam a autoria ou autoridade mosaica e os que consideram que o material do Livro de Gênesis é trabalho de muitos “autores” desconhecidos (ver análise em “O Pentateuco”).

O texto do livro não menciona o nome de Moisés e, como dito anteriormente, foi Lutero (1483-1546) quem juntou ao título a

anotação sobre Moisés. Levando em conta que o derradeiro acontecimento narrado em Gênesis ocorre muito tempo antes dos dias de Moisés, os estudiosos ortodoxos defendem que ele modelou o material antigo em sua forma atual. Esta opinião se baseia principalmente nas seguintes evidências internas: a) nos outros quatro livros do Pentateuco, no sentido de que vieram de Moisés ou pelo menos do seu tempo de vida e sob sua direção; b) no restante do Antigo Testamento, o qual liga a Moisés o conteúdo de todo o Pentateuco; e c) no Novo Testamento, que afirma serem os livros do Pentateuco (principalmente Deuteronômio) da autoria de Moisés.

C. Data e Composição

Estes itens estão estreitamente relacionados com a discussão da autoria, portanto, todos os três devem, de certo modo, ser tratados juntos.

Atribui-se a Johann Eichhorn, professor na Universidade de Iena, Alemanha, em fins do século XVIII, a rejeição da amplamente aceita autoria mosaica do Pentateuco. Ele fundamentou seus argumentos em duas supostas fontes para o Livro de Gênesis rotuladas de *J*, para aludir a Jeová, e *E*, para Elohim, as quais, segundo ele, vieram a existir depois do tempo de Moisés. Na verdade, esta análise de fonte foi feita pela primeira vez por uma médica francesa, Jean Astruc, várias décadas antes de Eichhorn. Nos primeiros três quartos do século XIX, os professores alemães discutiam se havia muitas fontes, duas fontes ou apenas uma fonte para o Livro de Gênesis. Eles dataram estas fontes ao longo de todo o tempo entre Salomão e Esdras. Usando como indícios a ocorrência de diversos nomes divinos, as diferenças de vocabulário e a suposta divergência de pontos de vista teológicos, a controvérsia predominou entre uma história de composição fragmentada e uma unidade básica em construção.

Julius Wellhausen¹ foi o primeiro a popularizar com êxito a idéia de três fontes principais em Gênesis: *J* (fonte jeovista), *E* (fonte eloísta) e *P* (fonte sacerdotal [“p” de *Priestercodex*]). A fonte *J* era datada do século IX a.C.; a *E* era datada do século VIII a.C.; e a *P* era datada do século V a.C. Esta visão se tomou padrão entre seus seguidores

e altamente popular nos círculos protestantes e judaicos em todo o mundo ocidental. A Igreja Católica Romana reagiu negativamente à teoria.

Hermann Gunkel² procurou estender-se sobre a posição de Wellhausen examinando as formas literárias da antiga maneira de contar histórias conforme ilustrada em Gênesis. Ele concluiu que, antes de 1000 a.C., houve um longo período de transmissão oral de grande parte do conteúdo do Livro de Gênesis antes de ser solidificado nos denominados documentos *J, E e P*.

Em anos mais recentes, os estudiosos que rejeitam a autoria mosaica são mais favoráveis à idéia de um longo período de desenvolvimento da tradição oral em torno dos centros tribal e cultuai, em vez da existência de fontes escritas. Otto Eissfeldt³ foi o proponente principal desta abordagem. Houve também a tendência a considerar que o livro foi concluído nos tempos do exílio e que possui um caráter substancialmente mosaico. W. F. Albright defendeu esta posição.⁴

Os estudiosos conservadores consistentemente defendem que a teoria descrita acima é inaceitável, sendo incentivados pelo volume de evidências contrárias fornecidas pelos estudos no antigo Oriente Próximo. Com vigor renovado, insistem que evidências descobertas mais recentemente tornam possível e altamente provável a composição de Gênesis na época de Moisés. Vários manuscritos, inclusive o tipo alfabético, estavam em uso séculos antes dos dias de Moisés, produzindo-se uma grande quantidade de literatura, grande parte dela significativa para os estudos em Gênesis. Sabe-se hoje que a transmissão oral de recordações importantes, sobretudo as pertinentes à santidade, tem um grau de precisão não menos que espantosa.

Cada vez mais os estudiosos defendem que o conteúdo de Gênesis 1 a 11 deve ter entrado na coletânea de fatos e tradições hebraicas antes do tempo de Abraão. Atualmente, aceita-se que a orientação social, econômica e política das histórias dos patriarcas está solidamente arraigada no período de 2000 a 1500 a.C.⁵ A única barreira tem a ver

com a teologia. Há um reconhecimento crescente de que crenças monoteístas predominavam entre os hebreus nos dias de Moisés,⁶ mas só os estudiosos conservadores ousam asseverar que o monoteísmo era desde o início a fé dos patriarcas.⁷

A questão se resolve em uma pergunta básica: Gênesis era mosaico ou uma miscelânea de composição e origem? Este comentário sustenta a posição conservadora de que Gênesis é mosaico em sua composição e data.

D. Estrutura

O Livro de Gênesis tem uma introdução (1.1—2.3) e dez divisões, cada uma das quais introduzida pela palavra hebraica *toledot* (“gerações, origens”), que os estudiosos admitem ter o significado de “história, conto ou relato” em vez de simplesmente genealogia. Estas divisões ocorrem em 2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10; 11.27; 25.12; 25.19; 36.1; 37.2. O livro também pode ser dividido em duas seções principais: a primeira de 1.1 a 11.26 e a segunda de 11.27 até o fim. A primeira destas divisões lida basicamente com as origens primevas, e a segunda, com o estabelecimento da relação de concerto de Deus com os antepassados do povo hebraico. Ou conforme G. C. Morgan,⁸ as divisões podem ser vistas em três partes. A primeira divisão seria de 1.1 a 2.25, que se ocupa da geração; a segunda seria de 3.1 a 11.32, que lida com a degeneração; e a terceira seria de 12.1 a 50.26, que se centraliza na regeneração.

Depois do relato introdutório da criação, o livro se concentra fundamentalmente em homens importantes e seus descendentes. Estes homens são Adão, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e José. Personagens de menor importância relacionados a estes indivíduos notáveis são tratados pelo simples alistamento de suas genealogias.

Em Gênesis, há um movimento seqüencial que passa do universal para o específico. A história da criação do universo concentra a atenção em Adão e sua esposa, Eva; depois se estende para traçar de modo incompleto o aumento dos seus descendentes pelas linhagens de Caim e de Sete. Tendo descrito vigorosamente a corrupção destes

povos em 6.1-4, o relato anuncia a decisão do Todo-poderoso em puni-los por meio de um grandioso dilúvio, mas, ao mesmo tempo, salvar um remanescente dando proteção a Noé e sua família numa arca. Os descendentes de Noé também são apresentados no aumento numérico e na expansão via migração através de uma lista genealógica. Abraão vem em primeiro plano.

Geograficamente, os primeiros onze capítulos são direcionados ao vale mesopotâmico (ver Mapa 1). Depois da resposta de Abraão ao chamado de Deus para se mudar, as histórias relacionadas a ele estão centralizadas principalmente em Canaã (ver Mapa 2), com apenas algumas histórias ligadas ao Egito ou a sua antiga casa em Harã. Com exceção de ter uma esposa de Harã, Isaque é completamente limitado à vida em Canaã, mas Jacó passou vinte anos em Harã e os últimos anos de vida no Egito, embora na juventude e meia-idade estivesse em Canaã. Exceto por sua juventude, José passou seus anos de maturidade no Egito, parte numa prisão e parte como poderoso funcionário do governo.

E. Propósito e Mensagem

O propósito principal do Livro de Gênesis é mostrar como Deus escolheu o povo de Israel para ter uma relação de concerto com Ele. Essa escolha se revela na forma em que Ele lidou com os progenitores dos israelitas. Ainda que haja semelhanças notáveis entre outros escritos antigos e as histórias bíblicas da criação, da queda do homem e do dilúvio, o interesse bíblico na origem do universo é basicamente teológico. Seu empenho é declarar que todas as coisas procedem e são sustentadas por um Deus Criador. O politeísmo e suas nuances são deliberadamente ignorados.

No Livro de Gênesis, o interesse na origem do homem e na origem do pecado diz respeito fundamentalmente à natureza do relacionamento entre o homem e Deus, tanto em sua comunhão original quanto em sua posterior oposição negativa e desobediente à vontade de Deus. O relacionamento original sempre é considerado como o ideal e a meta de todos os procedimentos futuros de Deus com o homem. As misericórdias de Deus são estendidas aos homens para que o

relacionamento positivo seja restabelecido pela atividade salvadora de Deus, a qual é determinada num sistema de concerto. Os vislumbres da realização futura dos propósitos redentores de Deus são orientados para um grande cumprimento de uma reconciliação não só individual, mas também nacional, internacional e universal entre Deus e o homem. Por conseguinte, os temas messiânicos na parte final do Antigo Testamento e no Novo Testamento são encontrados em Gênesis.

Do ponto de vista teológico, o teor de Gênesis é inflexivelmente monoteísta. O paganismo não é abertamente questionado ou rejeitado; é amplamente ignorado. Gênesis descreve somente exemplos limitados da prática idólatra, os quais são repudiados indiretamente (como em Gênesis 22) ou diretamente (como em Gênesis 23). A análise racional e o ímpeto religioso do paganismo na Mesopotâmia, em Canaã e no Egito estão quase que totalmente ausentes.

O número limitado de temas religiosos e locuções literárias, que são encontrados tanto na antiga literatura mesopotâmica quanto no material em Gênesis, é incidental para os principais destaques das histórias de Gênesis. Eles tiveram sua importância largamente sobreestimada por alguns estudiosos do Antigo Testamento.

O Livro de Gênesis desafia a validade do politeísmo, do dualismo, do deísmo e do panteísmo, não pela análise negativa de suas fraquezas, mas pela afirmação positiva da unidade, soberania e realidade pessoal divina. Em Gênesis, há a apresentação das qualidades pessoais e dinâmicas da relação divino-humana dentro do concerto, sobretudo na forma narrativa e, secundariamente, por meio de resumos genealógicos.

Esboço

I. Crises Individuais e Decadência Coletiva, 1.1—11.26

A. O Criador em Ação, 1.1—2.3

B. O Criador em Relação à Criação, 2.4—3.24

- C. O Assassinato e Seu Resultado, 4.1-24
- D. A Expansão de um Novo Começo, 4.25—6.8
- E. A Corrupção Universal e Seu Resultado, 6.9—11.26

II. Abraão, o Homem que Deus Escolheu, 11.27—25.11

- A. As Relações da Família de Tera, 11.27-32
- B. Estrangeiro em Nova Terra, 12.1—14.24
- C. O Concerto de Deus com Abraão, 15.1—17.27
- D. A Espera pelo Verdadeiro Filho, 18.1—20.18
- E. Antigas Lealdades Testadas, 21.1—22.19
- F. Assumindo Responsabilidades por Outros, 22.20—25.11

III. Ismael, o Homem que Deus Separou, 25.12-18

IV. Isaque, o Homem cuja Vida Deus Poupou, 25.19—28.9

- A. Um Guisado em troca do Direito de Primogenitura, 25.19-34
- B. O Procedimento de Isaque com seus Vizinhos, 26.1-33
- C. Isaque e sua Família, 26.34—28.9

V. Jacó, o Homem que Deus Refez, 28.10—35.29

- A. Confrontado por Deus, 28.10-22
- B. Amor Frustrado não Morre, 29.1-30
- C. Dolorosa Competição, 29.31—30.24
- D. Pastores Inteligentes, 30.25—31.55

- E. Profunda Crise Espiritual, 32.1-32
- F. Irmãos Conciliados, 33.1-17
- G. Tragédia em Siquém, 33.18—34.31
- H. O Concerto Renovado em Betei, 35.1-15
- I. Viagem Toldada pela Tristeza, 35.16-29

VI. Esaú, o Homem que Aceitou de Volta seu Irmão, 36.1-43

- A. As Esposas de Esaú e seus Filhos, 36.1-8
- B. Os Filhos e Netos de Esaú, 36.9-14
- C. A Proeminência dos Descendentes de Esaú, 36.15-19
- D. Os Filhos dos Moradores das Cavernas, 36.20-30
- E. Os Reis de Edom, 36.31-39
- F. As Regiões onde os Edomitas Habitavam, 36.40-43

VII José, o Homem que Deus Protegeu, 37.1—50.26

- A. Vendido como Escravo, 37.1-36
- B. A Frouxidão Moral de Judá, 38.1-30
- C. As Provações de José no Egito, 39.1—40.23
- D. A Dramática Ascensão de José ao Poder, 41.1-57
- E. Problemas Misteriosos no Egito, 42.1—45.28
- F. O Novo Lar no Egito, 46.1—47.31
- G. Visões do Futuro, 48.1—50.26

Seção I

- [CRISES INDIVIDUAIS E DECADÊNCIA COLETIVA](#)
 - [A Cronologia do Dilúvio](#)
- [ABRAÃO, O HOMEM QUE DEUS ESCOLHEU](#)
- [ISMAEL, O HOMEM QUE DEUS SEPAKOU](#)
- [ISAQUE, O HOMEM CUJA VIDA DEUS POUPOU](#)
- [JACÓ, O HOMEM QUE DEUS REFEZ](#)
- [ESAU, O HOMEM QUE ACEITOU DE VOLTA SEU IRMÃO](#)
- [JOSÉ, O HOMEM QUE DEUS PROTEGEU](#)
 - [F. O Novo Lar no Egito, 46.1—47.31](#)
 - [SEÇÃO II](#)

CRISES INDIVIDUAIS E DECADÊNCIA COLETIVA

Gênesis 1.1—11.26

Em uma série de histórias e genealogias altamente condensada, esta seção do livro trata da origem do universo, da origem da ordem nesta terra, da origem da vida, da origem do homem, da origem do pecado, da violência e desordem, e da origem das diferenças nacionais e lingüísticas.

A. O Criador em Ação, 1.1—2.3

Pela brevidade e beleza da composição e do estilo, esta vinheta sobre a criação é inigualável. O Deus-Criador domina a cena. Ele fala e imediatamente se forma a ordem, proporcionando um belo lugar de habitação e de abundantes suprimentos para a criação mais sublime de todas: o homem. Majestade e poder marcam cada sentença. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

2. *O Dia da Luz e das Trevas* (1.3-5)

Energia é necessidade vital para o hábitat do homem, e luz é energia. Por conseguinte, a primeira ordem de Deus foi: **Haja luz** (3). A ênfase na palavra falada de Deus é tão grande que cada dia criativo começa com uma ordem ou expressão da vontade divina.² Em seguida, ocorre a execução da ordem e a declaração culminante: **Era bom** ou equivalente {e.g., 4,10,18).

3. *O Dia das Aguas Divididas* (1.6-8)

As águas foram separadas, e acima da terra havia uma **expansão** (6). A palavra *expansão* ou *firmamento* transmite a idéia de solidez.³ Contudo, a ênfase na palavra hebraica original *raqia* não está no material em si, mas no ato de expandir-se ou na condição de estar expandido. Por isso, a palavra “expansão” é muito apropriada.

Em diversos lugares do Antigo Testamento, o ato de estender os céus é proeminente (ver Jó 9.8; 26.7; SI 104:2; Is 45.12; 51.13; Jr 51.15; Zc

12.1). A evidência de que Deus é o Criador acha-se no ato de estender e não no caráter do que foi formado.⁴ Ao longo do Antigo Testamento, o interesse se centraliza nas relações de Deus com a natureza e o homem. Deus é o Criador, e a partir desta declaração o Antigo Testamento passa a mostrar que a natureza é uma criatura e uma ferramenta. Do mesmo modo, Deus julga, livra e cuida do homem.

4. *O Dia da Terra e do Mar* (1.9-13)

O terceiro ato de Deus dizia respeito à formação de um futuro hábitat para o homem, que é criatura da terra. O alimento para o homem, a vegetação, cresce na terra. Sob a ordem de Deus, terra e mar se separaram, e forma, vida e beleza enfeitaram a terra. O texto não descreve como estas separações ocorreram, nem há uma lista das forças dinâmicas e naturais envolvidas. Ao invés disso, a relação de um Criador poderoso com uma criatura obediente e flexível é o tempo todo, e claramente, mantida diante do leitor.

Dramaticamente, Deus se voltou para a terra agora visível e deu-lhe ordens. **Apareça a porção seca** (11) não era admissão de que as substâncias inorgânicas possuíam o poder inerente de produzir vida.⁵ Muito pelo contrário, a vida em si acha-se, no final das contas, na palavra criativa de Deus e imediatamente surge em resposta à sua ordem.

Seguindo um padrão de pares — luz e trevas, águas que estavam sobre e águas que estavam debaixo, terra e mares —, agora ocorre uma série de grupos de três. **Erva, erva dando semente... e árvore frutífera** (12) são agrupamentos muito generalizados e não devem ser considerados classificações botânicas no sentido moderno.

A frase **conforme a sua espécie**⁶ indica limites aos poderes de reprodução. Mas não fornece um projeto que esboça linhas limítrofes. O destaque está na segurança observável da natureza: trevo produz trevo, trigo produz trigo, etc. **E assim foi (11)** — e ainda é.

tes corpos celestes, os quais, depois, são incumbidos de executar certas tarefas nos céus.⁷ Eles possuem uma dignidade de governo e nada

mais. As **estrelas** também recebem não mais que uma menção honrosa. Que golpe contra o paganismo!

6. *O Dia dos Pássaros e dos Peixes (1.20-23)*

Pelo motivo de a luz e as trevas serem comuns a ambos os dias, o primeiro dia (3-5) e o quarto dia (14-19) estão relacionados. Também o segundo (6-8) e o quinto (20-23) estão relacionados no ponto em que lidam com a expansão, em cima, e as águas, embaixo. No quinto dia, Deus falou uma palavra para **as águas** (20), as quais produziram criaturas e pássaros encheram o ar. No versículo 21, vemos outra tríade: **as grandes baleias... todo réptil de alma vivente... e toda ave de asas**.

O texto não nos conta como **as águas** colaboraram com o Criador, mas para enfatizar a estreita ligação entre Deus e estas criaturas é empregado o verbo **criou**.⁷ As diferenças surpreendentes entre a vida botânica e a biológica são atribuídas a um ato divino. **Deus os abençoou (22)**. No Antigo Testamento, a bênção divina é um ato criativo e uma capacitação para que aquele que a recebe cumpra seu destino segundo a vontade de Deus. Neste caso, a vontade de Deus é que as criaturas se reproduzam **abundantemente... conforme as suas espécies (21)**. Este ato serviu para anular a condição anterior “vazia” (2).

7. *O Dia dos Animais e do Homem (1.24-31)*

Dando mais uma ordem: **Produza a terra alma vivente (24)**, Deus encheu a terra de criaturas: **as bestas-feras da terra** (os animais selvagens, 25), **gado e... todo réptil que se move sobre a terra (26)**.

Mas este dia teria a coroação do ato criativo. A deidade, em deliberação, disse: **Façamos o homem (26)**.⁹ Esta criatura tinha de ser diferente. Deus disse que o **homem** tinha de ser feito **à nossa imagem**, tendo certa semelhança com a realidade, mas carecendo de plenitude. O homem devia ser **conforme a nossa semelhança**, tendo similitude geral com Deus, mas não sendo uma duplicata exata.

Não era para ele ser um pequeno Deus, mas definitivamente tinha de estar relacionado com Deus e ser o portador das características distintivas espirituais que o marcam exclusivamente como ser superior aos animais.¹⁰

Em 1.26-30, encontramos “O Homem Feito à Imagem de Deus”. 1) Um ser espiritual apto para a imortalidade, 26ab; 2) Um ser moral que tem a semelhança de Deus, 27; 3) Um ser intelectual com a capacidade da razão e de governo, 26c,28-30 (G. B. Williamson).

Uma das marcas da **imagem** de Deus foi Ele ter dado ao homem o *status* e o poder de governante. O direito de o homem dominar (28) ressalta o fato de que Deus o equipou para agir como governante. A aptidão para governar implica em capacidade intelectual adequada para argumentar, organizar, planejar e avaliar. A aptidão para governar implica em capacidade emocional adequada para desejar o mais alto bem-estar dos súditos, apreciar e honrar o que é bom, verdadeiro e bonito, repugnar e repudiar o que é cruel, falso e feio, ter profunda preocupação pelo bem-estar de toda a natureza e amar a Deus que o criou. A aptidão para governar implica em capacidade volitiva adequada para escolher fazer a toda hora o que é certo, obedecer ao mandamento de Deus indiscutivelmente e sem demora, entregar alegremente todos os poderes a Deus em adoração jovial e participar em uma comunhão saudável com a natureza e Deus.

Deus criou o homem para ser uma pessoa que tivesse autoconsciência, autodeterminação e santidade interior (Ec 7.29; Ef 4.24; Cl 3.10). A imagem foi distribuída sem distinção de macho e fêmea, tornando-os iguais diante de Deus.

Como Deus abençoou (22) o que previamente havia criado (21), assim Deus outra vez **abençoou** (28) esta fase da sua obra. Incumbiu o homem com a responsabilidade de reproduzir-se e sujeitar à sua superintendência a terra e tudo que nela havia.

O ato de abençoar o gênero humano é de significado mais amplo que o de abençoar os animais (22). O homem é capaz de ter consciência dessa bênção e pode responder a ela. “Abençoar” em relação a um ser

racional é ato de transmitir um senso da vontade de Deus para o abençoado. Isto é especialmente significativo para o homem, pois a ordem de procriar coloca a aprovação de Deus no ato de reprodução. Essencialmente, a relação homem-mulher na procriação é boa, está dentro da vontade de Deus e é básica para o bem-estar deles.

No Antigo Testamento, há dois aspectos para o ato de conceder bênçãos. Da parte de Deus, há o ato de um Ser superior concedendo favor a quem é dependente dele. Da parte do homem, há o retorno da gratidão ao Doador de dons (Gn 24.48; Dt 8.10).

Aspecto importante da bênção de Deus era a concessão de poder e habilidade para sujeitar e dominar (28) os outros seres criados que habitam a terra. Mas era uma autoridade delegada, um governo subordinado, pelo qual o homem prestava contas a Deus. Presumimos que a responsabilidade de controlar a vida animal não acarreta o direito de abusar dela, caso contrário não teria sido bom.

Deus concedeu ao homem o direito de usar os frutos da vida vegetal para comida (29). Isto não lhe deu o privilégio de explorar a natureza, deixando para trás estrago e desolação. O cuidado apropriado dos frutos da vida vegetal tem necessariamente de acarretar o cultivo (2.15) e a conservação dos recursos naturais.

O fato de os animais, sujeitos ao controle do homem, também se alimentarem de plantas, **toda a erva verde** (30), destaca ainda mais a responsabilidade que pesa sobre o homem. Ele é responsável por controlar a natureza de modo que a natureza supra as necessidades de todas as criaturas vivas e não só as necessidades do homem (ver 9.3 sobre a permissão de comer carne).

A morte de animais não é mencionada, embora não haja razão para presumir a ausência de morte animal antes da queda. O foco está na vida, na harmonia, na ordem e na aptidão de forma e função para o domicílio terrestre do homem.

Em 1.1-5, 26-31, vemos a “Criação pela Vontade Onipotente”, com a idéia central no versículo 1.1) Causa adequada, 1,2; 2) Desígnio

evidente, 2-5; 3) Homem semelhante a Deus, 26-30; 4) Concepção onisciente, 31 (G. B. Williamson). [7](#)

Certos rabinos antigos ficaram aborrecidos porque pensaram ter visto aqui uma indicação de que Deus trabalhara no sábado. O rabino Rashi declarou que o que faltava para o mundo era descanso, e assim o último ato de Deus foi a criação do Sábado, no qual há quietude e repouso.¹¹

Nos Dez Mandamentos, a relação dos seis dias do trabalho de Deus com as coisas materiais para um dia de descanso serve de base para a observância do homem de um dia de descanso (Ex 20.8-11). Este é um dia estabelecido por Deus e deve ocorrer regularmente. Outros dias importantes podem ser estabelecidos pelo homem e oscilar conforme as estações, mas este dia é independente das estações ou dos problemas de fixar uma data específica. Neste dia, a ordem de Deus para o homem conquistar a natureza é posta de lado e o homem reconhece uma lei superior, na qual ele se entrega a Deus.

No Salmo 95.11 há a alusão de que Deus nega um “descanso” (um sábado) a quem o desobedece. O escritor do Livro de Hebreus se apropria desta sugestão para declarar que ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus: “Procuremos, pois, entrar naquele repouso” (Hb 4.11). O sábado indicaria a cessação de atos de desobediência e a aceitação do governo de Deus sobre o ser interior.

Ao contrário do *sabbattu* babilônico, no qual demônios perigosos perambulavam livremente, o sábado instituído aqui foi santificado por Deus. Era para ser um dia de alegria e contentamento, de renovação interior, de louvor a um Deus misericordioso. Na crença pagã, certas forças naturais, coisas, lugares, animais ou pessoas eram intrinsecamente santos, até divinos; mas em nenhuma parte desta história da criação a santidade é atribuída a algo que venha da natureza. Tudo que Deus havia criado era muito bom, mas nada foi considerado santo. O primeiro item que foi declarado santo é a porção de tempo do sábado. Deus reservou o sábado para que nele o homem aprofundasse sua relação com seu Criador.

Deus santificou o sétimo dia da criação, estabelecendo com ele uma relação especial. Nos Dez Mandamentos, o homem tem de santificar repetidamente o sábado, reconhecendo que ele tem uma relação especial com Deus.¹²

O fato de, basicamente, a santidade estar associada com o tempo e não com um lugar fixo possibilitou no exílio a construção de sinagogas. Desta forma, as duas instituições, o sábado e a sinagoga, puderam resistir a todas as vicissitudes da dispersão; até hoje permanecem forças poderosas no judaísmo.

O mesmo é verdadeiro acerca do sábado e a igreja cristã ao longo da história. A base do sábado foi trocada do evento da criação para o evento da ressurreição; por conseguinte, o tempo foi mudado do sábado para o domingo. Contudo, o mesmo princípio subjacente persiste; seis dias são dados para o domínio do homem sobre a natureza, mas o sétimo dia é o Dia do Senhor.

B. O Criador em Relação à Criação, 2.4—3.24

A significação especial do homem como a mais sublime criação de Deus é o ponto central desta história. Ela descreve a relação ideal entre Deus e o homem, a qual, por sua vez, é a base para a relação ideal entre o homem e a mulher no casamento. Como ponto contrastante, aqui é mostrada a natureza do pecado que leva estas relações ao caos.

A história tem uma seqüência clara. Há um cenário geral (2.4-14), uma ordem (2.15-17), a inserção do ato criativo (2.18-25), um ato de violação (3.1-8), um questionamento (3.9-13), um julgamento (3.14-21) e uma expulsão (3.22-24). Pelo fato de o capítulo 3 conter a narrativa da violação e do julgamento, seu tom de dúvida, medo e raiva é notavelmente diferente do encontrado no capítulo 2, que possui uma atmosfera de paz, harmonia e encanto.

1. O Homem com o Fôlego da Vida (2.4-7)

A palavra gerações tem um significado mais vasto que o termo

genealogia. O conceito de **origens** (4) não é essencial à palavra. Há outras dez ocorrências em Gênesis (5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1,9; 37.2), uma delas (37.2) sem ter genealogia; mas, na maioria dos casos, é apresentado muitos acontecimentos significativos, como também uma genealogia.

Certos expositores colocariam a primeira parte do versículo 4 com o material precedente, mas nas outras ocorrências em Gênesis a expressão: **Estas são as origens de** (ou gerações de), serve de cabeçalho ao que vem a seguir. E o que acontece aqui.

Há paralelo entre os versículos 4 e 5 deste capítulo e os versículos 1 e 2 do capítulo 1. Porém, o capítulo 2 fala pouco sobre os eventos criativos intermediários que levam à criação do homem. Não há indicação clara de que a história no capítulo 2 tenha alguma parte na seqüência de tempo do aparecimento de plantas e animais. Pelo contrário, a atenção é focada no fato de que sem **chuva** e o cuidado vigilante do **homem** a terra era originariamente estéril. Por conseguinte, Deus forneceu umidade e **formou o homem** para que as plantas que precisam de cultivo frutificassem.

Mais detalhes sobre a criação do homem são dados aqui que em 1.27. Em 2.7, o homem é apresentado como criatura da terra. Ele é formado do pó. Com profundo interesse, Deus inalou vida no homem, ato que realça o fato de que a vitalidade do homem e a dinâmica interna vêm diretamente de Deus. Qualquer outro objeto do afeto e esperança do homem é ilusão. Ele é feito para dois mundos; portanto, ser separado de Deus é murchar como o fruto de uma videira cortada.

As duas expressões: o **fôlego da vida** (7, *nishmat chayyim*) e a **alma vivente** (*nefesh chayyah*) têm muito em comum. Ambas podem ser usadas para referir-se tanto a animais como ao homem. **Fôlego** (*nishmat*) está mais associado com o homem, mas é designado a animais em 7.22. **Alma vivente** se aplica a todos os tipos de animais em 1.20,21,24,30; 2.19; 9.12,15,16.

O termo hebraico *nefesh* tem conotação mais ampla que o termo *nishmat*. Ambos podem significar “respiração, fôlego, hálito”, mas

nefesh também inclui estes significados: ser vivo, alma, vida, ego, pessoa, desejo, apetite, emoção e paixão.¹³ O homem é único. Ele é o que é, porque **Deus... soprou em seus narizes o fôlego da vida**. Deus nunca fez isso com um animal.

2. *O Jardim da Delícia* (2.8-14)

A palavra **jardim** (8) é tradução da palavra hebraica *gan*, que designa lugar fechado. A Septuaginta traduz o hebraico por “paraíso”, *paradeison*, termo persa que significa um parque.

Éden não é traduzido mas transliterado para nosso idioma. Basicamente, significa “prazer ou delícia”. Parece indicar uma região. Éden pode ser derivado da palavra assíria *edinu*, que significa “planície, pradaria ou deserto” e designa a terra entre o rio Tigre e o rio Eufrates. Se a frase **saía um rio** (10) for compreendida no sentido de rio acima, o jardim estaria situado no vale mesopotâmico inferior. Se for entendida no sentido de rio abaixo, teria de estar situado na Armênia, onde as nascentes dos rios Tigre e Eufrates se originam perto uma da outra (ver Mapa 1). Atualmente, não há como obter conclusão definitiva sobre esta questão.

Mais importante para a história é a presença da **árvore da vida** e da **árvore da ciência do bem e do mal** (9). Pelo visto, a primeira árvore mencionada era a fonte de vida, da qual o homem, depois que pecou, teve de ser separado (3.22-24). Uma “árvore de vida” é mencionada em Provérbios 3.18; 11.30; 13.12; 15.4, onde, em sentido figurado, representa fonte de felicidade, sabedoria e esperança. A frase também é encontrada no Livro do Apocalipse como o dom supremo para o crente fiel (Ap 2.7) e como símbolo da vida eterna (Ap 22.2,14).

Com respeito à **árvore da ciência do bem e do mal**, os dois opostos, o **bem** e o **mal**, representam os extremos da ciência ou conhecimento e, assim, servem de expressão idiomática para referir-se à perfeição — neste caso, onisciência e poder. Em Deuteronômio 1.39 e Isaías 7.14-17, a falta de conhecer o bem e o mal indica imaturidade, ao passo que em 2 Samuel 19.35, a plena maturidade está, por vias indiretas,

associada com a habilidade de discernir entre o bem e o mal. Mas Gênesis 3.5 sugere que este poder é atributo divino, e Provérbios 15.3 faz a afirmação clara de que é equivalente de onisciência (ver 2 Sm 14.17; 1 Rs 3.9).

O rio **Pison (11)** nunca foi satisfatoriamente identificado, embora haja suposições, entre as quais figuram o rio Indo, da Índia. **Havilá (11)** diz respeito a um país arenoso que produz **ouro** bom. Essa terra também produzia **bdélio (12)**, resina de grande valor conhecida pelos israelitas (ver Nm 11.7). É duvidoso que **pedra sardônica (12)** seja a tradução correta do termo hebraico *shoharn*; a Septuaginta sugere berilo.

A identificação de **Giom (13)** é desconhecida. Há muito que o rio Nilo é conjectura favorita, porque a Septuaginta e a Vulgata identificam a palavra hebraica *kush* (**Cuxe**) com a Etiópia. Mas, pela razão de Gênesis 10.7-10 mencionar que os descendentes de Cuxe são árabes e tribos ou cidades mesopotâmicas, há quem afirme que **Giom** é o rio Araxes, que deságua no rio Ciro e depois desemboca no mar Cáspio. Cuxe seria o nome hebraico para referir-se aos cassitas que habitavam naquela região.

O nome do terceiro rio é **Hidéquel (14)**, que é o famoso rio Tigre (ver Mapa 1), o qual em acádio antigo era chamado *idiquat*. O rio Eufrates corre paralelo ao rio Tigre, com o qual se unia para irrigar o vale mesopotâmico. Ainda é um rio importante. O nome assírio era *puratu*, mas no persa antigo era *ufratu*, que serviu de base para a palavra grega *euphrates*.^u

3. A Ordem que Fixou Limites (2.15-17)

Quando Deus colocou o homem no **jardim (15)**, Ele lhe deu duas tarefas: **para o lavrar e o guardar**. Em contexto agrícola, **lavar** significa cultivar, ação que inclui o ato de podar videiras.

Quando **ordenou o SENHOR Deus ao homem (16)**, Ele deixou claro sua relação soberana com o homem e a relação subordinada do homem com Ele. Deus tinha este direito, porque Ele é o Criador e o

homem é a criatura.

Para expressar proibição, aqui é empregada a maneira mais forte possível em hebraico para colocar a **árvore da ciência do bem e do mal** (17) fora da alçada do homem. Visto que o discurso direto é inerentemente pessoal, a ordem: **Não comerás**, é pessoal e a qualidade do negativo hebraico a coloca em negação permanente. A importância da ordem é aumentada pela severidade do castigo. Isto é muito forte na sintaxe hebraica, sendo que a força é um tanto quanto mantida na tradução com a palavra **certamente**.

4. A Mulher que Deus Formou (2.18-25)

Havia um aspecto da criação de Deus que não estava totalmente satisfatório. O fato de o homem ainda estar **só** (18) não era bom. O isolamento é prejudicial. Por dedução, a relação social, ou seja, o companheirismo, é bom. Por conseguinte, Deus determinou fornecer ao homem uma **adjutora que esteja como diante dele**, literalmente, uma ajudante que lhe correspondesse, alguém que fosse igual e adequada para ele. “Uma ajudante certa que o complete” (VBB). A *Bíblia Confraternidade* traduz: “Uma ajudante como ele mesmo”.

Considerando que não há formas de tempos verbais em hebraico, não se conclui necessariamente que Deus formou os animais depois de ter formado o homem. Pode igualmente significar que *depois* que o homem foi colocado no jardim, os animais que Deus *previamente* formara foram trazidos a Adão (19). A seqüência de tempo não é o item importante aqui.

Um aspecto da imagem de Deus foi demonstrado pelo poder de Adão discernir a natureza de cada animal e dar um **nome** certo, pois em hebraico, nome e caráter coincidiam. Quando **Adão pôs os nomes** (20), ele mesmo foi capaz de discernir que nenhum dos animais era uma adjutora que estivesse como diante dele. Ele, como também Deus, tinha de saber disso para apreciar o que Deus estava a ponto de fazer.

O **sono pesado** (21) é o tipo no qual os sentimentos ou capacidade emotiva deixam de funcionar normalmente. Ver Gênesis 15.12; Jó 4.13; 33.15, onde a frase está ligada com visões; e 1 Samuel 26.12 e Jonas 1.5, onde o termo não está relacionado com visões. Ver também Isaías 29.10, onde a expressão sugere falta de sensibilidade espiritual. A costela (22) pode significar o osso e a carne que a envolve. E a parte do corpo mais próxima do coração, que para os hebreus era o lugar dos afetos. A mulher não foi feita de substância inferior.

Para acentuar a singularidade deste ato, é usado um verbo hebraico diferente (*yiben*), que significa “construir”, detalhe completamente perdido na palavra traduzida por **formou**. Deus **trouxe-a a Adão** para sua aprovação e avaliação. Assim, parte da história segue a sequência dos dias criativos no capítulo 1, isto é, a decisão (18-20), o ato criativo (21,22) e a aprovação (23).

De imediato, **Adão** (23) viu a conveniência desta ajudante. Ela era parte íntima dele, **osso dos meus ossos e carne da minha carne** e, desta forma, adequada para ele. Mas ele também demonstrou sua posição de autoridade ao lhe dar um nome.

Com efeito, esta foi a instituição da relação matrimonial. Desde o princípio, Deus quis que o casamento fosse exclusivo e íntimo. Não era simplesmente para a mulher agarrar-se ao homem como um apêndice. Para deixar clara a responsabilidade do homem, Deus ordenou que o homem se apegasse **à sua mulher (24)** no compromisso mútuo da verdadeira união. O casamento tem de permanecer irrompível ao longo da vida, pois foi dito: **E serão ambos uma carne**, ou seja, uma identificação completa entre si. E nisto eles **não se envergonhavam (25)**.

5. A Mulher que a Serpente Iludiu (3.1-5)

A **serpente (1)** se enfiou sorrateiramente no jardim tranquilo como um visitante sinistro. Por todo o antigo discurso semítico, os répteis estavam relacionados com influências demoníacas e este versículo descreve que a criatura **era mais astuta que todas as alimárias do campo**. A medida que a história progride, a serpente é

apresentada em todos os lugares como instrumento de certo poder espiritual oculto. No Novo Testamento, Jesus relaciona a serpente ao diabo (Jo 8.44), como também o faz Paulo (Rm 16.20; cf. 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14) e João (Ap 12.9; 20.2). Em todos estes exemplos, a fonte da tentação é objetivamente distinta de Deus ou do ser humano. Em nenhum caso, a serpente é considerada apenas a “personificação da tentação”¹⁵ ou a “representante do poder da tentação”.¹⁶

A serpente começou a conversa com uma expressão de surpresa: **Não comereis de toda árvore do jardim?**, e passou a citar erroneamente a ordem original de Deus, tornando-a absurda. A proibição original estava relacionada só com uma árvore, mas a serpente disse **de toda árvore**, frase que em 2.16 é encontrada na ordem permissiva e não na ordem negativa (2.17). A serpente pôs em dúvida a bondade de Deus: Ele foi muito restritivo, retendo desnecessariamente benefícios de grande valor.

Esta primeira pergunta era aparentemente inocente, mas enganou **a mulher** (2), fazendo com que ela também citasse erroneamente a ordem. Ela tornou a proibição muito mais forte do que realmente era. Deus não dissera: **Nem nele tocareis** (3). Mas Ele fizera a ameaça de castigo muito mais forte do que **para que não morrais**. Ela tornou, sem perceber, a ordem irracional e o castigo mera possibilidade, em vez de ser um resultado inevitável. A mulher perdeu a oportunidade de ouro de derrotar a sugestão da serpente. Tivesse ela citado a ordem corretamente e se aferrado a ela, o inimigo não teria podido prosseguir com seu intento.

A serpente percebeu a vantagem e passou a negar categoricamente a verdade da declaração punitiva de Deus, declarando positivamente: **Certamente não morrereis** (4). Ele concentrou seu ataque incitando ressentimento contra a restrição e suscitando desejo de poder. Deus não estava usando a finalidade da morte como dispositivo para sonegar ao gênero humano a descoberta de algo — **se abrião os vossos olhos** (5)? Ele não estava impedindo o homem de possuir um bem que o homem tinha o direito de ter? A serpente estava acusando Deus de motivo impróprio, de egoisticamente manter o

homem em nível de existência inferior. O verdadeiro destino do homem, a serpente indicou, era ser **como Deus**. A característica principal do ser divino era o poder de saber **o bem e o mal**.¹⁷ Este saber não era conhecimento abstrato, mas a habilidade prática de saber todas as coisas, inclusive a inteligência de inventar e estabelecer padrões éticos.

Engenhosamente, a serpente sugerira que desobedecer a ordem de Deus ocasionaria, não a morte, mas uma vida completa e rica para o homem. Não foram feitas promessas positivas, só a sugestão de possibilidades que eram fascinantes e misteriosas. Este era o apelo nuclear do paganismo, a crença de que grandes realizações, pensamento profundo ou ritual cuidadosamente observado introduziriam a pessoa no reino divino. Este também é o pecado básico do homem, alcançar o estado de ser absolutamente livre e auto-suficiente.

Em 3.1-6, temos “O Apelo da Serpente”. 1) Ao desejo físico, 6ab; 2) À curiosidade intelectual, 5; 3) A disposição de auto-afirmação, 1,3 (G. B. Williamson).

6. *O Ato de Violação (3.6-8)*

Os argumentos da serpente atraíram três facetas da natureza da mulher, cada uma parte legítima de sua natureza de criatura. A fome física foi estimulada, pois **aquela árvore era boa para se comer** (6). O apetite estético foi provocado, pois era **agradável aos olhos**. E a capacidade de sabedoria e poder foi atizada, pois era **árvore desejável para dar entendimento**, o que incluía a habilidade de dominar os outros (cf. a tentação de Jesus, Mt 4.1-11; Lc 4.1-13; 1 Jo 2.16).

Na verdade, há muito que a mulher fora derrotada e sua contemplação logo resultou em ação. A ordem de Deus foi desobedecida e, incrivelmente, **seu marido** a seguiu na desobediência. Depois de terem comido, **foram abertos os olhos de ambos (7)**, mas não do modo em que a serpente indicou. Em vez de passarem para um nível de existência superior, eles caíram a um

nível inferior. Eles **conheceram que estavam nus**. Em vez de ficarem unidos com Deus, alcançando essência igual com Ele, eles foram alienados um do outro pela consciência de que seu ato não produziu o que esperavam.¹⁸ A frustração estava relacionada com o novo conhecimento de nudez. A desobediência gerou culpa e vergonha. Em reação ao sentimento de vergonha, os dois apanharam **folhas de figueira**, com as quais **fizeram para si aventais** (ou “cintas”). Eram tangas simples e transpassadas.

O homem e a mulher estavam familiarizados com a **voz do SENHOR Deus** (8), como se deduz pela comunhão freqüente com o Criador. A **viração do dia** é expressão idiomática para aludir à noite, pois no Oriente Próximo sopra um vento fresco sobre a terra ao pôr-do-sol. Desta vez, o casal não estava preparado para encontrar-se com Deus. A expressão **a presença** é caracteristicamente vivida em hebraico. Não é uma influência vaga e indefinível, mas uma confrontação direta, bem definida e pessoal. O casal culpado **escondeu-se**, mas de nada adiantou.

7. A Intimação para Comparecer na Presença de Deus (3.9-13)

A pergunta: **Onde estás?** (9), não foi feita por Deus não saber o paradeiro deles, mas porque Ele queria induzir a resposta e fazer o homem e a mulher saírem do esconderijo pela própria confissão.

A resposta de Adão: **Temí** (10), esclarece o motivo de terem se escondido. Participar do fruto da árvore não o fez semelhante a Deus, como sugeriu a serpente, mas comprometeu sua verdadeira essência de ser homem diante de Deus.

Deus conhece o bem e o mal da perspectiva da bondade divina e soberana. Mas o homem, sendo homem e dependente de Deus, só pode conhecer o bem e o mal da perspectiva da obediência à vontade de Deus ou da perspectiva da desobediência, que é a rejeição da vontade expressa de Deus. O alcance do homem ao estado divino só o lançaria no papel da desobediência; por conseguinte, seu conhecimento do bem e do mal estava misturado com culpa e medo.

A primeira pergunta foi feita diretamente ao homem: **Comeste tu? (11)**. Adão não tinha desculpa, porque ele sabia qual era a ordem. Tratava-se de uma proibição simples e clara. Mas Adão não enfrentou sua responsabilidade; ele passou a culpa para a esposa — **ela me deu (12)** — e Deus não a deu para ele? Certamente, ela era digna de confiança como guia para a ação.

A **mulher (13)** também tentou evadir-se da responsabilidade, dizendo: **A serpente me enganou**. Então ela se deu conta de que a serpente “a fez de boba”.

Em 3.6-11, G. B. Williamson destaca “Deus e o Pecador”. 1) O pecado causa culpa pessoal, 7,10,11; 2) O pecado separa Deus e o homem, 8b; 3) Deus busca o homem pecador, 8a,9; 4) Deus perdoa a culpa do homem, 21.

8. O Pronunciamento dos Veredictos (3.14-19)

Os pecados cometidos estão refletidos nas punições, as quais foram aplicadas em partes. A **serpente (14)** foi amaldiçoada. **Mais que** é tradução incorreta, pois sugere que outros animais também foram amaldiçoados. O sentido correto é “à parte” ou “separado de entre”. Moffatt traduz: “Uma maldição em ti de todas as criaturas!” A serpente posou como supremamente sábia, mas sua maneira de se locomover sempre seria símbolo de sua humilhação. A frase **sobre o teu ventre** não significa que a serpente tinha originalmente pernas e as perdeu no momento em que a maldição foi imposta, mas que seu modo habitual de locomoção tipificava seu castigo.

A frase **pó comerás** é idiomaticamente equivalente a “tu serás humilhado” (cf. SI 72.9; Is 49.23; Mq 7.17, onde a frase “lamberão o pó” tem claramente este significado).

O castigo envolveria **inimizade (15)**, hostilidade entre pessoas. A **semente** da serpente, que Jesus relaciona aos ímpios (Mt 13.38,39; Jo 8.44), e a **semente** da mulher, têm ambas sentido fortemente pessoal.¹⁹ Deus disse à serpente: A Semente da mulher **te ferirá a cabeça**. Compare a referência de Paulo a isto em Romanos 16.20. A

serpente só poderia ferir o **calcanhar** da Semente da mulher. De fato, **ferir** não é forte o bastante para traduzir o termo hebraico, que pode significar moer, esmagar, destruir. Uma cabeça esmagada que leva à morte é contrastada com um calcanhar esmagado que pode ser curado. O versículo 15 é chamado “proto-evangelho”, pois contém uma promessa de esperança para o casal pecador. O mal não tem o destino de ser vitorioso para sempre; Deus tinha em mente um Vencedor para a raça humana. Há um forte caráter messiânico neste versículo.

Em 3.14,15, vemos “O Calcanhar Ferido”. 1) O Salvador prometido era a Semente da mulher — o Deus-Homem; 2) Esta Semente Santa feriria a cabeça da serpente — conquistar o pecado; 3) A serpente feriria o calcanhar do Salvador — na cruz, ele morreu (G. B. Williamson).

O castigo da mulher seria o oposto do “prazer” que ela procurou no versículo 6. Ela conheceria a **dor** (16) no parto, que é bem diferente do novo tipo de vida que ela tentou alcançar pela desobediência. Igualmente, a futura ligação do seu **desejo** ao seu **marido** era repreensão à sua decisão de buscar independência. Ela sempre seria dependente dele.

Em 3.1-15, Alexander Maclaren vê “Como o Pecado Entrou”. 1) O induzimento ao mal, 1-5; 2) A entrega ao tentador, 6; 3) As conseqüências fatais, 7-15.

Deus pôs uma maldição diretamente na terra em vez de colocá-la no homem. Adão foi comissionado a trabalhar com a terra (2.15), mas já não seria por puro prazer. O homem se submeteu tão facilmente ao apelo da mulher que ele comeu o fruto proibido. Agora seu trabalho na terra seria misturado com **dor** (17). De todos os lados, ele seria confrontado por competidores: **espinhos e cardos** (18), que crescem profusamente sem cultivo e não produzem comida para o homem. Em Oséias 10.8, estas plantas aparecem como símbolos de julgamento e desolação no lugar da adoração. Compare também com Juizes 8.7,16; 2 Samuel 23.6; Salmo 118.12; Isaías 32.13; 33.12; Jeremias 4.3; 12.13 e Ezequiel 28.24. Em todo caso, uma conotação ruim é ligada à

natureza destas plantas (ver tb. Mt 13.7; Hb 6.8).

A morte física não seria imediata, mas seria inevitável, **porquanto és pó e em pó te tomarás** (19). O tipo imediato de morte que o homem sofreu foi espiritual: separação de Deus.

Em 3.14-19, encontramos retratada “A Maldição Causada pelo Pecado”. 1) Na serpente, 14; 2) Na mulher, 15,16; 3) Em Adão, 17,19.4) Na terra, 17b,18 (G. B. Williamson).

9. *A Expulsão do Jardim do Éden* (3.20-24)

Na melancolia sombria do julgamento havia raios de esperança e misericórdia. O homem podia ver a possibilidade de um futuro através de sua esposa. Agora ele a chama **Eva** (20), que significa “vida”, pois dela viria uma posteridade.

Misericordioso, Deus providenciou para eles **túnicas de peles** (21). Estas indumentárias podem ter vindo de animais sacrificados, ainda que o texto não o diga especificamente.

Há um toque de ironia na observação divina de que este casal humano **é como um de nós** (22). A preposição **de** (*min*) destaca uma nítida distinção entre Deus e o homem em vez de mostrar identidade. Está em contraste com **como um**, que denota unidade. O homem e a mulher tinham buscado ser como Deus, que sabe **o bem e o mal**, como seres que são soberanos. Mas nunca poderiam alcançar este *status*. Eles só possuíam o fôlego (2.7) e a imagem (1.26,27) de Deus. Por conseguinte, sua intrusão em um âmbito que não era deles foi uma negação do seu estado de criatura e uma rebelião contra a singularidade do Criador. O homem tinha de ter o acesso impedido à **árvore da vida** para que ele não se fixasse na rebelião.

Os **querubins** (24) são seres angelicais que representam o poder de Deus e estão relacionados com seu trono. Duas figuras de querubins estavam na tampa da arca (Êx 25.18-22; 37.7-9), e muitos estavam entretecidos nas cortinas do tabernáculo (Êx 26.1,31; 36.8,35) e esculpidos nas paredes e portas do templo (1 Rs 6.23-35; 2 Cr 3.10-13).

Ezequiel os descreveu com a combinação de quatro faces: um leão, um boi, uma águia e um homem, com mãos de homens, pés de bezerros e quatro asas (cf. as quatro criaturas de Ap 4.6-8). Estas criaturas foram incumbidas com a tarefa de deter o acesso do homem à **árvore da vida** enquanto este estiver carregado com o fardo do pecado.²⁰

C. O Assassinato e seu Resultado, 4.1-24

Um aspecto terrível do pecado é que ele não pode ser isolado nem obliterado facilmente. Executa progressivamente sua obra devastadora na sociedade, de geração em geração. O pecado de Adão e Eva não causou infortúnio apenas para suas vidas; passou de pai para filho, de época para época. A história no capítulo 4 ilustra dolorosamente este fato e as genealogias ampliam as repercussões do mal por todas as gerações.

1. *O Assassinato de um Irmão Crédulo* (4.1-16)

Na estrutura geral, esta história é muito semelhante à anterior. Tem um cenário (4.1-5), um ato de violação (4.8), uma cena de julgamento (4.9-15) e a execução da sentença (4.16).

A história dos primeiros dois rapazes nascidos a **Adão e Eva** (1) realça as repercussões do pecado dentro da unidade familiar. Os rapazes, **Caim e Abel** (2), tinham temperamentos notavelmente opostos. Caim gostava de trabalhar com plantas cultiváveis. Abel gostava de estar com animais vivos. Ambos tinham uma disposição de espírito religioso.

Os filhos de Adão levaram sacrifícios ao **SENHOR** (3), o primeiro incidente sacrificial registrado na Bíblia.

Que **Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura** (4) não quer dizer necessariamente que animais são superiores a plantas para propósitos sacrificais. Por que **atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta** (5)

fica evidente à medida que a história se desenrola.

A primeira pista aparece quase imediatamente. Caim não suportava que algum outro ficasse em primeiro lugar. A preferência do Senhor por Abel encheu Caim de raiva. Só Caim podia ser o “número um”.

O Senhor não estava ausente da hora da adoração. Ele abordou Caim e lhe deu um aviso. Deus não o condenou diretamente, mas por meio de um jogo de palavras informou Caim que ele estava em real perigo. Em hebraico, a palavra **aceitação** (7) é, literalmente, “levantamento”, e está em contraste com **descaiu** (6). Um olhar abatido não é companhia adequada de uma consciência pura ou de uma ação correta. O ímpeto das perguntas de Deus era levar Caim à introspecção e ao arrependimento.

Se Caim tivesse feito **bem** (7), com certeza Deus o teria graciosamente recebido. Mas, e se Caim não tivesse feito bem? Esta era a verdadeira questão que Caim ignorava, pois ele lançava a culpa em Abel. A ameaça à sua vida espiritual não estava longe. O pecado estava bem do lado de fora da **porta**, pronto para levar Caim à ruína.

Precisamos examinar duas palavras no versículo 7. A palavra traduzida por **pecado** (*.hatfat*) pode significar **pecado** ou oferta pelo pecado. A última opção está fora de questão, porque a presença fora da **porta** não parece ser útil; é sinistra. A palavra **jaz** (*robesh*) é um substantivo verbal. O problema para o tradutor é: Esta palavra serve de verbo, **jaz**, ou de substantivo, dando o sentido: “O pecado está de tocaia”?

E. A. Speiser destaca que o acádio, uma das origens do hebraico bíblico, tem basicamente a mesma palavra, *rabishum* (note que as primeiras três consoantes são as mesmas), que significa “demônio”. Esta história bíblica vem do mesmo local geográfico; assim, se considerarmos que *robesh* é um empréstimo do acádio, a solução está à mão.²¹ O texto descreve o pecado como um demônio malévolo, pronto para se lançar sobre Caim se este sair da presença de Deus sem se arrepender. Deus graciosamente ofereceu a Caim o poder de vencer o pecado: **Sobre ele dominarás.**

A última porção do versículo 7 pode ser parafraseada: “Tu deixaste o

fogo da raiva arder por dentro; por conseguinte, quando tu deixares meu domicílio, o pecado te tomará. E melhor dominares a raiva para que a destruição não te vença”.

Mas Caim saiu da presença de Deus e a raiva se transformou em ciúme, o qual, por sua vez, se tornou em ódio assassino junto com um plano ardiloso. No campo, um dia a ação má foi executada — **Caim... matou** (8) Abel deliberadamente e sem provocação.

Mas Caim não pôde evitar o **SENHOR (9)**. Logo se desenvolveu a cena de julgamento. **A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra (10)** é vivida expressão idiomática que significa: “Tu podes tentar esquecer teu ato de violência, mas eu não posso. O que quer que aconteça com meus filhos é questão de preocupação pessoal para mim”. O privilégio de cultivar a vida vegetal foi tomado de Caim e ele foi banido para o deserto, a fim de ser **fugitivo e errante (12)**.

A exposição do seu pecado mudou Caim. O ódio arrogante se tornou em medo covarde misturado com autopiedade. Ele estaria suscetível do mesmo destino que desferiu ao irmão. Não pôde nem suportar o pensamento. Mas Deus não escarneceu dele. Mais uma vez sua misericórdia suavizou o castigo. **Pôs o SENHOR um sinal em Caim (15)**. Assim, Caim partiu para enfrentar uma vida totalmente nova, longe de Deus. A designação **terra de Node (16)** significa “terra de vagueação”, e não parece ser o nome de uma região específica que não seja sua direção geral para a **banda do oriente do Éden**.

De 4.2-9, G. B. Williamson analisa “Caim e Abel”. 1) A diferença nos homens — até entre irmãos, 2b,5b,6,8,9; 2) A diferença significativa nas suas ofertas, 3-5a (cf. Hb 11.4); 3) Eis uma revelação da bondade e severidade de Deus, 7a.

2. Os Descendentes de Caim: Criativos mas Impiedosos (4.17-24)

A importância de Caim foi exaurida, e a linhagem de sua posteridade rebelde é incompletamente apresentada em forma genealógica abreviada.

A esposa de Caim foi, implicitamente, uma irmã (cf. 5.4) que partiu com ele para o exílio. Caim começou a construir uma habitação fortalecida, **uma cidade** (17), e orgulhosamente a chamou de **Enoque**, o nome do seu primeiro filho. A procura de Caim e seus filhos por segurança estava simbolizada pela construção de muros pesados, a pro-criação de muitos filhos com esposas múltiplas e o poder da perícia profissional, do armamento e do ódio. O primeiro poema da Bíblia (23,24) serve de ilustração da amargura feroz que envenenou o espírito destes homens. O significado do versículo 23 é: “Matei um homem [meramente] por me ferir e um jovem [só] por me golpear e me ferir” (BA). Alcançaram o pico da habilidade e realização, mas também se chafurdaram nas profundezas do mal.

D. A Expansão de um Novo Começo, 4.25—6.8

No Livro de Gênesis, as linhas de pensamento ou grupos de indivíduos menos importantes recebem pouca atenção para logo serem descartados. O interesse é focalizado nas doutrinas ou pessoas que são centrais aos procedimentos redentores de Deus com o homem. ⁸

2. Abundância de Anos, mas Escassez de Fé (5.1-32)

Os versículos 1 e 2 são uma sinopse de 1.27,28, e na forma há a forte sugestão de que esta genealogia é uma unidade em si mesma. A verdadeira meta do ato criativo de Deus era que o homem fosse **à semelhança de Deus (1)**. Essa **semelhança** foi corrompida pelo pecado no jardim do Éden. A **semelhança** foi torcida até nas realizações culturais dos descendentes da linhagem de Caim. E Sete não era verdadeiramente **à semelhança de Deus**. Ele possuía o estado corrompido do homem pecador, porque era **à semelhança** de Adão. Não há número de anos na terra que mude esse fato. O resultado do pecado era morte física, e o único modo de a pessoa evitar esse destino foi ilustrado na vida de Enoque. Ele **andou... com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou** (24). A única fuga da morte era pela comunhão íntima com Deus, junto com um ato de livramento do Todo-poderoso. Exceto por isso, todos deveriam morrer (e.g., 5,8,11).

Uma comparação das genealogias em ambos os Testamentos logo deixa claro várias características. São genealogias altamente seletivas e não alistem necessariamente toda geração. Um estudo de “pai” e “filho”, que só pode ser feito adequadamente em hebraico, revela que estes termos podem ser aplicados, respectivamente, a qualquer antepassado ou a qualquer descendente. O papel das genealogias na Bíblia nem sempre é fornecer uma cronologia histórica; sua função varia de lugar para lugar.

É interessante observar um ponto de comparação entre a linhagem de Caim e a linhagem de **Sete**. O sétimo depois de Caim foi Lameque, que era o epítome da hostilidade furiosa, embora seus três filhos fossem gênios criativos. O sétimo na linhagem de Sete foi o piedoso **Enoque**, que **Deus para si... tomou**. **Noé** (29), o décimo na linhagem de Sete, e seus três filhos começaram uma nova população depois do dilúvio.

Não há modo fácil de explicar a longa extensão de vida atribuída aos patriarcas relacionados no capítulo 5. A vida mais curta é de Lameque, 777 anos. A mais longa é de Metusalém, 969 anos. Estudiosos conservadores tomam uma de duas possíveis interpretações. Alguns (notavelmente John Davis, na sua obra muito consultada *Dicionário da Bíblia*, e mais recentemente Bernard Ramm) sugerem que os nomes representam o homem individual e o seu clã. Um paralelo bíblico é encontrado em Atos 7.16, onde o nome “Abraão” se refere à sua família ou clã, visto que o procedimento informado ocorreu depois da morte do patriarca. Outros destacam que nos primórdios da raça, antes que o pecado prolongado e persistente reduzisse a vitalidade humana e as doenças se desenvolvessem ao ponto em que estão hoje, idade avançada e vigor longo eram bem possíveis.

3. *A Grande Apostasia* (6.1-8)

As genealogias de Caim e de Sete são coroadas por uma história, que é veemente em sua acusação. Extensa controvérsia ainda gira em torno desta passagem.

Um aspecto do problema centraliza-se no significado da frase **os filhos de Deus** (2). Pela razão de esta frase aparecer em Jó 1.6; 2.1; 38.7 e Daniel 3.25 como designação a seres divinos ou anjos, argumenta-se que os anjos caídos vieram à terra e se casaram com mulheres (cf. SI 29.1; 89.6, onde “poderosos” e “filhos dos poderosos” aludem a Deus).²² Contudo, em nenhuma parte das Escrituras há a descrição de seres divinos corrompendo o gênero humano. Eles sempre são benéficos em suas relações com o homem. Jesus foi claro em declarar que os que serão ressuscitados “nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu” (Mt 22.30). Por conseguinte, esta visão é contrária ao teor geral da Bíblia.

A presença muito difundida de histórias mitológicas entre os antigos pagãos, remontando aos hurritas (1500-1400 a.C) e descrevendo deuses e deusas da natureza engajados em relações ilícitas entre si, levam alguns a advogar que esta passagem é um conto mitológico. Contudo, admite-se prontamente que mitologia erótica não aparece em outros lugares na Bíblia. Por isso, os estudiosos concluíram que o escritor de Gênesis alterou um conto mitológico e, com um jeito envergonhado, o apresentou como justificação para o julgamento de Deus que logo viria.²³

Outro ponto de vista popular é que os **filhos de Deus** eram descendentes de Sete. De importância aqui é a palavra **Deus** (*ha'elohim*), que em outros lugares no Antigo Testamento significa “o único Deus verdadeiro” e, assim, o distingue das deidades pagãs. Este ponto de vista parece tornar impossível a teoria mitológica.

Na verdade, não se pode discutir que o conceito de uma relação filial entre Deus e seus adoradores seja estranho ao Antigo Testamento. Esta questão não se apóia em uma frase precisa; apóia-se em um conceito.²⁴ Em referência ao verdadeiro Deus há uma declaração em Deuteronômio 32.5, que diz: “Seus filhos eles não são, e a sua mancha é deles” (hb., *banaw*, “filhos dele”). Também em referência a Deus, o salmista (SI 73.15) disse: “Também falarei assim; eis que ofenderia a geração de teus filhos” (hb., *banayka*, “teus filhos”). E certo que nestes contextos “seus filhos” e “teus filhos” são equivalentes a **filhos de**

Deus. E de forma mais clara, Oséias (Os 1.10) disse acerca de Israel: “Se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus [*’el hay*] vivo”. No pensamento do Antigo Testamento, *heelohim* e *’el hay* quase não poderiam ter sido dois deuses distintos. Repare também em Oséias 11.1 a frase “meu filho”, que se remonta ao Senhor.

No Novo Testamento, a expressão “filhos de Deus” ocorre em referência a seres humanos em João 1.12; Romanos 8.14; Filipenses 2.15; 1 João 3.1 e Apocalipse 21.7. Estas passagens do Novo Testamento não são extraídas do paganismo, mas estão solidamente baseadas no conceito do Antigo Testamento mencionado acima.

A conclusão de que os adoradores do Senhor (4.26) da linhagem de Sete também eram os **filhos de Deus** preenche de maneira natural a lacuna entre as genealogias e o dilúvio. Estes homens não escolheram suas esposas com base na fé, mas por impulso, sem consideração pela formação religiosa. Seguiu-se corrupção após esta vida devassa e Deus reagiu com ira divina.

A palavra hebraica traduzida por **contenderá** (3, *yadon*) tem vários significados. A formação verbal pode aludir a raízes que significam “permanecer, ser humilhado” ou, remetendo-se ao acádio, “proteger, servir de proteção”. Contender, trabalhar, esforçar-se ou proteger se ajustam bem ao contexto. O homem não devia sentir-se mimado, **porque ele também é carne**. Ele foi posto em provação por **cento e vinte anos**.

Em 6.3, há o pensamento interessante “Não para Sempre”. 1) O Espírito de Deus contende com o homem; 2) O Espírito nem sempre contenderá; 3) O homem pode achar graça aos olhos do Senhor, 8 (G. B. Williamson).

A tradução **gigantes** (4, *nefilim*) remonta à Septuaginta. O contexto do outro exemplo onde a palavra aparece (Nm 13.33) sugere estatura incomum, mas na verdade o tamanho físico não tem nada a ver com o significado da palavra. Literalmente, o termo *nefilim* significa “os caídos ou aqueles que caem sobre [atacam] os outros”. Em todo caso,

eram indivíduos malévolos. Eles precederam e coexistiram com o ajuntamento dos **filhos de Deus** e das **filhas dos homens**. Nada no texto apóia a idéia de que eles eram descendentes deste ajuntamento que os rivalizavam como **varões de fama**, ou seja, homens de notoriedade e renome.

A reação de Deus aos assuntos da sociedade humana aumentava de intensidade à medida que a corrupção pecaminosa se tornava dominante em escala universal. A degradação do homem estava interiormente completa, **era só má continuamente** (5).

A frase **arrependeu-se o SENHOR** (6), e outras semelhantes (ver Ex 32.14; 1 Sm 15.11; Jr 18.7,8; 26.3,13,19; Jn 3.10), incomoda muitos estudiosos da Bíblia. O conceito comum de arrependimento está relacionado com afastar-se de atos imorais. Assim, uma mudança de direção, de caráter e de propósito é inerente no ato.²⁵ Duas passagens no Antigo Testamento asseveram definitivamente que Deus não mente e se arrepende como o homem (Nm 23.19; 1 Sm 15.29). Um estudo das passagens relacionadas acima mostra que o arrependimento divino não brota da tristeza por más ações feitas. As mudanças na relação do homem com Deus resultam em mudanças nos procedimentos de Deus com o homem. Quando o homem se afasta de Deus para o pecado, Deus muda a relação de comunhão para uma relação de repreensão julgadora. Quando o homem se afasta do pecado para Deus, este estabelece uma nova relação de comunhão. Este é o *arrependimento* divino. Em nosso texto (6), Deus muda de comunhão para julgamento.

As mudanças de relacionamento que Deus executa nunca são descritas no Antigo Testamento como algo impessoal ou passivo. Deus sempre está profundamente envolvido. Visto que a mudança de relação é pessoal, que melhores termos humanos se usariam do que expressões profundamente emocionais? Assim, **pesou** a Deus **em seu coração**. Quando o homem peca, Deus julga; mas Ele também sofre intensamente.

Deus não se gloriou no ato de julgamento implementado a seguir. Toda palavra do pronunciamento está imbuída de agonia. **Que criei**

(7) sugere “Todos os produtos da minha criatividade amorosa devem ser destruídos, exceto um”. Só um homem era adorador de Deus: **Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR** (8).

De 6.5-8, G. B. Williamson analisa “O Dilúvio”. 1) O julgamento pelo pecado é inevitável, 5-7; 2) A justiça é indestrutível, 8; 3) A fidelidade de Deus aos homens que confiam e obedecem é inalterável, 8.

E. A Corrupção Universal e Seu Resultado, 6.9—11.26

Um indivíduo se destaca novamente como objeto principal da preocupação de Deus. Depois de livrar Noé e sua família do “dia da destruição”, Deus estabeleceu uma relação de concerto com eles. Mas as promessas de guardar o concerto ainda estavam soando quando entrou a profanação para turvar o relacionamento, e as coisas não melhoraram com o aumento e difusão da posteridade por toda a terra. Parece ser triste repetição de uma velha história. [9](#)

A seqüência da história é composta de cenário (6.9-12), uma série de ordens (6.13— 7.5), a execução do julgamento (7.6-24), a dilatação da misericórdia (8.1-22) e um concerto (9.1-17).

a) *Um Justo em um Mundo Corrupto* (6.9-12). Imediatamente, **Noé** (9) é definido como indivíduo incomum, embora as características associadas a ele não sejam incomuns entre os homens de Deus no Antigo e Novo Testamento. Ele era **justo** (*tsadik*), ou seja, vivia de acordo com um padrão, marcando a vida com obediência a Deus e interesse pelo gênero humano. Ele era **reto** (*tamim*), isto é, era indiviso em sua lealdade, orientada em direção a uma meta definida e motivado por paixão controladora.²⁶ Como Enoque (5.24), **Noé** andava com Deus, ou seja, desfrutava de comunhão ininterrupta e íntima com Deus. Este andar infundia as características anteriormente mencionadas com uma ternura e profundidade de relação interpessoal com Deus que transcende a religião formal.

A condição moral da geração de Noé não só se contrasta com a vida de Noé, mas elucida os termos que a descrevem. A corrupção do povo se destacava como o oposto da justiça de Noé. Noé exibia fidelidade e

conformidade à vontade de Deus; o povo não. A autenticidade de Noé, sua qualidade de vida sadia (*tamim*) era radicalmente diferente da **violência** (11, *chamas*) que permeava a sociedade dos seus dias. Uma comparação dos versículos 11 e 12 com o versículo 5 indica que esta **violência** era interior, severamente contaminada com imaginações imorais e tendências corruptas.

A declaração **viu Deus** (12), não significa que Ele precisou de informação, mas que a situação na terra era de sua grande preocupação e exigia sério exame. Note significados semelhantes desta frase em 30.1,9 e 50.15. Em cada caso, uma avaliação da situação resultou em decisão e, depois, em ação.

b) *O Julgamento de Deus sobre a Raça Humana* (6.13—7.5).
Apalavra divina: **O fim de toda carne é vindo perante a minha face** (13), ressoou como toque de morte pela consciência de Noé. O fato de a **terra** estar **cheia de violência** não podia continuar sem controle. Deus tomou a decisão e estava pronto para passar à ação. A falta de lei do povo estava desenfreada, assim a punição tinha de ser drástica. O gênero humano e sua casa, a **terra**, seriam destruídos. A terra foi destruída no sentido de deixar de sustentar vida no decorrer da duração do dilúvio.

O julgamento não devia ser privado da oportunidade de salvação. Noé recebeu orientações específicas. Ele tinha de tomar **madeira de gofer** (14) e construir uma estrutura grande e semelhante a uma caixa. Não se sabe como era realmente a **madeira de gofer**, mas o **betume** era material asfáltico razoavelmente comum no vale mesopotâmico. Aceitando-se o côvado de aproximadamente 45 centímetros de comprimento, a arca teria cerca de 137 metros de comprimento, 22 metros de largura e 13 metros de altura. A ventilação era fornecida por uma **janela** (16) ou abertura de luz, que pode ter sido espaçada ao redor da extremidade do topo. Quanto à questão dos detalhes construtivos, o texto diz pouco. Uma **porta** estava do lado da arca, mas não há indicação de qual era a relação da porta com os três níveis da arca.

Um dilúvio de águas (17) foi o expediente do julgamento, mas um

pacto (18) seria estabelecido com Noé (ver **9.9-17**). Esta é a primeira vez que a palavra pacto (ou concerto) aparece no Antigo Testamento. Em passagens posteriores é o modo preferido de descrever a relação pessoal entre Deus e as pessoas com quem Ele escolheu ter uma relação especial. Neste caso, Noé e sua família imediata, inclusive noras, foram os poucos escolhidos. Neste ponto, a relação de concerto era apenas uma promessa.

Em seguida, o Senhor informou a Noé que ele tinha de colocar casais de pássaros e animais na arca. Atrase **conforme a sua espécie** (20), também encontrada em 1.21,24,25 em referência aos animais, é vaga no que tange às pretensas classificações de animais. Só os grupos gerais são especificamente mencionados: **aves** (20, *of*), **animais** (*behemah*) e **réptil** (*remes*). Atualmente, as “espécies” de animais são de aproximadamente um milhão. Seria erro presumir que o povo de antigamente pensasse em espécies de animais no mesmo sentido. O conceito pode estar mais próximo aos termos “classes, ordens, famílias ou gêneros”, mas hoje não há meio de determinar a questão. A arca também foi abastecida com **comida** (21).

Ainda que a palavra de Deus fosse incomum, Noé seguiu obedientemente as instruções. Em Hebreus 11.7, há a observação de que Noé “temeu” quando obedeceu a Deus. Pedro o chamou “pregoeiro da justiça” (2 Pe 2.5).

De 6.9-22, Alexander Maclaren pregou sobre “O Santo entre Pecadores”. 1) O santo solitário, 9-11; 2) A apostasia universal, 11,12; 3) A dura sentença, 13; 4) A obediência exata de Noé, 22; 5) A defesa da fé, 7.21-23.

Depois que a arca estava pronta, o **SENHOR** (7.1) apareceu a **Noé** outra vez. Ele foi elogiado por sua obediência identificada pela palavra **justo**. O que **Noé** fez contou com a aprovação de Deus.

A lista dos animais que entram na arca faz distinção entre **animal limpo** (2) e **animais que não são limpos**. Os animais limpos, em sentido ritualista, foram privilegiados para entrar **sete e sete**. Se o significado é sete pares ou três pares mais um indivíduo extra não

está claro. Dos animais não limpos só um par de cada um foi permitido. Não é feita classificação entre **aves** (3) imundas e limpas, mas também tinham de entrar **sete e sete**. Noé teve **sete dias** (4) para carregar a arca antes do início do julgamento. Este viria na forma de um dilúvio que destruiria o homem e os animais. Noé obedeceu prontamente à mensagem de Deus em todos os detalhes.

c) *O Dilúvio* (7.6-24). Na época desta catástrofe, **era Noé da idade de seiscentos anos** (6). A descrição da entrada na arca é de um evento tranqüilo e ordeiro, que se deu do modo como Deus ordenou que fosse feito. De acordo com o tempo estabelecido, vieram as **águas do dilúvio** (10).

A segunda anotação cronológica menciona o mês e o dia quando irrompeu o dilúvio. A fonte das águas era dupla: jorraram *de baixo*, do **grande abismo** (11), e se derramaram *de cima*, pelas **janelas do céu**. Esta brevidade de descrição ocasiona uma avalanche de conjecturas relativas ao significado destes termos.²⁷ A Bíblia se contenta em apenas dizer que esta turbulência continuou por **quarenta dias e quarenta noites** (12). Antes do início do dilúvio, Noé e sua família, com os animais, já estavam na arca conforme a ordem divina. Deus, então, fechou a porta de forma que a arca flutuou com segurança sobre as águas em formação que **cresceram grandemente** (18) até cobrirem **todos os altos montes que havia debaixo de todo o céu** (19).

As águas subiram **quinze côvados** (20), distância de cerca de 6,75 metros, mas não informa se esta medida era do cume da montanha mais alta até à superfície das águas ou de algum outro ponto de partida.²⁸

As águas cumpriram seu propósito mortal, destruindo as criaturas que estão mais à vontade **no seco** (22) do que em cima ou dentro d'água. A destruição é acentuada duas vezes (21,23), pois o julgamento era assunto apavorante. Somente os que estavam na arca escaparam da fúria da tempestade, cujas conseqüências perduraram

por um total de **cento e cinquenta dias** (24).²⁹

1

O Ato Inicial (1.1,2)

2

Em resposta à pergunta “Quem fez todas as coisas?”, a Bíblia declara ousadamente: **Deus... criou** (1). Em resposta à pergunta “Quem é anterior e maior que todas as coi

3

sas?”, com igual ousadia a Bíblia anuncia: **No princípio... Deus.**¹ O céu e a terra não são Deus nem deuses; nem é Deus igual à natureza. Deus é o Criador e a natureza é seu trabalho manual.

4

Embora feita por Deus, a terra não estava pronta para o homem. Ainda estava em desordem, **sem forma e vazia (2)**, e não havia luz. Contudo, havia atividade. **O Espírito de Deus** se movia continuamente sobre a face **das águas**.

5

O Dia dos Dois Luminares (1.14-19)

6

Os pagãos adoravam o sol, a lua e as estrelas como deuses e deusas de poder formidável. Na narrativa deste dia da criação, o **luminar maior (16)** e o **luminar menor** nem mesmo são nomeados. Em poucas sentenças hábeis, o autor descreve a criação des-

7

O Dia do Santo Descanso (2.1-3)

Os primeiros três versículos deste capítulo pertencem apropriadamente ao conteúdo do capítulo 1, visto que trata do sétimo dia na série da criação. Durante seis dias, Deus esteve criando e formando a matéria inorgânica, as plantas, os animais e o homem. De certo modo, tudo isso ocupa e está relacionado com o espaço. O homem recebeu a ordem específica de sujeitar o que se encontrava no âmbito espacial. Deus inspecionou tudo e considerou muito bom; Ele concluiu tudo que quis criar.

[8](#)

O Terceiro Filho de Adão (4.25,26)

O rapaz que substituiu o Abel assassinado recebeu um nome bem adequado. **Sete** (25) significa “designado ou colocado”, o que indicava a misericórdia de Deus. Ele deu a Adão e Eva um filho que preservaria a fé no único Deus verdadeiro. Foi nesta família que o fogo da verdadeira adoração foi luminosamente mantido aceso. Aqui estava a base para a esperança de que a piedade era possível entre os homens.

[9](#)

As Façanhas do Justo Noé (6.9—9.17)

Embora esta história seja popularmente conhecida como “A História do Dilúvio”, há poucos detalhes sobre o dilúvio em si. O foco principal está nas relações de Deus com o gênero humano, sobretudo com aqueles com quem Ele escolhe tratar diretamente, e nas respostas que dão às afirmações que Ele faz acerca deles. Noé é o personagem proeminente da história e sua obediência é de importância para o ato de salvação de Deus e não apenas para julgamento.

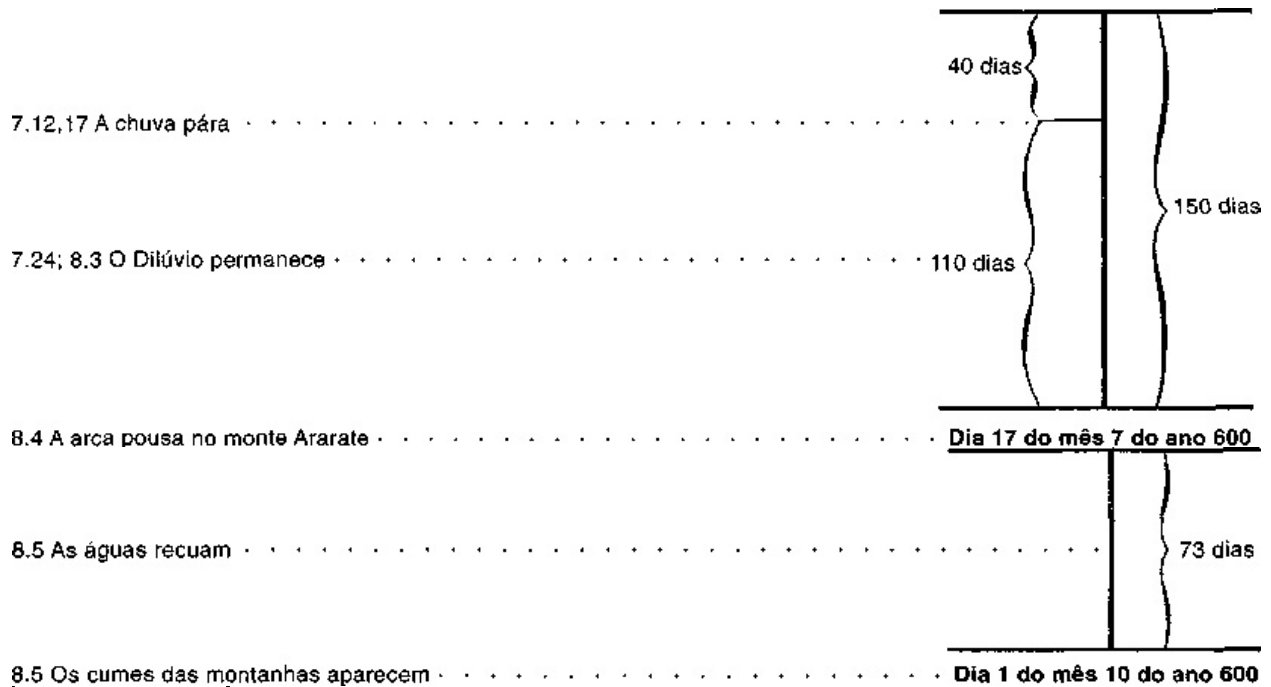
A Cronologia do Dilúvio

Gênesis 7 e 8

7.6 Idade de Noé (600 anos)

7.7-10a Carregando a arca.....| \ 7 dias

7.10b, 11 A chuva começa.....^ia 17 do mês 2 do ano 600



40 dias	)
7 dias i	; 90 dias
7 dias !	t
36 dias <	)

Dia 1 do mês 1 do ano 601

8.6,8,9 Noé abre a janela e liberta uma pomba (que volta).....

8.10,11 Pela segunda vez, Noé envia uma pomba (que volta com uma folha no bico)

8.12 Pela terceira vez, Noé envia uma pomba (que não volta).....

8.13 As águas finalmente se escoam



57 dias

Dia 27 do mês 2 do ano 601

8.14 Terra seca; todos saem da arca

Tempo total do Dilúvio: um ano e dez dias

d) *Mas Deus se Lembrou* (8.1-19). A declaração **lembrou-se Deus** (1) é como um raio de luz em uma cena escura. Violência e corrupção trazem uma colheita de destruição, mas a obediência fiel de uns poucos evoca expressões de bondade do Juiz celestial. O dilúvio não ia durar para sempre, nem aqueles que estavam na arca iam ficar nela como se estivessem numa prisão. Uma vez mais, Deus agiu, fazendo soprar um vento seco por sobre as águas, que continuamente retrocederam do cume das montanhas. Logo, a **arca** (4) encalhou nos montes de **Ararate**, uma cadeia de montanhas na Turquia oriental. Lentamente, os **cumes dos montes** (5) mais baixos foram aparecendo. Quando **abriu Noé a janela da arca** (6) e enviou a **pomba** (8), ainda não havia terra seca para ela pousar, por isso **voltou... para a arca** (9). Uma semana depois, ele enviou novamente a **pomba** (10), que voltou com **uma folha de oliveira no seu bico** (11).

Depois de **outros sete dias** (12), libertou a **pomba** pela terceira vez. Desta feita, não voltou, instigando Noé a tirar a **cobertura da arca** (13). Ele não permitiu que ninguém sáísse até que a terra estivesse completamente seca, 57 dias depois. Note que no versículo 13, as **águas se secaram** (*harevu*), mas no versículo seguinte a **terra**

estava seca (*yavesah*). A mudança do verbo hebraico indica uma seca mais completa que o esgotamento das águas **de sobre a terra** (13). Em resposta à ordem de Deus, **Noé** (18) abriu a arca e tudo que havia nela veio **para fora da arca** (19).

e) *Sacrifício e Promessa* (8.20-22). Saindo da arca, Noé dirigiu seus pensamentos e ações primeiramente a Deus. Sacrificou no **altar** (20) animais e pássaros limpos, dos quais havia número em excesso (7.2,8,9), e Deus respondeu. Aqui, a frase **cheirou o suave cheiro** (21) não indica que Deus estava sofregamente faminto, mas que estava ciente do ato de Noé e o aprovava.³⁰ Deus toma a resolução interior de não usar um dilúvio outra vez como meio de punição. As razões para tal punição ainda permaneciam, **porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice** (21), mas a misericórdia de Deus impediria um dilúvio como punição. Isto não significa que não haveria mais punições. Enquanto o pecado persistir entre os homens, a punição virá, embora por outros meios. Como sinal da sua decisão, Deus estabeleceu uma regularidade de seqüências naturais que encorajariam o homem a ter esperança no futuro.

f) *O Concerto de Deus com Noé* (9.1-17). Rememorativo de 1.28,29, **abençoou Deus a Noé e a seus filhos** (1), os quais receberam uma ordem igual de povoar a terra. Eles tinham de dominar sobre todas as outras criaturas da terra. Além de vegetais para comer, agora recebem a permissão de comer carne, com certa limitação. Eles não têm permissão de participar de carne na qual fique **sangue** (4). O **sangue** era símbolo da vida, e no homem particularmente não tinha de ser tratado de modo leviano. **Deus fez o homem conforme a sua imagem** (6) e, por isso, tinha uma condição especial.

Tendo esclarecido o papel inigualável do homem sobre a terra, Deus passa a dar mais destaque à sua relação especial com o homem estabelecendo um **concerto** (9) com Noé e seus descendentes. A ênfase deste **concerto** estava na misericórdia e não na punição — misericórdia estendida a todas as criaturas. O fato de um **arco... na nuvem** (13) ser o sinal peculiar deste **concerto** não significa que antes não houvesse arco-íris. Sua estreita associação com a chuva

parece ter sido seu valor primário como sinal do concerto de Deus de que um dilúvio universal não aconteceria novamente. A questão é tão importante que é reiterada seis vezes nos versículos 11 a 17.

As nuances teológicas das experiências de Noé relacionadas ao dilúvio estão implícitas, mas são claras. A origem da dificuldade acha-se na rebelião do homem contra Deus, sua imaginação e propensão ao mal. Deus não tolera o pecado além de certa medida. Há um ponto terminal que resulta em julgamento para o homem, mas não sem dor para Deus (6.6). Deus deu o primeiro passo na preparação do julgamento provendo a subsistência dos que vivem obedientemente na sua presença. Os outros foram julgados porque excluíram Deus de suas vidas. As experiências de Noé descrevem Deus como Senhor completo de todas as forças naturais, algumas das quais Ele usa como ferramentas para julgamento ou salvação. A preocupação de Deus no meio do julgamento é salientada na declaração de que Ele se lembrou daqueles que estavam na arca. Por mais perigosa que lhes fosse a situação, eles nunca estavam ausentes dos pensamentos de Deus. Quando o perigo passou, o Senhor comprovou sua preocupação entrando em relação de concerto pessoal com o homem e criatura, fazendo livremente promessas de misericórdias futuras. A relação de Deus com o homem não estava na natureza de um complexo de forças naturais chamado deuses e deusas caracterizados por capricho e pirraça. Ele é o Deus-Criador que exige retidão e pune a corrupção. Seus procedimentos com o homem são profundamente pessoais.

2. Desintegração Espiritual (9.18—11.26)

A despeito das lições do dilúvio, os homens não foram totalmente verdadeiros a Deus.

a) *Leviandade na família de Noé (9.18-29)*. Noé era lavrador da terra, como fora Caim. Cuidar de plantas se tornou sua grande paixão e entre elas estava a videira. Esta é a primeira vez que a produção de vinho é aludida na Bíblia, e é significativo que esteja ligada com uma situação de desgraça.

Noé pode ter sido inocente, não conhecendo o efeito que a fermentação

causa no suco de uva nem o efeito que o vinho fermentado exerce no cérebro humano. Isto não impediu que a vergonha entrasse no círculo familiar. Perdendo os sentidos, Noé tirou a roupa e se deitou nu. Anudez era detestada pelos primitivos povos semíticos, sobretudo pelos hebreus que a associavam com a libertinagem sexual (cf. Lv 18.5-19; 20.17-21; 1 Sm 20.30).

Um dos filhos de Noé, **Cam** (22), entrou na tenda. Vendo o pai, ele não o ajudou, mas irreverentemente desdenhou a seus irmãos a condição de Noé. Os outros dois filhos imediatamente **cobriram a nudez do seu pai** (23), entrando na tenda discretamente, de costas.

Recuperando os sentidos, Noé ficou sabendo do que aconteceu e falou com seus filhos. Ele deixou Cam sem bênção e concentrou sua reprimenda em Canaã, cujos descendentes historicamente se tornaram um povo marcado por moralidades sórdidas e principal fonte de corrupção para os israelitas. A adoração cananéia de Baal desceu às mais baixas profundezas da degradação moral. Embora os cananeus obtivessem certo poder, como os fenícios, pelo tráfico marítimo no Mediterrâneo, eles nunca conseguiram se tornar grande nação. Quase sempre foram dominados por outros povos.

A bênção colocada em **Sem** (26) tem forte tônica religiosa, e esta linhagem dos descendentes de Noé teve papel importante na transmissão da mensagem de redenção para o mundo. A mais proeminente destas nações foi Israel, a quem foi dada a revelação de Deus preservada na Bíblia. Particularmente no tempo de Davi e Salomão, Israel regeu sobre os cananeus, usando-os na construção do primeiro templo em Jerusalém.

A benção dada a **Jafé** (27) envolvia um jogo de palavras, pois o nome significa “que aumenta”. A linhagem de Jafé se multiplicou e desempenhou um papel superior como portadores de poder político por meio dos persas, gregos e romanos. Evangelizado por Paulo e outros, de todos os povos este foi o mais receptivo ao cristianismo e, assim, veio a habitar **nas tendas de Sem** (27). Fatos poucos significativos ocorreram nos últimos dias de Noé. Como aqueles que o antecederam, ele **morreu** (29).

b) *A Propagação dos descendentes de Noé* (10.1-32). Temos aqui o mesmo procedimento em dar genealogias como no capítulo 5, onde os filhos de Caim são meramente alistados para que a atenção seja concentrada em Sete. As linhagens de Jafé e Cam são contadas brevemente e depois postas de lado. O versículo 5 afirma claramente que esta lista está baseada não só em divisões familiares, mas em distinções nacionalistas e lingüísticas. Embora os nomes remontem a indivíduos, as genealogias se relacionam primariamente com as nações que descendem de Jafé. Eles ocupavam as regiões do norte, estendendo-se pela Turquia, as ilhas do mar Mediterrâneo e no sul da Europa. As línguas destes povos eram principalmente indo-européias.

Pelos registros assírios, **Gomer** (2) foi identificado com os cimérios. **Magogue** é provavelmente termo para designar a todos os nortistas (ver Ez 38.2; 39.1,6), mais particularmente aos habitantes da Turquia oriental, onde aparentemente se situavam **Tubal** e **Meseque**.

Madai era a antiga nação Média que, no século VI a.C., associou-se com os persas para formar o Império Persa. **Javã** era a nação grega jônica que foi proeminente nas obras de Homero. É provável que **Tiras** relacionava-se aos tirsenos gregos que viviam nas ilhas do mar Egeu. Há quem pense que eles possam ter sido os etruscos.

Asquenaz (3) ficava situado possivelmente na cadeia de montanhas do Cáucaso, perto dos mares Negro e Cáspio (cf. Jr 51.27). Pode ter certa relação com o nome mesopotâmico de *Ashguza*, que eram os citas. **Rifate** vivia em Anatólia ou Turquia. **Togarma** parece ser igual ao nome mesopotâmico *Tegarama*, situado perto de Carquêmis, junto ao rio Eufrates. **Elisá** (4) também consta em listas cuneiformes como *Elashiya*, antigo nome de Chipre. **Társis** também pode ter sido Chipre em tempos mais antigos, mas os gregos situavam os *Tartesos* na costa sul da Espanha imediatamente a oeste de Gibraltar. **Quitim**, igual ao grego *Kition*, estava situado em Chipre. **Dodanim** pode ter sido os troianos de Anatólia ou os habitantes de Rodes, ilha do mar Egeu. Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, este nome é soletrado com um r inicial. Em hebraico, os caracteres *der* são quase iguais, sendo facilmente confundidos.

Cuxe (6) está relacionado com duas regiões geográficas diferentes. Este povo se estabelece primeiramente na cidade de Kish, no vale da Mesopotâmia, e depois se torna os cassitas. Parece que alguns deles também migraram para o sul da Arábia, pois todas as famílias alistadas em 10.7 eram habitantes daquela terra. Houve, então, um movimento na Abissínia, na África oriental (a atual Etiópia). Os descendentes de Cuxe, que ficaram no vale da Mesopotâmia, honraram um herói chamado **Ninrode** (8), que construiu um **reino** (10) de cidades-estados proeminentes: **Babel, Ereque, Acade e Calné**. Pelo visto, o título **caçador** (9) se refere à tendência de Ninrode vitimar as pessoas e

explorar os recursos naturais. O **caçador** está em contraste com a palavra semítica comum “pastor”, que designa um regente que tem no coração o bem-estar das pessoas. O reino de Ninrode se estendeu até ao rio Tigre, onde foi construído o último centro do poder assírio, formado por **Nínive, Reobote-Ir, Calá** (11) e **Resém** (12). É interessante que o nome atual das ruínas de **Calá** seja Ninrode.

Mizraim (13) é o nome hebraico para aludir ao Egito, que teve sua origem no vale do Nilo. A oeste do Egito está a terra de **Ludim**, os líbios. Os outros povos alistados no versículo 13 não foram ainda identificados. Sabe-se hoje que **Patrusim** (14) era o povo de Patros, no alto Egito. **Casluim** era a pátria dos **filisteus**, de quem a Palestina obteve o nome. **Caftorim** era o povo de Creta, que também era a pátria original dos filisteus.

Os cananeus se tornaram um povo de fala semítica e eram conhecidos pelos gregos como fenícios. Suas cidades principais foram **Sidom** (15) e Tiro, que ainda existe no moderno Líbano. Por muito tempo os cananeus foram politicamente dominados pelos egípcios. **Hete** seria os hititas, que construíram um centro de poder na Anatólia central (Turquia), mas alguns deles fundaram colônias na Palestina, sendo que a mais conhecida estava em Hebrom (23.23,24). O **jebuseu** (16) representa os habitantes hurrianos de Jerusalém antes de ser tomada pelo rei Davi (2 Sm 5.6-10). O clã do **amorreu** ocupou os altiplanos da Palestina e da Transjordânia. O **heveu** (17) também era um nome

para se referir aos colonos hurrianos da Palestina, mas o grupo **girgaseu** é desconhecido na história.

Todos os povos alistados no versículo **14** viviam no norte de Sidom estendendo-se até ao rio Orontes e estavam, em geral, sob o controle político do Egito nos primitivos tempos do Antigo Testamento. As fronteiras dos **cananeus (19)** abrangiam a região litorânea do Mediterrâneo indo bem ao sul, chegando a Gaza, e estendendo-se abaixo do vale do Jordão até o mar Morto. Esta descrição se harmoniza perfeitamente com resquícios de suas colonizações que duraram de mais ou menos **1750 a.C.** a cerca de **1300 a.C.**, descobertos por arqueólogos na antiga Palestina.

Os filhos de **Eber (21)**, nome que mais tarde ficou restrito somente ao povo hebreu, aqui designa o povo de fala semítica no deserto da Arábia e em torno dele. Porém, **Elão (22)**, que está a leste do vale da Mesopotâmia, não era semita. O povo de **Assur (Assíria)** venceu os sumérios, o povo de Sinar, em cerca de 2200 a.C., e se tornou um império poderoso.

Arfaxade parece situar-se ao nordeste dos assírios. **Lude** se tornou a nação da Lídia. **Arã** se tornou o influente povo aramaico (Síria), cujo idioma e escrita se tornaram o meio de comunicação internacional durante o período dos impérios assírio, babilônico e persa. Damasco era a capital da Síria. **Uz (23)** fica a leste do rio Jordão, ao longo do deserto da Arábia. Jó pertencia a este grupo (Jó 1.1). Nada é sabido sobre **Hui, Ge ter e Más.**

A maioria dos povos mencionados com **Joctã (25)** é desconhecida, mas inscrições árabes falam de **Hazar-Mavé (26)**, de **Obal, Abimael e Sabá (28)**, de **Ofir e Havilá**

(29). Sabá é famosa porque a rainha de Sabá viajou a Jerusalém para ver o rei Salomão (1 Rs 10.1-13). Houve muitos casamentos entre as pessoas destes povos, mas basicamente ocorreu uma divisão entre eles de acordo com grupos lingüísticos. Assim tendemos a falar acerca deles em termos de características de linguagem indo-européia, semítica e camita.³¹

c) *A confusão de línguas* (11.1-9). O cenário desta história curta, mas intrigante, forma-se depois do dilúvio com os descendentes de Noé que se agruparam por uma língua comum e logo começaram a migrar para novos territórios. Cronologicamente, a história está relacionada com as fases mais primitivas de migração, pois 10.25 fala de uma divisão de povos nos dias de Pelegue e 11.8 menciona um espalhamento de clãs. O relato foi colocado depois das três genealogias do capítulo 10 para que sua relação com a profecia de Noé (9.25-27) não fosse perturbada.

Mudando-se da região do monte Ararate, os povos se instalaram em **Sinar** (2), que é o vale da Mesopotâmia, o local dos vestígios mais antigos da civilização por nós conhecido. O vale é banhado pelos rios Tigre e Eufrates, sendo muito fértil.

A história nos conta que, em assembleia, os novos habitantes de **Sinar** tomaram uma decisão totalmente fora da vontade de Deus. O propósito da ação proposta é claro. Queriam fama: **Façamo-nos um nome** (4). E desejavam segurança: **Para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra**. Ambas as metas seriam alcançadas somente pelo empreendimento humano. Não há dúvida sobre a ingenuidade das pessoas. Não tendo pedras, fabricaram em seu lugar tijolos de barro que depois queimaram bem (3). Viram a utilidade do **betume** (asfalto) abundante na área e o usaram **como cal** ou argamassa. Trabalharam com persistência até que houvesse bastante **tijolo** para o projeto de construção.

O interesse principal deste povo estava numa **torre** (4), embora também houvesse a construção de uma **cidade**. A torre ia alcançar os **céus**. Nada é dito sobre um templo no topo da **torre**, por isso não está claro se a **torre** era como os zigurates que houve mais tarde na Babilônia. Havia morros enormes e artificiais feitos de tijolo, alguns elevando-se até 90 metros acima da planície circunvizinha. Colocados no centro das cidades, eram encimados por um templo dedicado a uma deidade pagã e, em inscrições antigas, há a descrição de que chegavam até o céu.

O paganismo estava indiretamente envolvido nesta história, pois

havia um ímpeto construtivo em direção ao céu e o único verdadeiro Deus foi definitivamente omitido de todo o planejamento e de todas as metas. Mas Deus não estava inativo. Ele observava o que estava acontecendo e logo mostrou sua avaliação da situação. O homem não foi criado como ser independente de Deus. Ser “à nossa imagem” (1.26) significava que o homem estava dotado de grandes poderes e que era totalmente dependente de Deus para sua essência de vida e razão de ser.

Há ironia no monólogo do Senhor. Os povos estavam unidos, tinham comunicação aberta entre si, contudo arruinaram estas bênçãos em rebelião contra o Criador. Deus não permitiria ser ignorado, e a loucura da ilusão humana de que posses e atividades criativas eram insuperáveis não ficaria sem confrontação.

O julgamento de Deus logo manifestou estas ilusões. Para demonstrar que a unidade humana era superficial sem Deus, Ele introduziu confusão de som na língua humana. Imediatamente estabeleceu-se o caos. O grande projeto foi abandonado e a sociedade unida, mas sem temor de Deus, foi despedaçada em segmentos confusos. Em hebraico, um jogo de palavras no versículo 9 é pungente. **Babel** (9) significa “confusão” e a diversidade de línguas resultou em balbucios ou fala ininteligível.³²

d) *Alinhagem de Sem* (11.10-26). Esta genealogia é mais seletiva que a de 10.21-32. Parece continuar de onde parou a genealogia no capítulo 5, e tem algumas das mesmas características. Dão-se as idades de vários homens, e como Noé foi o décimo depois de Adão, assim **Tera** (24) foi o décimo depois de **Sem** (10). Três filhos são nomeados com Noé e três filhos são nomeados com **Tera**. Em contraste com a linhagem de Sem em 10.21-32, esta lista traça a linhagem por **Arfaxade** (11), ignorando os outros filhos de Sem. A genealogia inclui os filhos de **Pelegue** (16), que não têm lugar em outra lista. Por meio desta genealogia, a história passa depressa de Noé a **Abrão** (26), o principal personagem da próxima história da redenção.

ABRAÃO, O HOMEM QUE DEUS ESCOLHEU

Gênesis 11.27—25.11

Um dos homens mais extraordinários dos tempos antigos agora é o centro das atenções. Abraão é exaltado como homem de Deus em três importantes religiões no mundo de hoje: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Durante os primeiros anos, seu nome era **Abrão** (27), que significa “pai exaltado”.¹ As histórias relacionadas com sua vida diante de Deus são diretas, apresentando os destaques de suas aventuras espirituais. Mas seus momentos de crise também são registrados, quando a incredulidade lhe golpeou a alma e ele se envolveu em situações desagradáveis com os outros.

A. As Relações da Família de Tera, 11.27-32

Muitos nomes desta curta genealogia ainda persistem em nomes de cidades no alto vale da Mesopotâmia. Provavelmente, as novas cidades receberam os nomes dos primitivos colonizadores, como acontece hoje. Em antigos registros assírios, acha-se um lugar chamado “montículo de Tera”. A cidade de **Harã** (27) existe hoje às margens do rio Balique.

Ur dos Caldeus (28) foi uma das cidades-estados mais ricas já desenterradas das culturas mais antigas do vale da Mesopotâmia. O deus-lua Nanar era adorado ali, e um dos mais famosos reis de Ur foi Ur-Namu. Josué 24.2 declara que a família de Tera adorava ídolos. A cidade foi destruída em cerca de 2100 a.C. e, logo em seguida, ocorreu grande migração para o oeste. Chamavam-se amoritas as famílias que se mudaram para o oeste. A família de Tera estava entre estes migrantes. Planejavam evidentemente ir primeiro à **terra de Canaã** (31), mas foram detidos, pois **morreu Tera em Harã** (32).

B. Estrangeiro em Nova Terra, 12-1—14.24

A resposta de Abrão ao chamado divino de mudar-se para outro país prende a imaginação de muitos pesquisadores como a vontade de

Deus. Sua viagem em fé não foi um conto de fadas fantástico, mas tem a marca qualitativa de luta realista em um mundo hostil. Abrão teve reveses, mas perseverou na busca do que acreditava ser a vontade de Deus.

1. *Ordem e Resposta* (12.1-9)

A estrutura desta história é simples. Há uma ordem misturada com promessa (1-3), o ato de obediência de Abrão (4-6) e a teofania ou aparição de Deus a Abraão marcada por promessa, ao que Abrão respondeu adorando (7-9).

A ordem de Deus era clara, mas severa. **Abrão** (1) tinha de deixar a casa e a **paren-tela** e mudar-se para uma nova terra. Quando chegou à dita terra, os **cananeus** (6) habitavam ali, mas Deus prometeu: **A tua semente darei esta terra** (7). A outra promessa dizia respeito a uma posteridade que se tornaria uma **grande nação** (2).

Os descendentes de Abrão seriam os possuidores da nova terra. Abrão conhecería as bênçãos de Deus e seria conhecido como grande homem. Ele seria canal de **bênção** (2) para os outros. De tal modo Ele estaria relacionado com eles que o destino dessa gente seria determinado pelo modo que o tratassem. Deus seria gracioso com quem o ajudasse e castigaria quem o amaldiçoasse. A influência de Abrão seria mundial, uma graça divina e uma bênção para muitas nações.

Em vez de discutir com Deus, **partiu Abrão** (4), embora fosse **da idade de setenta e cinco anos**. Mas não foi sozinho, pois **Sarai, sua mulher, Ló, filho de seu irmão**

(5), e um grupo considerável de servos o acompanharam. A **terra de Canaã** é atualmente conhecida por Palestina.

A primeira parada importante de Abrão foi em **Siquém** (6; ver Mapa 2; Gn 33.18,19; Js 24.1) ou Sicar (Jo 4.5). Hoje, uma cidade próxima chama-se Nablus. Antigamente, a cidade era importante porque, por ali, passavam duas rotas comerciais: uma leste-oeste e outra norte-sul. Ao norte, o monte Ebal se destacava abruptamente sobre a cidade e, ao sul, o monte Gerizim empinava seu cume. O **carvalho de Moré**

é tradução correta.

Abrão chegou à Terra Prometida; mas outros tinham chegado antes, pois **estavam... os cananeus na terra**. Parecia que a promessa de Deus foi anulada por este fato. Para encorajar Abrão, Deus renovou e fortaleceu a promessa, declarando especificamente: **A tua semente darei esta terra** (7). Em resposta, Abrão construiu um altar e adorou a Deus.

Movendo-se em direção sul, Abrão se fixou em uma montanha entre **Betei** (8; ver Mapa 2) e **Ai**. Este último nome significa “as ruínas”. Recente trabalho arqueológico revelou que este local já estava abandonado por no mínimo 500 anos quando Abrão chegou. As ruínas eram originalmente uma cidade-fortaleza, evidentemente construída pelos egípcios em 2900 a.C. e destruída em cerca de 2500 a.C. Nesta montanha, Abrão construiu outro altar e adorou a Deus. Logo prosseguiu indo **para a banda do Sul** (9).

Nesta passagem (12.1-9), temos “Um Exemplo de Fé”. 1) A ordem e a promessa divina, 1-3; 2) A obediência de fé, 4,5; 3) A vida na terra, 6-9 (Alexander Maclaren).

2. *Em vez de Bênção, um Causador de Problemas* (12.10—13.4)

Deus prometeu que Abrão seria **uma bênção** (2) e que nele seriam **benditas todas as famílias da terra** (3). Mas quando **desceu Abrão ao Egito** (10; ver Mapa 3), por causa de uma **fome** em Canaã, ele estava longe de ser uma bênção para as pessoas daquele país.

A severidade da **fome** levou **Abrão** e sua gente ao bem irrigado delta do rio Nilo em busca de comida para o gado e para as famílias que serviam Abrão. Parece que ele ouviu falar da moralidade desenfreada dos egípcios, pois, movido por medo — **matar-me-ão a mim** (12) —, pediu à esposa, **Sarai** (11), que mentisse sobre o relacionamento que tinham.²

O perigo que Abrão antecipou era real, pois logo os **príncipes** (15) repararam em Sarai e a levaram à **casa de Faraó**. Nessa conjuntura,

Abrão prosperou (16), pois lhe vieram presentes de animais e escravos em abundância.

As coisas não iam tão bem com **Faraó (17)**. Feriu... o **SENHOR a Faraó com grandes pragas e a sua casa**, porque o desejo sexual deste monarca ameaçava exterminar a promessa divina de que Abrão teria uma posteridade. Descobrimos que Abrão não dissera toda a verdade sobre sua esposa, **chamou Faraó a Abrão (18)**, repreendeu-o severamente e o expulsou do Egito.

Foi uma experiência humilhante para Abrão e, apesar da riqueza, seu retorno para Canaã quase não foi uma marcha de vitória. Voltando lentamente para **Betei (3)**, o patriarca se curvou diante do **altar que, dantes, ali tinha feito (4)** e adorou. Sua viagem ao Egito não foi uma bênção para ninguém. **A banda do Sul (1)** seria o “país de Judá” (BA). [1](#)

Neste ponto, Ló não sabia do destino que se abateria sobre a terra que ele acabara de adotar. Mas a história recebe um clima de suspense com a observação de que **Sodoma e Gomorra** seriam destruídas. **Sodoma (13)** é especialmente mencionada como cidade prejudicial à moral, pois **eram maus os varões de Sodoma e grandes pecadores contra o SENHOR**.[1](#)

Em 13.5-13, G. B. Williamson apresenta o tema “A Escolha de Ló”. 1) A escolha de Ló revelou seu caráter, 10,11; 2) A escolha de Ló o levou a Sodoma, 12,13; 3) A escolha de Ló resultou em perda incalculável, 13 (cf. 19.1-28).

Depois da partida de Ló, o **SENHOR** apareceu a **Abrão** e renovou, com acréscimos, as promessas feitas anteriormente **(14)**. Ordenando que Abrão inspecionasse a terra **(15)**, o Senhor lhe disse que tudo era um presente aos seus descendentes, que seriam tão numerosos como o **pó da terra (16)**. Mas Abrão também tinha de reivindicá-la como sua terra, percorrendo-a em todo canto que lhe agradasse.

Imediatamente, Abrão foi para o sul e se instalou nas pastagens férteis em torno de **Hebrom (18)**, que na época chamava-se **Manre**. Foi o terceiro lugar onde o Abrão **edificou... um altar** junto ao qual

adorou o **SENHOR**. Num primeiro instante, a escolha de Ló prometia ser mais lucrativa, mas estava relacionada com uma situação potencialmente explosiva. A generosidade de Abrão parecia ter-lhe sido danosa, se considerada sob a ótica dos costumes da época. Mas, às vezes, decisões difíceis devem ser tomadas quando o homem busca fazer a vontade de Deus. Não obstante, em virtude das promessas e da ajuda do Senhor, o futuro de Abrão garantia lucros profusos.

4. *Crise no Vale* (14.1-24)

Inesperadamente, o perigo proveniente do norte tornou-se realidade na forma de um ataque maldoso de quatro reis. A identificação de **Anrafel** (1) com Hamurábi, importante monarca babilônico, exercia forte atração a certos estudiosos do Antigo Testamento há várias décadas.⁴ Contudo, achados arqueológicos relacionados a Hamurábi o datam depois do tempo de Abraão. **Sinar** era um nome antigo para se referir à Babilônia. **Arioque** é notavelmente semelhante ao antigo nome *Ariukki*, ao norte da Babilônia, na terra dos hurrianos ou horeus. Nada é sabido de um **Quedorlaomer**, mas **Elão** era o nome dos altiplanos a leste do rio Tigre. **Tidal** foi um dos reis hititas chamado *Tudkhula* ou *Tudhaliya*.⁵

Os cinco reis que se uniram em aliança defensiva no **vale de Sidim** (3), região sul do mar Morto, estavam mal preparados para repelir os invasores. Eles se renderam e por **doze anos** (4) foram vassalos dos estrangeiros. Depois se rebelaram e o resultado foi desastroso. Os invasores voltaram e cruelmente mataram os habitantes do alto planalto, a leste do mar Morto (ver Mapa 2). Alguns destes povos eram lembrados como gigantes. Quanto aos **refains** (5), ver Gênesis 15.20 e Deuteronômio 2.11; e também Deuteronômio 3.11, onde o termo é traduzido por “gigantes”. Os **zuzins** eram os mesmos que os “zanzumins” de Deuteronômio 2.20. Quanto aos **emins**, ver Deuteronômio 2.10,11. Pelo visto, o termo **horeus** (6) foi usado para aludir aos habitantes aborígenes de Edom (Gn 36.20; Dt 2.12,22). Estes ficavam perto dos ricos depósitos de minério de cobre na região sul do Arábá, e é lógico que era por este minério que os reis se interessavam primariamente.

Depois das vitórias descritas nos versículos 5 e 6, os reis se dirigiram para o deserto ao sul e oeste do mar Morto, pilhando o fértil oásis de **Cades (7, Cades-Barnéia; ver**

Mapa 3) e destruindo o povoado em **Hazazom-Tamar**, que é a atual En-Gedi. A principal batalha com os reis defensores ocorreu no **vale de Sidim (8)** e acabou em completa derrota e caos. Os vencedores levaram muito saque e muitos escravos, entre os quais estava **Ló** e a sua **fazenda (12)**.

Um fugitivo da invasão contou a **Abrão (13)** o destino de Ló. O patriarca, normalmente amante da paz, reuniu uma companhia de **trezentos e dezoito (14)** homens. Com habilidade e coragem eles conseguiram resgatar Ló, muitos outros cativos e grande parte do saque depois de árdua perseguição de mais de 160 quilômetros em direção norte até Dã (ver Mapas 2 e 3).

Na viagem de retorno a Hebrom, Abrão e sua companhia passaram pela antiga Jerusalém, atravessando o **vale de Savé (17)**, possivelmente o vale de Cedrom. Um grupo dos distintos e gratos líderes da terra o encontrou ali. Pela primeira vez, Abrão provara ser uma bênção aos vizinhos (ver 12.2,3).

Melquisedeque (18), o honorável sacerdote-rei de **Salém** (Jerusalém), deu comida e bebida aos vencedores e pronunciou uma bênção a Abrão (19). O nome **Deus Altíssimo (18)** era, naqueles dias, designação comum da divindade no país da Palestina. Em atenção aos atos do sacerdote-rei, Abrão deu o **dízimo de tudo (20)** a Melquisedeque. **O rei de Sodoma (21)** tinha menos inclinação religiosa. Pediu seu povo de volta, contudo foi bastante generoso em oferecer a Abrão todo saque procedente do combate. Abrão tinha pouco respeito por este homem e respondeu que fizera o voto de não ficar com nenhum bem que pertencesse ao **rei de Sodoma**, para que, depois, isso não fosse usado contra ele por aquele indivíduo repulsivo. Abrão também deixou claro que o seu Deus tinha o título de **SENHOR (22)** e não era apenas outra deidade cananéia. A única coisa que Abrão pediu foi que os soldados fossem recompensados pelos serviços prestados e que seus aliados, **Aner, Escol e Manre (24)**,

tivessem participação no saque.

O caráter robusto de Melquisedeque e seu *status* como respeitado sacerdote-rei tornaram-se significativos em posteriores pronunciamentos sobre o muito esperado Messias. O Salmo 110.4 relaciona o Messias na “ordem de Melquisedeque” e o escritor da Epístola aos Hebreus cita esta porção dos Salmos para mostrar que Cristo é este tipo de ordem sacerdotal no lugar da ordem arônica (Hb 5.6,10; 6.20; 7.1-21).

O escritor de Hebreus enfatiza o significado do nome e *status* de Melquisedeque para assinalar que ele e Cristo eram homens de justiça e paz (Hb 7.1,2). A próxima correlação é um destaque na força e valor pessoal e não na linhagem. Seu ofício não passou automaticamente a outro. Cristo é Sumo Sacerdote e não somente sacerdote, e em vez de dar somente uma bênção, Cristo salva “perfeitamente” (Hb 7.25,26).®

C. O Concerto de Deus com Abraão, 15.1—17.27

Diferente das religiões pagãs dos vizinhos de Abrão, cuja crença era politeísta e centrada na natureza, a crença de Abrão era monoteísta e centrada no concerto. Nem a Babilônia, a Síria ou o Egito conhecia uma religião que fosse pessoal, com uma relação dinâmica operando entre Deus e o homem. Mas Deus estabeleceu tal relação com Abrão e seus descendentes fazendo um concerto com ele.

1. *O Concerto de Deus com Abrão* (15.1-21)

Na sociedade do alto vale da Mesopotâmia fazer concertos era prática comum entre homens e entre nações.⁷ Deus usou esta forma de relação pessoal como meio de transmitir sua revelação a **Abrão (1)** e seus descendentes. A comunicação ocorreu por meio de uma visão na qual o Fazedor do Concerto acalmou o medo de Abrão e se identificou como seu **escudo** e **grandíssimo galardão**. O termo **escudo** denota proteção; e **galardão**, com seus adjetivos, transmite a idéia de graciosidade abundante. As duas palavras representam um Deus que se preocupava muito com as ansiedades que Abrão tinha.

Segue-se um diálogo no qual Abrão revela sua profunda angústia. Deus prometeu que Abrão teria um filho (12.1-7; 13.14-17). Mas não veio nenhuma criança para abençoar sua casa. Por quê? A lei dos hurrianos, prevalecente em torno de Harã, de onde veio Abrão, tomava providências para que um casal sem filhos adotasse um servo para cuidar deles na velhice e enterrá-los. Em troca, o herdeiro adotado receberia a riqueza da família. Evidentemente, Abrão adotara o **damasceno Eliezer** (2), mas ele não estava satisfeito. Esta provisão não correspondia com a promessa que Deus lhe fizera. **Um nascido na minha casa** (3) é tradução correta.

Em resposta a Abrão, o **SENHOR** (4) lhe garantiu que Eliezer não seria o herdeiro, mas que Deus ainda daria a Abrão um herdeiro de quem ele seria o pai. Para reforçar a promessa, Deus ordenou a Abrão: **Olha, agora, para os céus e conta as estrelas** (5). A vasta gama de estrelas que salpicavam o céu seria comparável ao número de descendentes que consideraria Abrão como pai.

A reação de Abrão foi completa rendição à vontade de Deus e a aceitação da promessa como resposta adequada às suas dúvidas. Pela primeira vez na Bíblia ocorre o verbo *crer* (6). Basicamente, significa estar firmemente determinado ou fundamentado. Neste contexto, significa que Abrão se fundamentou na integridade de Deus. Diante disso, Deus aceitou este ato de fé como ato de **justiça** que desconsiderou a dúvida anterior.

Este versículo foi muito importante para Paulo, que o usou para demonstrar em Romanos 4 que crer em Deus é a base para obter salvação e que a justiça é um dom de Deus. Praticamente o mesmo argumento é usado em Gálatas 3 (ver comentários sobre estes vv. no CBB, vols. VIII e EX).

Em **15.1**, é indicada “A Fé de Abraão”. 1) **O** registro da fidelidade: **Depois destas coisas** (cf. caps. 12—14); 2) A recompensa da fidelidade, 1-6 (G. B. Williamson).

O próximo diálogo se concentra na relação da **terra** (7) com a semente de Abrão. Depois de breve referência ao chamado que

anteriormente fizera a Abrão, Deus repetiu a promessa de que a Palestina seria uma casa para os filhos do patriarca. Abrão pediu alguma prova tangível, visto que ele não possuía nada da terra pela qual peregrinava. Foi neste contexto que o concerto foi realmente estabelecido.

Seguindo procedimentos antigos no estabelecimento de concertos, Deus orientou Abrão a preparar três animais — **uma bezerra, uma cabra e um carneiro** (9), os três de três anos — e dois pássaros — **uma rola e um pombinho**. Depois de sacrificá-los, Abrão dividiu as carcaças dos animais e as colocou no chão, vigiando-os para protegê-los de **aves** (10) que se alimentam de carniça. **Pondo-se o sol** (12), Deus apareceu a Abrão na forma de **grande espanto e grande escuridão** (“um terror e medo de estremecer”, BA).

A mensagem do Revelador estava cheia de detalhes acrescentados às promessas anteriores. Sobre a **semente** (13), Deus disse que a posse da terra não seria imediata, mas que os descendentes de Abrão teriam de habitar primeiro em outra **terra**. Lá, seriam escravizados por **quatrocentos anos**, em cujo período eles conheceriam a aflição. Mas Deus julgaria aquela **gente** (14) e libertaria o povo de Abrão.

O próprio Abrão não possuiria toda a terra, mas teria um senso de **paz** (15) na **velhice** e morte. Voltando ao assunto da terra, Deus indicou que os **amorreus** (16), que então a habitavam, tinham de ganhar tempo para demonstrar sua falta de responsabilidade e abundância de iniquidade. A terra não lhes seria arrancada até que o ato estivesse fundamentado em firme base moral.

No momento em que o sol se pôs (17), Deus se manifestou de maneira diferente. Ele simbolizou sua participação e autenticação do concerto passando entre os animais sacrificados como **um forno de fumaça e uma tocha de fogo**. Nas Escrituras, é freqüente o fogo simbolizar a presença de Deus.

O capítulo tem uma observação sucinta, destacando que a promessa de concerto incluía as fronteiras da Terra Prometida. Elas se estenderiam **desde o rio do Egito** (18), o Uádi el-'Arish, a meio

caminho entre a Filístia e o Egito, até **ao grande rio Eufrates**. Em seguida, há uma lista dos dez grupos que habitavam em Canaã nos tempos de Abrão.

De 15.5-18, Alexander Maclaren pregou sobre “O Concerto de Deus com Abrão”. 1) A promessa de Deus, 5,7; 2) A fé triunfante de um homem, 6; 3) A verdade do evangelho: **Foi-lhe imputado isto por justiça**, 6; 4) O concerto reafirmado, 7,13-18.

2. A *Esposa Substituta* (16.1-16)

O tempo passou e **Sarai (1)** continuava sem filhos. Deus não prometeu que o filho viria dela (15.4) e o problema de uma promessa não cumprida permanecia. Na opinião de **Sarai**, a resposta era o costume da pátria de onde vieram. Este costume dizia que a esposa sem filhos tem de oferecer ao marido uma criada para servir no lugar dela. A descendência seria considerada sua.⁸ **Sarai** tinha uma **serva egípcia** chamada **Agar**, que ela ofereceu a **Abrão (2)**. Abrão aceitou a oferta e pouco tempo depois Agar teve um filho.

Emoções profundas e intensas no coração de cada participante estavam emaranhadas com o problema de interpretar uma promessa divina por meio de providências legais. **Agar (4)** ficou arrogante com sua senhora, e **Sarai** ficou amarga e abusiva (5). Indo ao marido, ela o acusou de privá-la dos direitos básicos de esposa e exigiu que tomasse uma atitude. A Bíblia Ampliada traduz o versículo 5a assim: “Que [minha responsabilidade pelo] meu erro e privação de direitos estejam sobre ti!” Era contrário ao costume da pátria de onde vieram as esposas servas mostrarem desrespeito à esposa principal. **Abrão <6>** recusou punir Agar, mas permitiu que Sarai agisse como quisesse.

O mesmo costume que permitia uma esposa substituta não permitia a expulsão desta esposa depois que ela ficasse grávida, qualquer que fosse sua atitude. Mas **Sarai** era diligente. Ela **afligiu-a**, forçando a moça a fugir.

Agar estava a caminho de sua pátria, o Egito, quando o **Anjo do**

SENHOR (7) lhe apareceu numa **fonte** ao chegar ao deserto de **Sur** (ver Mapa 2). Em resposta à pergunta, **Agar** (8) confessou que estava fugindo de **Sarai**. Em vez de mostrar compaixão, o **Anjo do SENHOR** ordenou que a moça voltasse à sua **senhora** (9). Em troca desta submissão ao abuso, Agar recebeu a promessa de numerosa **semente** (10). A criança que nasceria se chamaria **Ismael** (11), como lembrança que Deus ouviu a oração de desespero que ela fez. O filho teria caráter incomum. Ele não se ajustaria bem com a família quieta de Abrão. Ele amaria a vida selvagem e livre do deserto. Poucos seriam os homens que gostariam do seu jeito.

A resposta de Agar foi gratidão e adoração. Deus reparou em sua situação aflitiva e ela ficou grata. Em vez de se ressentir com a ordem, ela fielmente refez o caminho de volta à tenda de Sarai. Em honra de sua grande experiência espiritual, ela deu nome ao poço de **Laai-Roi** (14, “A fonte daquele que vive e me vê”). Ela não resolveu problema algum fugindo. Agora ela enfrentava a dificuldade perante Sarai com coragem e nova esperança.

No devido tempo, o filho nasceu e **Abrão (15)**, evidentemente inteirado da experiência de Agar junto ao poço, chamou a criança **Ismael** (cf. 11). Ele teve um filho, mas não foi quem Deus prometeu.

3. O Sinal do Concerto (17.1-27)

Treze anos se passaram e novamente **apareceu o SENHOR a Abrão (1)**. Típico de ocasiões de estabelecimento de concerto, o Divino se identificou com Abrão. Ele era o **Deus Todo-poderoso** (*El Shaddai*). Não é dado outro detalhe, mas Ele tinha uma ordem para Abrão. Era curta, mas severa: **Anda em minha presença e sê perfeito**. Em ocasião anterior, Enoque ilustrou a primeira parte da ordem vivendo uma vida de completa obediência e aceitação a Deus (5.34). Noé também foi designado perfeito (cf. 6.9), significando que era um homem de vontade única, um homem de integridade. Abrão tinha de ser como estes homens de Deus.

Reagindo à informação que Deus desejava renovar o **concerto** (2) de promessa com ele, **caiu Abrão sobre o seu rosto** (3), tomado pelo

conhecimento de que Deus estava falando com ele. A prostração do patriarca era postura comum em seus dias para mostrar reverência ou temor extremo.

Em 17.1-6, vemos o tema “A Garantia de Deus a Abrão”. 1) Deus é todo-suficiente, 1a,4-6; 2) Deus é Juiz onisciente, 2,3; 3) O ideal eterno de Deus para o homem é a perfeição, 1b (G. B. Williamson).

A mensagem de Deus para Abrão estava dividida em quatro partes: 17.5-8, 9-14, 15,16 e 19-21 — em dois casos entremeados com conversa envolvendo Abrão.

A primeira palavra de Deus reiterou a realidade da relação do **concerto** (4), mas a promessa de uma semente foi aumentada: **Serás o pai de uma multidão de nações**. O concerto foi reforçado pela mudança do nome de Abrão para **Abraão** (5). A promessa foi ampliada incluindo uma posteridade de **reis** (6). Outra adição foi a garantia de que a relação seria perpétua (7). Também seria pessoal, para que a semente de Abraão afirmasse que seu **Deus** era o **Deus** que havia feito o concerto. Isto foi possível, porque o próprio Deus estabeleceu a relação e não porque eles tomaram a iniciativa de buscá-lo. Nova observação também foi acrescentada na promessa da terra: seria **em perpétua possessão** (8).

“A Fé que Espera é Recompensada” é o tema de 17.1-9. 1) O caráter de Deus e o nosso dever, 1; 2) O sinal do concerto, 5; 3) A substância do concerto, 2,4,7,8 (Alexander Maclaren).

A segunda palavra se concentrou na manutenção do **concerto** (9) e no **sinal do concerto** (11). Era uma série de ordens. A estipulação básica foi: **Todo macho será circuncidado** (10). O tempo normal para circuncidar a criança seria aos **oito dias** (12) de vida. Não haveria distinção de classes, pois no concerto quem estava escravizado tinha posição igual aos homens livres. Os servos poderiam participar no **concerto perpétuo** (13), mas diriam a quem não fosse circuncidado: **Aquela alma será extirpada dos seus povos** (14). Até onde se sabe, a instituição do rito da circuncisão entre o povo de Abraão foi o primeiro golpe contra o mal da escravidão e a favor da

igualdade humana diante de Deus.

A terceira palavra dizia respeito à relação de **Sarai** (15) com o nascimento do filho prometido. Este ponto nunca foi esclarecido nas outras conversas entre Deus e Abraão. Ela precisava mudar de nome. A forma mais arcaica **Sarai** seria mudada por nova ortografia, **Sara** (15). Pelo que se sabe, as duas ortografias significam “princesa”. Ela seria uma bênção divina, a mãe de um **filho** (16), e mais, a **mãe das nações** e de **reis de povos**.

Pela segunda vez, **caiu Abraão sobre o seu rosto** (17), mas desta vez ele **riu-se**. A idade dele e da esposa impediriam o cumprimento de tal promessa. Com certeza seria melhor pensar em termos do bem-estar de **Ismael** (18). Mas **Deus** era insistente. **Sara** seria mãe, e o nome do filho seria **Isaque** (19). Aqui há um jogo de palavras, pois **Isaque** significa “risada”. Aquilo que parecería cômico do ponto de vista humano seria mesmo a realidade.

Quanto a **Ismael** (20), Deus tinha planos para abençoá-lo como o ascendente de **doze príncipes**, de **uma grande nação**. Não obstante, o concerto não seria com sua linhagem; seria **com Isaque** (21), a quem **Sara** daria à luz em seu devido tempo.

Tendo recebido as ordens e promessas de Deus, Abraão obedeceu imediatamente. No mesmo dia circuncidou todos os machos de sua **casa** (23). Nessa época, Abraão tinha **noventa e nove anos** (24) e **Ismael** (25) **treze**. A circuncisão se tornou o sinal do compromisso hebreu com uma crença religiosa que permaneceria por séculos ao longo dos tempos do Antigo Testamento. Era uma crença notavelmente diferente de qualquer povo circunvizinho. Eis uma crença fundamentada na revelação de Deus e estruturada na relação pessoal com o homem, em vez de estar estruturada nas forças naturais.⁹

D. A Espera pelo Verdadeiro Filho, 18.1—20.18

Estes três capítulos (18—20) estão entre a promessa que Sara teria o verdadeiro herdeiro e o cumprimento da promessa. Os capítulos 18 e

19 remetem o leitor de volta ao conteúdo dos capítulos 13 e 14. As fortunas e infortúnios de Ló são comuns a ambos os conjuntos de capítulos. O capítulo 20 também se refere a um acontecimento anterior, o logro do Faraó do Egito pertinente ao verdadeiro parentesco de Sara e Abraão. Como nos capítulos anteriores, o caráter de Abraão brilha radiantemente em contraste com o de Ló, mas não tanto em comparação ao do monarca estrangeiro. ²

Erguendo os olhos, Abraão se espantou ao ver **três varões** (2). Imediatamente, reagiu com a hospitalidade que ainda hoje subsiste entre o povo da Palestina. Curvando-se diante deles, Abraão implorou que os estranhos parassem em sua tenda, tirassem o pó dos **pés**, lavando-os, e descansassem debaixo da **árvore** (4). O patriarca disse que lhes serviria uma refeição e depois eles poderiam continuar a viagem, **porquanto por isso chegastes até vosso servo** (5). Os estranhos responderam graciosamente ao convite, e **Abraão** (6) foi correndo aos rebanhos para apanhar uma vitela, não sem antes mandar que **Sara** preparasse **bolos** no borralho (ARA). A **manteiga** (8) poderia ser do leite de vacas, de cabras ou de camelos. O **leite** era provavelmente azedo. Ainda hoje, na Palestina, leite coalhado é reputado em alta conta como bebida refrescante em um dia quente. De acordo com o costume, as mulheres do acampamento não se mostravam enquanto as visitas estivessem presentes, nem o anfitrião comia com os convidados. Seu dever era lhes atender em tudo de que precisassem.

A indagação sobre sua **mulher** (9) deve ter surpreendido Abraão como falta de educação, porque sua resposta tem um tom de surpresa. O desenrolar da cena mostra que Abraão foi, pouco a pouco, compreendendo que um dos visitantes era diferente dos outros. Foi ele (10) que prometeu que a futura maternidade de Sara seria uma realidade. Embora Abraão já tivesse sido informado disso (17.15-19), Sara não sabia. Ela **riu-se** (12) consigo mesma, meditando na improbabilidade de ser mãe na sua idade. Mas ficou chocada e amedrontada quando ouviu o estranho, agora chamado **SENHOR** (13), questionar o marido dela sobre a incredulidade secreta que ela sentia. Ele perguntou: **Haveria coisa alguma difícil ao SENHOR?**

(14), e reafirmou: **Sara terá um filho**. A mulher foi pega desprevenida e resmungou uma negação, só para ser repreendida de novo. Foi assim que Sara ficou sabendo do seu futuro papel nos propósitos de Deus para o seu povo, tropeçando na soleira da porta do impossível, do ponto de visto humano.

Nesta história (18.1-4,9-14), encontramos provas de que: 1) Deus permite que situações impossíveis se desenvolvam, 10-12; 2) Deus pode fazer o aparentemente impossível, 13; 3) Deus é glorificado na comprovação do seu poder, 14 (G. B. Williamson).

2. Uma Intercessão Persistente (18.16-33)

Havia outro aspecto da visita dos homens que estava reservado para os ouvidos de Abraão. Tendo reafirmado a promessa de Deus de um filho por meio de Sara, e tendo demonstrado a habilidade divina de conhecer os pensamentos secretos de uma mulher, o **SENHOR (17)** não teve dificuldade em convencer **Abraão** da gravidade do próximo item das notícias. O breve monólogo **(17-19)** revela a confiança que o **SENHOR** tinha neste homem, baseado em avaliação cuidadosa do seu caráter. Podia-se confiar que Abraão ordenaria e ensinaria **seus filhos** de certa maneira que a vontade divina revelada a ele prosseguisse nas gerações futuras. Assim, haveria continuidade na **justiça (19, tsedakah)**. Este termo conota fidelidade a padrões próprios, quer morais ou judiciais. A conservação do **juízo (mishpat)**, ou seja, a manutenção de relações harmoniosas entre as pessoas, não seria apenas assunto de uma geração. O Senhor queria a continuidade desses valores, e Abraão, com seus descendentes, dava a promessa de cumprimento da vontade divina. Assim, Ele se sentia justificado em revelar parte de sua preocupação pessoal a Abraão.

A apreensão divina também dizia respeito a **Sodoma e Gomorra (20)**, pois clamores de queixa chegavam ao **SENHOR** e indicavam que o **pecado** se agravava muito. O

SENHOR estava a caminho de fazer uma inspeção pessoal das condições. O forte antropomorfismo desta cena não sugere ignorância da parte de Deus. A ênfase está focalizada na profunda preocupação

do **SENHOR** acerca dos males sociais; eles não passam despercebidos. Outra ênfase está na justiça básica de Deus. Ele não executa julgamentos baseados em rumores; Ele sabe, em primeira mão, qual é a situação. Além disso, Ele está propenso a considerar outros meios, que não a destruição, para corrigir as coisas. Ele está inclinado a ouvir e avaliar as orações daqueles que nele confiam.

Quando Abraão ouviu falar sobre Sodoma e Gomorra, grande preocupação tomou conta de sua alma, pois ele estava totalmente ciente da residência de Ló próximo a essas cidades.

O senso de justiça de Abraão logo se expressou. Com certeza o **justo** (23, *tsaddik*), que vive de modo digno na presença de Deus, não deve ser punido com o **ímpio**. Abraão começou com muito otimismo. Suponha que houvesse **cinquenta justos na cidade** (24), seria justo Deus destruí-los? A resposta divina foi que o Senhor pouparia a cidade se **cinquenta justos** (26) fossem encontrados. Mas, e se faltassem apenas cinco pessoas (28) para chegar a esse número, haveria o desastre?

Abraão conhecia muito bem seu lugar diante de Deus, pois em termos de poder e autoridade ele era **pó e cinza** (27). Contudo, persistiu, abaixando a quantidade de quarenta e cinco para **quarenta** (29), depois, para **trinta** (30), em seguida, para **vinte** (31). A cada vez o Senhor consentia o pedido do patriarca. Por fim, chegou ao número **dez** (32), que era quase o tamanho da família de Ló. Recebendo a garantia de que o **juízo** seria retido se **dez** justos fossem encontrados, Abraão parou de interceder. O resultado teria de depender da condição espiritual da família do seu sobrinho.

Em 18.20-33, segundo G. B. Williamson, nossa atenção é dirigida a “O Justo Juiz”. O foco está no versículo 25. 1) A extensão da misericórdia de Deus em responder a oração, 23-26; 2) A execução do julgamento de Deus sobre os pecadores impenitentes, 20,21 (cf. 19.23,24); 3) A isenção dos justos, 26-32 (cf. 19.12-22).

3. *Não Havia nem Dez* (19.1-29)

A história deste capítulo tem várias partes distinguíveis. O cenário está nos versículos 1 a 3. Depois, segue-se a situação da crise (4-11), a hora da decisão (12-16), o ato de libertação (17-22) e a ação de julgamento (23-29).

Dois dos homens, agora chamados **anjos** (1), chegaram a **Sodoma** logo depois de deixar Abraão em Hebrom, embora a distância entre os dois lugares fosse de dois dias habituais de viagem. **Ló** estava à **porta** da cidade, lugar onde os homens tinham o hábito de se reunir no fim de um dia de trabalho. Era na porta que as pessoas resolviam suas questões legais (Rt 4.1-12). Ló cumprimentou os estranhos e lhes ofereceu hospedagem. Rendendo-se à persistência de Ló, os anjos foram tratados com hospitalidade generosa.

Pouco antes de irem dormir, Ló e seus novos amigos ouviram um tumulto fora da casa. Era uma multidão dos **varões de Sodoma** (4), de todas as idades, inflamados por luxúria bestial. O famoso pecado da cidade estava se mostrando em toda sua feiúra. Os homens queriam que os estranhos lhes fossem entregues para manter atos homossexuais com eles, pecado que veio a ser conhecido por sodomia.

Ló ficou chocado e confuso pela exigência. Em sua perplexidade, Ló, sem perceber, revelou outro grande pecado dos seus dias: a desvalorização trágica da condição feminina.

Valorizando mais a honra dos visitantes masculinos do que o bem-estar de suas **duas filhas** (8) jovens, Ló as ofereceu aos homens para que abusassem delas como quisessem. Mas os homens consideraram a oferta um insulto e acusaram Ló de ser estrangeiro arrogante. “Este camarada veio aqui como imigrante e fica agindo como juiz” (9cd, VBB).

Vendo o perigo que Ló corria, os visitantes o salvaram da turba e afligiram os homens com **cegueira** (11). O hebraico indica que a cegueira foi causada por um deslumbrante *flash* de luz.

Os anjos não precisavam aprofundar mais a investigação. A condição moral de Sodoma estava nitidamente clara. Exortaram **Ló (12)** que

avisasse todos os membros da casa, incluindo genros, para que se preparassem para fugir da cidade. Não havia dúvida da iminência do julgamento. Ló obedeceu à ordem, mas recebeu má acolhida de **seus genros (14)**. Só ficaram quatro na família, longe do mínimo que Abraão fixara para salvar a cidade da destruição **(18.32)**.

A medida que chegava a hora da partida, Ló parecia por demais inerte para a ação. Os **varões (16)** tiveram de pegar pela mão a ele, sua esposa e filhas para fazer com que saíssem da cidade. Sob as condições firmadas pelo pedido de Abraão, os homens não tinham a obrigação de fazer isso. Preocuparam-se com Ló e sua família só por que o **SENHOR** lhe foi **misericordioso**.

No perímetro da cidade, a família recebeu mais orientações: **Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti e não pares em toda esta campina; escapa lá para o monte (17)**. Mas **Ló (18)** ainda não estava inteiramente ciente da magnitude do desastre que viria. Os vagos perigos das montanhas lhe metiam mais medo, por isso rogou pelo privilégio de se esconder em uma aldeia vizinha chamada **Zoar**, que quer dizer **pequena (20)**. Um dos anjos lhe concedeu o pedido, mas o exortou que chegasse à aldeia o mais rápido possível. Ló chegou a **Zoar (22)** no momento exato, pois a hora da destruição foi ao amanhecer.

O destino de **Sodoma e Gomorra (24)** foi apavorante. O texto não menciona um terremoto, mas poderia ter acontecido, liberando da terra gases explosivos que, misturado com os depósitos de enxofre da região, criaram uma cena espantosa. Nem todos da família fugitiva conseguiram escapar. A **mulher de Ló olhou para trás (26)**, desobedecendo à ordem do anjo, e morreu, tornando-se uma **estátua de sal**.

Na história da fuga de Ló (19.15-26), Alexander Maclaren vê “O Destruidor Veloz”. 1) A demora e o salvamento de Ló, 15,16; 2) Escapa-te por tua vida, 17-22; 3) A horrível destruição, 23-25; 4) O destino dos morosos, 26.

De lugares altos e seguros, a leste de Manre, outra figura triste

inspecionava a **fumaça** que subia da terra (28). Ele sabia qual era a causa da fumaça, mas ainda não sabia que seu sobrinho Ló fora misericordiosamente guardado do holocausto pelos anjos. Ainda lhe era desconhecido o fato de que esta libertação ocorreu porque **Deus se lembrou de Abraão** (29).

4. *A Embriaguez de Ló (19.30-38)*

A história final da vida de Ló não é aprazível. Como Noé (9.20-23), Ló se enredou com **vinho** (32) depois da espetacular fuga da morte. Mas, neste exemplo, suas filhas também se envolveram. **Ló** acabou se recolhendo nos montes, apesar dos seus temores anteriores (19), e estabeleceu casa em uma caverna remota.

Temos de julgar o incidente com compaixão, pois a série de calamidades que se abateu sobre os três de maneira nenhuma era comum. Eles não sabiam se alguém no vale também conseguiu escapar como eles. As moças estavam em renhido dilema. Onde haveria um homem para casar com elas, e como haveria um filho para continuar o nome do seu pai? Estas não eram questões de pequena monta na sociedade em que viviam.

A solução que delinearam foi escandalosa, embora conseguissem racionalizá-la para contentamento próprio. Mas elas sabiam melhor que discutir o assunto com o pai. O plano era insensibilizar o pai com vinho e depois manter relações sexuais com ele. Sendo bem-sucedidas no esquema, deram, no devido tempo, à luz filhos.

A história não parece estar anexada ao relato da destruição de Sodoma e Gomorra para condenar Ló ou suas filhas. Ao contrário disso, o propósito parece ser meramente contar como surgiram os moabitas e os amonitas e por que eles foram considerados parentes próximos do povo hebraico. Por outro lado, não há senso de aprovação moral.

5. *Fracasso em ser uma Bênção (20.1-18)*

Abraão ficava extremamente apavorado sempre que tinha relação

estreita com um poder político que era mais forte que o dele. A reputação dos vizinhos pagãos provavelmente lhe dava razão para o medo. Aqui, como no relato da viagem de Abraão ao Egito (12.14-20), a desconfiança do patriarca nos regentes pagãos se concentra na luxúria que tinham por variedade de mulheres nos haréns. Nenhuma história nega que existisse tal cobiça. Ambas as histórias descrevem casualmente que Faraó e **Abimeleque** (2) levaram **Sara** para sua companhia, assim que descobriram que ela era irmã de **Abraão**. Foi o medo de Abraão pela própria vida que o motivou a não esclarecer a relação peculiar de irmã-esposa comum em sua pátria, mas não entendida na Palestina ou no Egito.

O resultado de Abraão não dizer toda a verdade sobre sua relação com Sara foi situação repleta de ironia. Deus interveio na questão, mas não primeiramente para seu servo. Deus se revelou em um **sonho** a **Abimeleque** (3) e lhe apresentou os verdadeiros fatos do caso, mostrando o perigo pessoal por cometer este pecado.

Abimeleque protestou dizendo que não sabia e afirmou que ele e seu povo, no que dizia respeito ao assunto, eram justos (4). Ele confiou na verdade das declarações feitas por Abraão e Sara, por isso reivindicou **sinceridade** (*tam*, basicamente a mesma palavra traduzida por “perfeito” em 17.1) e **pureza de mãos** (5). A primeira expressão diz respeito à motivação interior, a última, à ação em si.

No versículo 6, **Deus** estava propenso a aceitar a ignorância de Abimeleque como testemunho de sua **sinceridade de coração**, mas também acrescentou que foi a atividade providencial divina que impediu que Abimeleque cometesse pecado. Deus lhe deu uma ordem. Abimeleque tinha de devolver Sara a Abraão e buscar seu dom profético de inter-cessão para que a vida de Abimeleque fosse poupada (7). A alternativa era castigo severo.

A obediência imediata de Abimeleque foi seu mérito. Ele **chamou todos os seus servos** (8) e, tendo-lhes contado o sonho, mandou que Abraão se apresentasse para uma reunião pessoal. O monarca pagão censurou asperamente o patriarca pelo que ele fez e exigiu uma explicação. Abraão admitiu ter agido na presunção de que **não há**

temor de Deus neste lugar (11) e que eles o matariam. Explicou também os costumes matrimoniais incomuns de sua pátria. Uma mulher poderia ser **irmã** (12), neste caso meia-irmã, de um homem e **esposa**. Ele saía de casa em obediência a Deus, mas com medo do mundo pagão pelo qual viajava. Assim, combinou com sua esposa que, em todos lugares que fossem, ela diria: **E meu irmão** (13).

Abimeleque não discutiu com Abraão, mas lhe devolveu a esposa junto com um presente de gados e criados e lhe disse que peregrinasse por onde lhe agradasse. Depois advertiu (16) a mulher, indicando que nunca deveria se envergonhar de dizer que Abraão era seu marido: **Eis que elas** (mil moedas de prata) **te sejam por véu dos olhos** (16).¹⁰

Os versículos observam o fato de que Deus já havia castigado parcialmente Abimeleque e seu povo afligindo as mulheres com esterilidade. A função de Abraão como profeta é ser intercessor, um porta-voz para Abimeleque (17) na presença de Deus. Este foi o modo de ele ser uma bênção para estes vizinhos pagãos. Sua influência para o bem poderia ter sido bem maior. Deus respondeu misericordiosamente à oração e afastou a calamidade.

E. Antigas Lealdades Testadas, 21.1—22.19

O centro da discussão se volta para o cumprimento da promessa de um filho, sendo Sara a mãe. A chegada de Isaque criou uma série de crises na casa de Abraão envolvendo Agar e seu filho. Até o papel supremo do próprio Isaque pareceu posto em perigo no complexo das ligações pessoais que compunham a vida do patriarca. Em 21.22-34, há a história do pacto feito com Abimeleque, a primeira relação clara e amigável que Abraão estabeleceu com os vizinhos pagãos.

1. *Doloroso Ato de Separação* (21.1-21)

A história tem diversas partes: o cumprimento da promessa (1-8), o problema do ciúme (9-11), a instrução divina (12,13), a separação (14-16), a promessa divina (17,18) e o cumprimento da promessa (19-21).

A mensagem que **Sara (1)** teria **um filho (2)**; cf. **17.15-17; 18.9-15**) foi cumprida no tempo certo. Sob todos os aspectos entendia-se como ato incomum de poder criativo divino, porque ambos os pais já tinham passado da idade de gerar filhos. A criança nasceu e foi chamada Isaque, de acordo com a ordem do Senhor **(17.19)** em reconhecimento que ambos os pais tinham rido do que parecia impossível. A primeira risada brotou da incredulidade, mas agora **Sara (6)** riu por causa da alegria de uma impossibilidade realizada. Deus cumpriu sua palavra. Ele tinha o poder de produzir vida sempre que quisesse, a despeito das circunstâncias naturais.

Nada é dito com respeito ao desmame de Isaque, mas às vezes este acontecimento era adiado até a criança ter três anos. A ocasião era comemorada com um banquete, costume que ainda é comumente observado no Oriente Próximo. A ocasião trouxe à baila a antiga tensão que existiu na concepção de Ismael (16.4-6). Mas desta vez foi Ismael que **zombou (9)** do bebê Isaque. Era mais do que Sara podia suportar. Ela foi falar com **Abraão (10)** numa fúria colérica, exigindo a expulsão desta **serva e o seu filho**.

O nascimento de Isaque foi sério golpe para Agar e Ismael. Sendo o filho único de Abraão, Ismael era o herdeiro de tudo que seu pai possuía e da posição de liderança no clã. De acordo com a lei da pátria de Abraão, esta posição de herdeiro foi negada pelo nascimento de Isaque. Não sabemos se Agar e Ismael estavam cientes deste fato, mas Sara estava e destacou o ponto ao marido.

E **pareceu esta palavra mui má aos olhos de Abraão (11)**, porque a lei de sua

pátria garantia que, se um filho nascesse da verdadeira esposa, a esposa substituta e seu filho tinham de continuar aos cuidados do pai de ambas as crianças.¹¹ Mas **Deus (12)** também se preocupava com o assunto e deu instruções especiais, pois neste caso o costume não prevaleceria. Agar tinha de sair da família para que a posição de Isaque ficasse cristalinamente clara. Não obstante, Ele cuidaria de Agar e seu **filho (13)**, fazendo deles **uma nação** por causa de Abraão.

Pela manhã, de madrugada (14), Abraão deu uma provisão de pão e um odre de água a Agar, e ela se foi com o menino para o deserto. Em pouco tempo, a **água** (15) acabou e a força física se esgotou. Deixando o menino **debaixo de uma das árvores**, Agar se afastou a curta distância, esperando a morte (16). Enquanto chorava, ela ouviu o **Anjo de Deus** (17) falar com ela, acalmando seus temores e prometendo um grande futuro para o rapaz. Ela voltou obedientemente ao menino e, dando uma olhada ao redor, **viu um poço** (39), do qual tirou água para extinguir a sede de ambos. A sequência seria um futuro abençoado por Deus, material e fisicamente. O menino se tornou hábil **flecheiro** (20), peregrinando **no deserto de Parã** (21), e logo se casou. Deus demonstrou sua misericórdia aos desventurados, e Agar aprendeu importantes lições de fé. A lealdade de Abraão a Sara e seu filho permaneceu indisputada, porque Deus lhe deu a orientação necessária em tempos de dificuldades.

2. A União de Laços Amigáveis (21.22-34)

Apesar dos aspectos desagradáveis do primeiro contato de Abraão com Abimeleque, este rei de Gerar (20.2) ficou impressionado pelo modo de vida do patriarca entre seu povo. Ele e o **príncipe do seu exército, Ficol** (22), abordaram Abraão e pediram um pacto de amizade. As palavras introdutórias de Abimeleque foram corteses. Ele reconheceu o fato de Deus ser com o patriarca, e por isso desejava garantias de que, no futuro, Abraão não mentiria (23) a ele ou a seu filho. O incidente envolvendo Sara ainda lhe afligia a memória (20.1-18). Ele se serviu da beneficência prestada a Abraão naquela ocasião como base para o apelo de que o patriarca fosse benéfico com ele. Estava oferecendo a regra de ouro ao inverso (sê bom para mim, como fui bom contigo) como fundamento de amizade duradoura.

Abraão passou a montar uma cerimônia pactuai segundo os costumes dos seus antepassados. E o primeiro pacto feito entre iguais registrado nas Escrituras. Primeiro, Abraão apresentou uma queixa que estremeceu as relações entre seus pastores e os homens de Abimeleque. Um poço que abastecia de água os rebanhos foi tomado **por força** (25). Abimeleque expressou surpresa ao ouvir o fato e

afirmou desconhecer o incidente **(26)**. Evidentemente prometeu corrigir a injustiça, pois **Abraão** presenteou gado ao visitante.

O próximo movimento do patriarca confundiu Abimeleque, pois **sete cordeiras** (28) foram separadas do rebanho. Por quê? A resposta era que seriam **em testemunho** (30) de que o **poço** junto do qual os homens estavam sentados pertencia a Abraão. Diferente dos costumes pagãos dos seus antepassados, Abraão não invocou uma série de deuses e deusas para testemunhar o acordo. Ele ofereceu um presente que serviria de selo do **concerto** • 32). Solenemente os dois homens fizeram um juramento de compromisso e finalizaram a cerimônia. O poço recebeu o nome conforme esta ocasião. O nome **Berseba** (33, ainda hoje o nome de uma cidade em Israel) pode significar “poço do juramento” ou “poço das sete”. Em hebraico, jurar e *sete* (neste caso as sete cordeiras) têm a mesma soletração.

Abraão (33) tornou o lugar um dos centros de sua extensa atividade pastoril. **Plantou um bosque** e adorou o **nome do SENHOR, Deus eterno**. Pela primeira vez, Abraão ganhou o respeito de um monarca pagão vizinho e estabeleceu uma relação formal mutuamente benéfica. Foi a primeira etapa no cumprimento da promessa que ele seria uma bênção para os povos entre os quais estivesse (ver 12.2,3).

3. Demonstração Convincente de Amor por Deus (22.1-19)

Os elementos estruturais desta história são o cenário (1), a ordem divina (2), o ato de obediência (3-10) e a bênção resultante (11-19).

Aqui está retratada uma das experiências mais tremendas registradas em Gênesis. Toca às raias mais profundas da certeza que o crente tem de que o Deus que promete é fiel, ainda que dê ordens para destruir a prova de que suas promessas estão sendo cumpridas. **Abraão** se manteria fiel a Deus embora seu mais precioso tesouro na terra fosse eliminado?

Para os leitores modernos, a tradução **tentou (1)** gera confusão. Insinua muita coisa, levantando as perguntas: Deus estava instigando este homem a cometer pecado?, e: Deus queria mesmo humilhar e

ferir seu mais dedicado adorador? A palavra hebraica (*nissah*) significa “testar” ou “colocar em prova”, e há traduções que preservam este significado (cf. ARA). Neste exemplo, Deus estava testando a suprema lealdade espiritual de Abraão tocando na vida física de **Isaque, a quem amas** (2).

Havia aspectos da ordem que eram racionalmente inexplicáveis. Uma comunidade pagã justificaria o sacrifício humano dizendo que a vida dos sacrificados servia para fortalecer os deuses da comunidade em tempos de adversidade severa. Mas não havia semelhante adversidade na vida de Abraão ou do seu clã. Matar Isaque não seria de nenhum proveito óbvio para a vida do rapaz, a vida de Abraão ou a vida coletiva do clã. Até pior, contradizia as promessas de Deus.

A base lógica do ato não seria entendida facilmente pelos outros, e a ordem não refletia bem a natureza moral do Deus de Abraão. A execução do ato não destacaria o caráter moral de Abraão. Contar a Sara o que Deus ordenou não contribuiria concebível-mente para o seu bem-estar mental ou emocional, nem contar para os servos ou para Isaque o verdadeiro propósito da viagem os inspiraria a cooperar em tudo.

Por conseguinte, o leitor é apanhado pela agonia extrema do pai obediente que, em silêncio, deixa o acampamento sem falar para a mãe o destino do filho. Sentimos a tensão enquanto a **lenha para o holocausto** (3) era cortada e amarrada aos animais, enquanto o pai andava quilômetro após quilômetro carregando um vaso que continha brasas para o fogo. A punhalada de dor interna do pai parece quase insuportável ao avistar o monte **Moriá** (2), podendo somente dizer aos moços: **Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até ali; e, havendo adorado, tornaremos a vós** (5). E, em seguida, a inevitável pergunta: **Onde está o cordeiro para o holocausto?** (7). Que esforço supremo de fé ao responder: **Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto** (8). Há agonia infinda na frase: **Assim, caminharam ambos juntos**. Isaque já suspeitava do que aconteceria?

Todo detalhe preparatório para o sacrifício foi deliberado e meticuloso.

Era como se cada pedra do **altar** (9) tivesse como argamassa o sangue do pai, e cada madeira da pira estivesse impregnada com suas lágrimas não choradas. Qual foi a agonia de Abraão ao amarrar as cordas nos pulsos e tornozelos do rapaz, e colocar o corpo em cima do altar? Quais eram os pensamentos amedrontados do rapaz? E agora o ato final: apanhar o **cutelo** (10), a faca do sacrifício. Quando é que Deus vai providenciar um cordeiro? A Epístola aos Hebreus diz que Abraão “considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar” (Hb 11.18). Mas o texto que estudamos não revela esta convicção interior. Deixa-nos em ardente expectativa quando o **cutelo** é apanhado.

Mas, uma voz clamou e o **cutelo** parou em seu trajeto. Todo o sofrimento de entrega sincera de Abraão dissolveu-se em maravilha quando ouviu a palavra: **Porquanto agora sei que temes a Deus** (12). Ele não reteve Isaque a quem amava afetuosamente. Deus providenciou um sacrifício em substituição do rapaz. **Um carneiro... travado pelas suas pontas num mato** (13) estava ali perto. Este era o sacrifício tencionado por Deus.

O amor de Abraão por Deus foi ameaçado por um amor paternal e profundamente enraizado por Isaque. Este filho era a prova que Deus cumpriu suas promessas e o meio físico pelo qual viria a posteridade. Abraão tinha mesmo de ser testado se amava Deus acima de tudo em tal situação concreta, para que não houvesse mistura de lealdades. A recompensa por ter passado na prova foi o retorno do filho da beira da sepultura. Nesta experiência, Deus renovou as promessas relativas à multiplicação da **semente** (17) de Abraão, seu poder sobre os inimigos e seu papel como canal de bênçãos para **todas as nações da terra** (18).

Para Abraão, o monte Moriá era um novo lugar. Em honra da revelação da graça de Deus na hora da provação, deu ao lugar outro nome, **O SENHOR proverá** (14, Jeová-Jiré, que significa “o Senhor vê” e proverá). Podemos estar certos de que a volta para casa foi bem diferente da viagem ao monte Moriá. Abraão enfrentou a ameaça devastadora da morte e venceu seu poder pela confiança plena na integridade de Deus. Por outro lado, Deus demonstrou claramente que

o sacrifício que Ele deseja é inteireza de coração, rendição às suas ordens.¹²

Em 22.1-14, vemos “O Teste da Fé”. 1) O verdadeiro teste, 1,2; 2) A resposta da confiança, 3-10; 3) A recompensa da obediência, 11-14 (A. F. Harper).

F. Assumindo Responsabilidades por Outros, 22.20—25.11

Após uma genealogia de transição, as histórias neste grupo descrevem Abraão em relação à sua família quando as necessidades provocadas por morte e casamento exigiram sua atenção. ³

2. *A Morte e Sepultamento de Sara* (23.1-20)

O registro da morte e sepultamento de uma mulher é incomum no Antigo Testamento. Mas **Sara (1)** foi a mãe do tão esperado filho e atingiu a idade madura de **cento e vinte e sete anos**. Ela é proeminente na história, porque foi a primeira da família de Abraão a morrer. O respeito e a decência comum exigiam que o corpo fosse colocado em algum lugar. Mas a verdadeira significação desta história é que, depois de longo tempo, uma porção da Terra Prometida se tornou posse do patriarca. **Veio Abraão lamentar** (2) é mais bem compreendido por Moffatt como: “Indo Abraão para dentro de casa”.

Nos dias de Abraão, era costume enterrar os mortos em cavernas e Abraão sabia que havia uma caverna perto de **Quiriate-Arba**, mais tarde conhecida por **Hebrom** (ver Mapa 2), que era adequada para suas necessidades. Ele estava ansioso em ter um título de propriedade que, sem sombra de dúvida, fosse reconhecido como seu.

A maneira apropriada de negociar tal compra era barganhar pela propriedade na presença de uma assembléia de líderes da comunidade. Neste caso, os líderes eram os **filhos de Hete** (3), que poderiam ter sido colonizadores da terra dos hititas ou residentes de longa data na localidade. Abraão estava em desvantagem e sabia disso. Admitiu publicamente que era **estrangeiro e peregrino** (4), ou seja, algo comparável a um estrangeiro residente. Fez forte apelo

aos **filhos de Hete** (5) para lhe permitirem comprar a terra como lugar de sepultamento.

Logo Abraão ganhou a aprovação da influente família de **Hete**, que o chamou **príncipe de Deus** (6). O próximo passo era obter seus serviços como intermediários entre ele e **Efrom, filho de Zoar** (8), o dono da **cova de Macpela** (9). Abraão garantiu a todos que estava disposto a pagar pela propriedade o **devido preço**.

Então falou **Efrom** (10). Ele ofereceu dar de presente o **campo**, junto com a **cova** (11), para Abraão. Esta era maneira indireta de começar o negócio. Mas Abraão não queria um presente. Queria um título de propriedade legalmente comprovado, e só uma compra poderia cumprir este propósito. No típico modo do Oriente Próximo, **Efrom** (13) casualmente mencionou um preço exorbitante de **quatrocentos siclos de prata** (15). Provavelmente para surpresa de todos, Abraão não pechinhou. Prontamente tirou a provisão de moeda corrente e pesou **quatrocentos siclos de prata** (16). A expressão **correntes entre mercadores** significa que a prata foi avaliada por taxa de câmbio que os comerciantes da localidade aprovaram. Não há como saber o valor da prata no dinheiro de hoje, mas comparado com os **17** siclos de prata que Jeremias pagou pela herdade em Anatote (Jr 32.9), o preço parece altíssimo.

O conteúdo do versículo 17 impressiona como os dizeres de uma escritura de terreno. O local e os vários aspectos da propriedade, inclusive o **campo** (17), a **cova** e **todo o arvoredor**, foi autenticado na presença de todos na assembléia. Depois de tanto tempo, uma porção da terra, ainda que pequena, pertencia a **Abraão** (19) e seus descendentes. **Sara** foi imediatamente sepultada na cova do campo de Macpela.¹⁴

3. *Em Busca da Moça Certa* (24.1-67)

Como patriarca do clã, Abraão tinha a responsabilidade de providenciar uma noiva para Isaque. A história que narra esta busca é uma das narrativas mais bem escritas e mais atraentes da vida de Abraão. O cenário é apresentado nos versículos 1 a 9.

Em seguida, temos a busca e seu sucesso (10-27), depois a cena de negociação (28-61) e, por último, o casamento (62-67).

De acordo com os costumes do seu tempo, e ainda vigentes nas famílias menos ocidentalizadas do Oriente Próximo, o idoso pai tinha um importante dever a fazer pelo filho.¹⁵ Abraão nunca ficou favoravelmente impressionado com o caráter moral dos povos no meio dos quais estava em Canaã. Seus pensamentos retrocederam à pátria onde seus parentes ainda viviam. Ele queria uma moça com formação religiosa semelhante a de Isaque.

O texto não deixa claro se o **servo, o mais velho da casa** (2), era o Eliezer mencionado em 15.2, mas certos comentaristas percebem ser esta a situação.¹⁶ A importância que Abraão dava ao projeto de achar uma esposa pode ser medida pelo fato de exigir um voto solene do servo. A forma descrita era habitual no Oriente. A pedido de Abraão, o homem colocou a mão debaixo da **coxa** do seu senhor e recebeu instruções.¹⁷ A esposa de Isaque não devia ser dos **cananeus** (3), mas de sua **parentela** (4). Se a moça se recusasse a ir para Canaã, Isaque não deveria ser levado de volta para o norte, porque Deus deu a promessa de que a **semente** de Abraão (7) receberia esta terra. Abraão estava certo de que Deus providenciaria uma **esposa** enviando **seu Anjo adiante** da **face** do servo. Abraão dependia de Deus para cumprir o que prometeu. Se a moça se recusasse a ir, o servo estaria livre do **juramento** (8).

Os detalhes da preparação para a viagem e a própria viagem são passados por alto apenas com a menção de que **dez camelos** (10) compunham a caravana. Nesta época, havia a **cidade de Naor**, talvez em honra do avô de Abraão (11.22-26). O idoso servo escolheu um lugar **junto a um poço de água** (11) onde havia a possibilidade de mulheres aparecerem.

A fé religiosa de Abraão exerceu nítida influência no servo que também era homem profundamente piedoso. Parado junto ao poço, imediatamente antes da hora em que as **moças saíam a tirar água**, ele ergueu a voz em oração. Seu maior desejo era que a escolha da

esposa para Isaque não fosse decisão sua, mas que fosse escolha de Deus. Conhecendo suas próprias dificuldades em discernir a vontade de Deus, ele pediu que o **SENHOR, Deus (12)**, mostrasse sua vontade mediante uma série de acontecimentos. Estes acontecimentos também serviriam a um propósito secundário, ou seja, revelar o caráter da moça. Tinha de ser uma jovem que mostrasse boa vontade pelo estranho, alguém que estivesse disposta a fazer a tarefa extra que denotava generosidade. Da parte de Deus, a série de acontecimentos mostraria a fidelidade às promessas do concerto. A palavra é traduzida por **beneficência** (12, *chesed*), mas tem o significado mais amplo de lealdade a promessas feitas e de misericórdia em tempos de dificuldades. A oração de Eliezer era de extrema confiança e de alta expectativa.

O servo estava no lugar certo, no momento certo, e submeteu suas necessidades a Deus. **Antes que ele acabasse de falar (15)**, a resposta à oração começou a se desenrolar diante dos seus olhos. **Rebeca**, sobrinha de Abraão, apareceu junto ao poço. Ela satisfazia todas as exigências físicas e legais, mas não era o bastante; assim, o servo fez a pergunta-chave. Sem hesitação, ela lhe serviu **água (18)** e depois, espontaneamente, começou a **tirar água (20)** para os camelos. Boquiaberto, Eliezer viu seu pedido ser cumprido ao pé da letra.

Recompondo-se, o idoso homem deu um **pendente de ouro (22)** de grande peso e **duas pulseiras de ouro**. Esbaforido, ele perguntou pela família da moça. Ao saber que ela pertencia à linhagem de Abraão expressou muita alegria, de forma que sem se perturbar **inclinou-se (26)** e fez uma oração de louvor. O Deus do seu senhor confirmou as promessas, mostrando **beneficência (27, chesed;** também aparece nos w. 12,14) e **verdade (emet)**. As ações de Deus na vida dos que o seguem se correlacionavam com as promessas feitas a eles. Mas havia outra razão para este resultado surpreendente. O servo comportou-se no **caminho** de modo obediente e totalmente aberto para ser guiado pelo **SENHOR**. A preocupação de Abraão por seu filho, a obediência completa do servo e a generosidade sincera da moça combinaram com a orientação do Senhor para ocasionar um pleno cumprimento de maravilhas da promessa divina.

As notícias sobre o estranho puseram a família de Rebeca em movimento. **Labão (29)**, um dos irmãos dela, correu ao encontro do homem **junto à fonte (30)**, levou-o para casa e deu comida aos **camelos (32)**. Antes que o servo de Abraão se sentasse para **comer (33)**, ele insistiu que tinha de contar por que viera.

Contou uma história comovente sobre a riqueza de Abraão e tudo que seria passado para Isaque. Repetiu o teor do juramento ao qual seu senhor o fez jurar; e depois revisou os detalhes do incidente junto ao poço, inclusive a oração e a série de ações que coincidiram com seu pedido a Deus. Por fim, o assunto foi colocado francamente diante da família: Eles deixariam Rebeca voltar com ele para ser a esposa de Isaque? A principal diferença entre as palavras finais do servo para a família e as palavras de sua oração **junto à fonte de água (13,27)** é que as palavras **beneficência** (*chesed*) e **verdade** (*emet*) são trocadas de Deus para a família (49). Até este ponto, Deus havia sido fiel às suas promessas. Agora a família tomaria parte do pleno cumprimento da promessa dada com respeito a Isaque? Muito dependia da resposta que dessem, pois se recusassem, o cumprimento da promessa se frustraria.

A resposta foi positiva. **Labão e Betuel (50)** reconheceram os procedimentos do Senhor e puseram de lado sua própria autoridade humana. Esta era decisão de tamanha importância que o servo de Abraão **inclinou-se à terra diante do SENHOR (52)** novamente. Depois deu ricos presentes a cada membro da família.

Pela manhã (54), o servo tinha notícias inesperadas para a família. Ele desejava começar imediatamente a viagem de volta para Canaã. Sua missão estava completa e ele queria entregar a moça a Isaque o mais cedo possível. A família protestou dizendo que deveriam passar uns dias com a amada Rebeca antes da viagem, mas deixaram que ela decidisse por si. E se ela recusasse o pedido do servo? Mas não recusou. Deu uma resposta pronta: **Irei (58)**. Assim uma série de decisões pessoais cruciais, cuja negativa poderia ter impedido a vontade de Deus, foi feita em obediência ao propósito divino, levando a aventura a um final feliz.

Com a bênção da família (60) soando nos ouvidos, Rebeca viajou para o sul com a caravana de camelos. Ao término da viagem, a corajosa moça teve o primeiro vislumbre do homem que ela escolheu inteiramente pela fé, e não ficou desapontada. Modestamente, **tomou ela o véu e cobriu-se** (65). Um casamento sem namoro, mas com muita orientação do Senhor, foi consumado com amor e carinho.

4. Distribuindo Presentes (25.1-6)

Abraão ainda tomou outra esposa e esta união foi frutífera. **Quetura (1)** teve seis filhos (cf. 1 Cr 1.32,33) e destes vieram sete netos e três bisnetos. Isto completa a evidência genealógica oferecida em Gênesis de que se cumpriu a promessa de Deus que Abraão seria o pai de muitas nações (17.4).

Abraão (5) ainda tinha responsabilidades com Isaque e com estes outros descendentes. Como filho herdeiro, os principais direitos de Isaque deveriam ser salvaguardados, mas os direitos dos outros filhos também deveriam ser reconhecidos. A solução do patriarca foi dividir seus bens. **Tudo o que tinha** (ou seja, a porção principal) foi para Isaque, e porções menores, designadas **presentes (6)**, foram para os outros filhos. Estes foram enviados para a **terra oriental** de Canaã, para que no futuro não houvesse disputas sobre direitos à Terra Prometida.

5. A Morte e Sepultamento de Abraão (25.7-11)

O período da vida de Abraão foi de cento e setenta e cinco anos. Silenciosamente, com um senso de realização, o patriarca **foi congregado ao seu povo (8)**. Esta frase significa mais que morrer. Inclui a prática de colocar o corpo em uma sepultura com os restos mortais dos antepassados (cf. 25.17; 35.29; 49.29,33; Nm 20.24; 27.13).¹⁸ Pela expressão em si não está claro se a vida depois da morte faz parte do seu significado primário. Uma comparação entre Gênesis 15.15 e Hebreus 11.13-16, juntamente com as palavras de Cristo em Mateus 22.31-33, não deixa dúvidas de que a vida após a morte estava inerente na expressão. A declaração não inclui o conceito de que o líder morto passou da condição humana para a condição divina

— idéia comum às nações pagãs daquela época.

O corpo de Abraão foi posto cuidadosamente ao lado dos restos mortais de **Sara, sua mulher** (10), e depois os dois filhos, **Isaque e Ismael** (9), voltaram às suas tarefas cotidianas. **Isaque** (11) fixou residência **junto ao poço Laai-Roi**, onde Deus apareceu a Agar, mãe de Ismael (ver 16.14; 24.62). As bênçãos de Deus se concentraram em Isaque.

Diversas características destacam Abraão como homem extremamente incomum em seus dias. Ele obedeceu às instruções expressas de Deus (12.4; 15.10; 17.23; 21.14; 22.3), ainda que nas ocasiões em que as instruções não estavam devidamente claras, ele tenha hesitado (16.4; 17.17). Não há menção de ele ter adorado outro Deus (12.7,8; 13.4,18; 15.10,11; 17.3; 19.27; 20.17; 21.33). Ele respeitava e por vezes temia os homens de autoridade nas terras que visitou (12.12,13; 14.17,18; 20.1-13). Era de espírito generoso e isento de ganância (13.8,9; 14.23; 17.18; 18.3-8; 21.14). Ele sabia perdoar e interceder pelos outros (18.22,23; 20.17; 21.25-31). Tinha amor firme por Deus (22.16), e sabia assumir responsabilidade pelos outros (23.1,2,19; 24.1-9,67; 25.5,6). Acima de tudo, sabia crer em Deus quando não havia provas visíveis (15.6).

Com relação ao concerto, aprendemos pela vida de Abraão que Deus inicia o concerto (12.1; 13.17), protege o participante do concerto (12.17; 18.1), prende-se com promessas (12.1-3,7; 13.14-17) e coloca o homem sob deveres a cumprir (17.1,9; 18.19).

A fé e a obediência na vida de Abraão determinaram a tônica no restante do Antigo e em todo o Novo Testamento.

1

A Escolha que Conduziu para Baixo (13.5-18)

Não era só Abrão que era rico em **rebanhos, vacas e tendas** (5), seu sobrinho **Ló** também tinha rebanhos numerosos. Faltando bons pastos durante todo o ano, os altiplanos da Palestina não

proporcionavam bastante comida e água. Houve **contenda** (7) entre os **pastores** nos campos, de forma que tornou imperativa uma conferência entre tio e sobrinho. Eles não podiam perder de vista a presença e ameaça implícita dos **cananeus** e **ferezeus** na terra. Este era o cenário de uma das decisões cruciais tomadas no círculo da família de Abrão.

Em seguida, ocorre o diálogo entre **Abrão** (8) e **Ló**. De acordo com os costumes da época, a solução do problema teria sido bastante simples. O líder do clã implementaria a solução que protegesse os próprios interesses com pouca consideração aos interesses do concorrente. Mas **Abrão** preferiu dar a vez ao sobrinho. Insistiu que Ló se apartasse (9) do círculo da família de Abrão, mas deu ao homem mais jovem a opção de escolher a região da Palestina para apascentar seus rebanhos.

Do lugar onde estavam acampados perto de Betei, o vale do Jordão lhes era visível a leste. Ló escolheu ir nessa direção. Em torno de Jerico, como hoje, os campos eram pontilhados por muitas fontes, e no lado sudeste do mar Morto ribeiros de águas descendo dos altiplanos irrigavam os campos férteis. A região era tão verdejante que dois símbolos de fertilidade, o **jardim do SENHOR** (10) e a **terra do Egito**, foram as únicas expressões adequadas para descrevê-la. Isto estava em nítido contraste com a terra seca da região montanhosa central da Palestina.

[2](#)

Não é para Rir (18.1-15)

Para que o leitor não se perca com os detalhes da história, o primeiro versículo deixa claro que o que está envolvido é uma teofania, uma aparição do **SENHOR** (1), na tenda de Abraão nos **carvalhais de Manre**. Abraão estava descansando na sombra durante o calor do dia, ou seja, uma ou duas horas antes e depois do meio-dia.

[3](#)

Os Descendentes de Naor (22.20-24)

Esta árvore genealógica é de interesse por causa do aparecimento de **Rebeca** (23), a qual, no capítulo 24, se torna personagem central como esposa de Isaque. **Naor** (20) também teve uma esposa e uma **concubina** (24), como Abraão. Delas nasceram doze filhos, fato comparável a Ismael (25.13-16) e aos doze filhos de Jacó (35.23-26).

Dois dos filhos de Naor, **Uz** e **Buz** (21), têm contrapartes na “terra de Uz” (Jó 1.1) e em “Eliú, [...] o buzita” (Jó 32.6). Não está claro se estes filhos foram os progenitores das tribos, embora certa especulação tenha-se concentrado nesta possibilidade.¹³

ISMAEL, O HOMEM QUE DEUS SEPAKOU

Gênesis 25.12-18

Uma das características de estilo no Livro de Gênesis é o ato de dispensar, por meio de uma ou mais genealogias, pessoas estreitamente relacionadas com quem Deus escolheu. Compare as ações dispensadoras feitas com Caim (4.17-24), Jafé (10.2-5), Cam (10.6-20), os descendentes de Sem, exceto com a família de Tera (11.10-26), e mais tarde com Esaú (36.1-43).

Chegou o momento de retirar a família de Ismael do registro da principal linha do procedimento de Deus com o povo do concerto. A genealogia é uma demonstração, em parte, de que as promessas de Deus a Agar (12) se cumpriram (ver 16.12; 21.18).

Os doze filhos de Ismael não só foram **príncipes (16)**, mas seus seguidores encheram muitos acampamentos de tendas e se espalharam por vasto território. **Castelos** é tradução ruim; seria melhor “aldeias”. Foram nômades e percorreram a terra da fronteira leste do **Egito (18)**, atravessando a Arábia central, até a fronteira sul de **Assur** (Assíria) ao longo do rio Tigre (ver Mapa 1).

ISAQUE, O HOMEM CUJA VIDA DEUS POUPOU

Gênesis 25.19—28.9

No Livro de Gênesis, a vida de Isaque é ofuscada pela fé ousada de seu pai, Abraão, e pelas qualidades dramáticas da vida de seu filho, Jacó. Contudo, a primeira parte da vida de Isaque está longe de ser comum. Ele foi um presente milagroso de Deus aos idosos pais, cumprindo uma promessa há muito feita. No momento mais crucial de sua mocidade, ele se entregou docilmente ao pai, embora percebesse que ele estava a ponto de matá-lo. Não há dúvida de que o livramento da morte no monte Moriá causou um efeito permanente em sua perspectiva religiosa. Um incidente que poderia ter gerado medo de seu pai desencadeou uma confiança firme em sua sabedoria. Isaque reagiu confiantemente aos esforços de Abraão em obter uma esposa para ele e recebeu a noiva com gratidão que logo amadureceu em amor. O restante de sua vida está registrado principalmente em dois capítulos. Ele foi uma ponte sólida entre gerações.

A. Um Guisado em troca do Direito de Primogenitura, 25.19-34

A genealogia que abre esta seção é extremamente curta, alistando somente o pai, o filho e sua esposa, cuja árvore genealógica inclui apenas o pai e a irmã dela. **Padã-Arã** (20), a pátria de Rebeca, é a extensão dos planaltos entre a região superior dos rios Eufrates e Tigre (ver Mapa 1).

Como Sara, **Rebeca** (20) era **estéril** (21); e como **Abraão** (19), **Isaque** estava profundamente aflito por este infortúnio e orava para que o **SENHOR** lhes concedesse filhos. Uma comparação entre os versículos 20 e 26 mostra que passaram vinte anos para que os filhos nascessem. Durante a gravidez, **Rebeca** se afligiu por causa da atividade

excessiva em seu ventre. **Se assim é, por que sou eu assim? (23).** Desesperada, ela buscou ajuda do **SENHOR**. Foi assim que ela ficou sabendo que tinha gêmeos, que eles eram de caráter diferente e que

seriam genitores de dois povos distintos. Também lhe foi dito que os descendentes do mais novo (que o v. **26** indica que foi determinado pela seqüência do nascimento) construiriam a nação mais forte. A mãe nunca esqueceu esta mensagem.

No nascimento, a diferença entre os bebês gerou reações de evidente admiração nos pais, levando-os a lhes dar nomes de acordo com a aparência. O primeiro menino era **ruivo (25, *admoni se ar*)**. Estas palavras hebraicas têm ligações óbvias com *Edom* e *Seir*, nomes comumente associados com a futura pátria dos descendentes deste menino. Igualmente, o nome Esaú significa “cabeludo”. O nome do segundo menino foi inspirado pelo fato incomum de estar agarrando o calcanhar do irmão (**26**) quando nasceu. O nome **Jacó (26)** significa “agarrador de calcanhar”.

A diferença entre os meninos se intensificou conforme cresciam. Sendo de constituição robusta, a caça foi o primeiro amor de Esaú. Ele apreciava a arte de atirar em animais selvagens. Jacó tinha prazer em cuidar de animais domesticados. Talvez seja esta a razão de ele ser chamado **varão simples (27)**. A palavra hebraica é *tam*, traduzida por “reto” em Gênesis 6.9.

O caráter contrastante dos rapazes despertou gostos e desgostos nos pais, que tenderam a colocar uma cunha emocional entre eles. O distinto **Isaque (28)** desenvolveu forte preferência pelo rude **Esaú**; a vivaz **Rebeca** concentrou a atenção no menos dinâmico **Jacó**.

Não há que duvidar que a mãe confiara a Jacó o teor da mensagem que Deus lhe pronunciou antes do nascimento dos meninos (23). Ambos deveriam saber que os costumes dos antepassados favoreciam o primogênito como herdeiro legal à posição tribal do pai. Jacó também sabia que, mediante acordo, o direito de primogenitura poderia ser transferido para um irmão mais novo.¹

Astuciosamente, Jacó escolheu a oportunidade e pegou Esaú em seu momento mais fraco, quando ele estava fisicamente exausto e faminto depois de caçada extenuante. **Jacó (29)** era bom cozinheiro e preparou um guisado gostoso. Usou todos esses elementos como alavanca para

barganhar com um **Esaú** demasiadamente faminto para se importar. Esaú, quase de forma irreverente, vendeu seu direito de primogenitura em troca do guisado. **Jacó** (34) se aproveitou de **Esaú**, mas **Esaú** julgou mal o valor de sua **primogenitura** (cf. Hb 12.15,16).

Em 25.29-34, G. B. Williamson nos apresenta o tema “A Troca que Esaú Fez”. 1) Esaú comercializou valores eternos por satisfação temporal, 31,32; 2) A troca de Esaú foi irrevogável, 33; 3) A barganha esperta de Jacó não era lucro líquido (cf. 27.36,41).

B. O Procedimento de Isaque com seus Vizinhos, 26.1-33

Semelhante às relações de Abraão com os vizinhos pagãos, os contatos de Isaque com o povo de Canaã tinham um padrão alterado de desconfiança, paciência e reconciliação. Até as bênçãos de prosperidade concedidas por Deus ao patriarca pareciam impedir os esforços de Isaque em estabelecer uma paz amável com eles.

1. As Promessas do Concerto feitas a Isaque (26.1-5)

Uma **fome** (1) forçou Isaque a sair da terra semi-árida do sul e oeste de Canaã para buscar pastagem ao longo da planície costeira a leste do mar Mediterrâneo (ver Mapa 2). Era território de **Abimeleque, rei dos filisteus**, perto da fronteira do Egito. Mas logicamente a região mais rica do delta do Egito estava atraindo Isaque para essa direção. Foi então que **apareceu-lhe o SENHOR (2)**.

Deus disse a Isaque que ficasse longe do Egito. Renovou as promessas dadas a Abraão, e as aplicou a Isaque. Canaã seria a casa de Isaque e lá ele conheceria a presença de Deus. Novamente, Deus destacou a idéia da **semente como as estrelas dos céus** (4) e ressaltou a garantia de que **todas as nações da terra** colheriam bênçãos dos seus descendentes. A promessa de Deus foi passada para Isaque, **porquanto Abraão obedeceu à minha voz (5)**.

Este incidente ocorreu provavelmente antes do nascimento de Esaú e Jacó. A história narrada nos versículos 6 a 11, onde Isaque diz que

Rebeca é sua irmã, seria improvável se meninos inquietos estivessem brincando ruidosa e descomedidamente pelas tendas de Isaque. As palavras referentes a semente indubitavelmente compuseram a súplica de Isaque por um filho (25.21).

2. *Engano Feito de Novo* (26.6-16)

O medo dificultou os patriarcas de estabelecerem relações amigáveis com os vizinhos pagãos. Os valores morais dessa gente eram tais que uma família estrangeira se sentiria justificada em ter medo. Aceitava-se que os reis pagãos tivessem direitos conubiais de toda mulher que lhes agradasse. Como Abraão (12.10-13; 20.2,11-13), Isaque se defendeu de suposto dano pessoal no peculiar costume dos seus antepassados: o casamento com irmã-esposa. Neste arranjo, até uma prima ou uma não-parenta seria adotada na família como irmã do noivo e, assim, seria legalmente irmã e esposa.

Em sua relação com **Rebeca**, Isaque informou os filisteus sobre o aspecto de **irmã** (7), mas não sobre o aspecto de **esposa**. Os pagãos não fizeram movimento que indicasse desejo por Rebeca. **Abimeleque** (8) viu casualmente Isaque no que teria sido uma situação comprometedor com uma irmã e suspeitou da verdade. Chamou Isaque, checkou as suspeitas e, depois, o reprovou. Abimeleque declarou que Isaque poderia ter enganado um filisteu, fazendo este pecar contra Rebeca. O engano de Isaque, provocado por medo, diminuiu a opinião que o pagão tinha sobre ele, negando a oportunidade de o patriarca ser uma bênção.

Isaque permaneceu no território fazendo bom uso dos **poços** (15) cavados no tempo de Abraão. A produção extraordinária das colheitas era resultado de irrigação possibilitada pela água tirada dos **poços**. Este feito é reproduzido amplamente em Israel nos dias de hoje. O aumento da riqueza do patriarca, por causa da bênção de Deus sobre ele, gerou inveja no coração dos **filisteus**, que entulharam todos os poços e expulsaram Isaque (16).

3. *A Demonstração de Paciência sob Pressão* (26.17-25)

Reabrindo outros **poços** (18) de Abraão em área diferente, Isaque tentou preparar novos campos para plantação. Em vez de aprenderem os novos e importantes métodos de agricultura com Isaque, os filisteus tolamente continuaram entulhando os poços e expulsando o patriarca para outro lugar. **Eseque (20)** significa “disputa, rixa”; **Sitna (21)** é “inimizade, hostilidade”; **Reobote (22)** quer dizer “lugar, espaço, alargamento”. Em vez de brigar, Isaque se mudava, cavava outros poços, os quais eram repetidamente entulhados na sua presença, e depois se retirou definitivamente da região, acabando por se estabelecer em **Berseba (23)**.

Em 26.17-22, achamos “Lugar — Reobote” (ver o v. 22). 1) Lugar para homens que buscam paz para viver em paz, 21,22; 2) Os recursos de Deus são suficientes para todos terem bastante, 22; 3) A paciência é recompensada com paz e prosperidade, 22 (G. B. Williamson).

Pela segunda vez, Deus apareceu a Isaque e reafirmou as promessas do concerto reveladas primeiramente a **Abraão (24)** e concernentes a uma posteridade abundante. O Senhor se empenhou em acalmar seus temores e lhe garantir da permanente presença divina. Isaque respondeu com grata adoração num **altar (25)** recentemente construído.

Nos versículos 24 e 25, identificamos o tema “Alguns Elementos da Felicidade Humana”. Do lado humano: 1) Adoração: **Edificou ali um altar, 25**; 2) Vida familiar: **Armou ali a sua tenda, 25**; e 3) Segurança Financeira: **Os servos de Isaque cavaram ali um poço, 25**. Estes elementos foram combinados com o lado divino: 4) A orientação de Deus: **Não desças. Habita na terra, 2**; 5) Sua presença: **Eu sou contigo, 24**; e 6) Sua bênção: **Abençoar-te-ei, 24** (ver tb. 26.12,29).

4. *A Paciência gera Paz (26.26-33)*

Agora **Abimeleque (26)**, com o amigo **Ausate** e **Ficol** (provavelmente título militar), visitaram **Isaque (27)** em Berseba. Isaque estava desconfiado e os acusou de odiá-

lo. O patriarca ficou surpreso quando os visitantes testemunharam que estavam impressionados com a paciência de Isaque e lhe disseram que tinham se convencido de que o **SENHOR** estava com ele (28).

Pediram que queixas antigas fossem postas de lado e que somente os aspectos bons de suas relações fossem reconhecidos. O pedido era um tanto quanto a regra de ouro modificada: “Trata-nos com base nas coisas boas [29] que te fizemos”. Queriam fazer um pacto para governar as relações futuras entre as partes.

Isaque respondeu sem hesitação dando um **banquete** (30). Na manhã seguinte, concluíram o pacto de amizade fazendo promessas solenes uns aos outros na forma de juramentos. Este é exemplo dramático de que, se duas partes de um conflito mutuamente perdoam e esquecem, a **paz** (31) pode ser uma realidade.

O clímax foi a descoberta feliz de água em um **poço** (32) recentemente cavado, fato que deu ensejo para Isaque ratificar o nome que Abraão dera ao lugar: **Berseba** (33; ver 21.30,31). A primeira parte do nome (*ber*) significa “poço”. A última parte (*seba*) quer dizer “sete” ou “juramento”.

C. Isaque e sua Família, 26.34—28.9

Quando lemos os capítulos 26 e 27, surge extraordinário contraste. Apesar de tratar desajeitadamente a situação por causa do medo da moral dos seus novos vizinhos, Isaque imediatamente admitiu seu medo e mentira. Basicamente ele era homem de paz e fazia tudo o que podia para evitar problemas. Foi pronto em fazer um pacto para resolver velhas adversidades. Por outro lado, não foi tão bem-sucedido com a família. A astúcia pouco ética dos familiares o colocou em situação muito embaraçosa. Os desejos indulgentes e a insensibilidade com que Isaque tratou as promessas de Deus feitas à sua esposa geraram disputas e divergências e não paz.

1. *As Más Escolhas de Esaú* (26.34-35)

A falta de julgamento de valor de Esaú quando vendeu seu direito de primogenitura a Jacó (25.29-34) foi igualada por seu desinteresse pelo

desejo dos pais com respeito às esposas que tomou. Seguiu exclusivamente a chamada dos seus apetites físicos quando escolheu duas moças pagãs como companheiras. Ignorou o costume de ser guiado pelo julgamento dos pais, e desconsiderou o fato de que os padrões morais da cultura de onde estas moças vinham eram demasiadamente mais baixos que os dos seus antepassados. **Amargura de espírito** (35) é a expressão usada para descrever a profunda ferida de **Isaque e Rebeca**.

2. *Uma Bênção em Segredo* (27.1-29)

Isaque (1) ficou velho e cego, e possivelmente estava bastante doente. Pelo menos, ele acreditava que estava prestes a morrer, embora tenha vivido por mais outros quarenta anos (35.28). Ele resolveu que era tempo de passar a bênção patriarcal ao sucessor. De acordo com os costumes dos seus antepassados, esta bênção pertencia a Esaú, o filho mais velho.

Chamando Esaú, o homem idoso pediu que o filho apanhasse uma caça e preparasse a carne para um banquete cerimonial preparatório para dar a bênção.² Tal ação ignorava a mensagem de Deus a Rebeca de que “o maior servirá ao menor” (25.23), acerca da qual Isaque seguramente sabia. Também ignorava a venda do direito de primogenitura a Jacó, sobre o qual Isaque provavelmente sabia (25.29-34). Mas **Rebeca** (5) não tinha esquecido, nem **Jacó** (6).

As reações de Rebeca e Jacó ao plano de Isaque não trazem total descrédito ao caráter de cada um. Na realidade, todos os quatro participantes desta história são coerentemente apresentados de modo desfavorável. A parcialidade parental de um filho acima do outro por pai e mãe (25.28) conduziu a um desarranjo de entendimento entre eles. Isaque ignorava Rebeca e ela foi incapaz de falar com ele sobre seu erro.

Desesperada, Rebeca se voltou a **Jacó**, recrutando seu apoio para implementar um plano de engano. Ele deveria trazer do rebanho **dois bons cabritos** (9), para que ela preparasse o tipo de **guisado** que Isaque gostava. Jacó o levaria a Isaque e receberia a bênção antes que

Esaú voltasse. **O** desejo excessivo do velho homem por certo **guisado saboroso** foi o ponto de entrada para esta trama.

Jacó (11) não objetou o plano, mas viu um ponto fraco. Seu corpo não tinha os pêlos abundantes que Esaú tinha, e Isaque poderia insistir em tocar em Jacó para garantir identificação certa. A **bênção** (12) poderia se tomar em **maldição**. De forma audaciosa, a mãe replicou: **Sobre mim seja a tua maldição** (13), e mandou o rapaz fazer o que ela dizia. Quando Jacó voltou, **Rebeca** (15) já sabia como resolver o problema. Colocou as **peles dos cabritos** (16) nas **mãos** e em volta do **pescoço** de Jacó.

A dupla maquinadora negligenciou um item: a diferença entre a voz dos dois filhos. O velho pai imediatamente notou a diferença e reagiu com suspeita quando Jacó se identificou como **Esaú, teu primogênito** (19). O idoso **Isaque** (20) quase o apanhou em erro por causa da rapidez em apanhar a caça; Jacó só pôde murmurar: **Porque o SENHOR, teu Deus, a mandou ao meu encontro**. O momento de tensão chegou quando Isaque teimou em sentir o corpo de Jacó (21). Parcialmente satisfeito, Isaque pediu a caça e comeu. Mas era óbvio que o som da voz o intrigava. Sob o artifício de pedir um beijo, o pai **cheirou o cheiro das suas vestes** (27). Mas Rebeca havia antecipado esta ação (15). Por fim, convencido, Isaque passou a dar a bênção.

A bênção patriarcal era uma forma de última vontade e testamento. Bênções orais eram consideradas tão irrevogáveis para todas as partes como um contrato escrito.³ Isaque desejou que a prosperidade para o filho brotasse da riqueza da terra, mas também lhe deu o domínio sobre as outras **nações (29)**, como também sobre a própria família. **O** recebedor da bênção seria protegido pela justiça divina; quem tivesse contato com ele receberia maldição por amaldiçoá-lo e bênção por ser gracioso com ele. Quando a bênção foi dada, Jacó saiu da tenda.

3. *O Choque da Descoberta (27.30-40)*

Quase em seguida, **Esaú** (30) estava ocupado preparando a carne que

trouxera da caça. Desconhecedor do ato de Jacó, ele levou o **guisado saboroso** (31) para **Isaque, seu pai** (32), na plena expectativa de receber a bênção. O pai ficou pasmo ao ouvir-lhe a voz e soube imediatamente o que acontecera. Ele foi enganado. O velho homem ficou abalado até ser tomado **de um estremecimento muito grande** (33). A bênção que deu era do tipo “definitiva” e não podia ser revogada. A medida da reação de Esaú é vista em seu **grande e mui amargo brado** (34) e em seu apelo melancólico de que o **pai** ainda o abençoasse. Hebreus 12.17 observa que o erro terrível de Esaú foi a venda do direito de primogenitura (25.29-34) e que agora seus esforços em reparar o erro eram muito tardios, pois ele nunca chegou a se arrepender de fato de sua tolice. Esaú colocou toda a culpa em **Jacó** (36), mas a culpa do irmão não podia justificar a sua.

Isaque só conseguia pensar na plenitude do seu ato de abençoar Jacó e foi somente depois dos rogos persistentes de Esaú que ele consentiu em dar a Esaú uma bênção menor.

Esaú também seria próspero, mas teria de viver pela **espada** (40) e aceitar o papel de servo de Jacó e seus descendentes por certo tempo, depois do qual ele tinha o direito de sacudir o **jugo do teu pescoço**. A expressão: **Quando te libertares**, é melhor: “Quando ficares impaciente” (Moffatt). Esta bênção não era grande coisa, mas tinha um raio de esperança para Esaú.

4. *Ódio de Irmão, Coisa Espantosa* (27.41-46)

A decepção e amargura de Esaú se engessaram na resolução: **Matarei a Jacó, meu irmão** (41). Como Caim, ele permitiu que sua reação à vantagem ganha pelo irmão mais novo fosse governada por emoções negativas. **Esaú** (42) não guardou os pensamentos para si e logo a palavra chegou aos ouvidos de **Rebeca** e depois aos de Jacó, causando medo e gerando novas artimanhas. Sempre diligente, Rebeca aconselhou Jacó a sair de casa em busca de segurança. Ela previa que tal viagem duraria curto tempo, pois o **furor** (44) de Esaú seria de pouca duração. Não era sua intenção perder Jacó depois que seu plano enganador tivesse afastado Esaú completamente dela.

O problema imediato de Rebeca era como justificar a viagem de Jacó a Harã. Esaú não podia desconfiar que essa ação evasiva estava sendo feita para frustrar sua intenção de matar Jacó, ou ele poderia agir antes mesmo da morte do pai. O primeiro movimento de Rebeca foi queixar-se das esposas de Esaú, as **filhas de Hete** (46), e depois mostrar seu sentimento de que se Jacó se casasse com as moças da região, **para que me será a vida?** O estratagema foi concebido com sagacidade e alta eficiência.

5. A Incumbência de Achar uma Esposa (28.1-9)

A crítica feita por Rebeca acerca das esposas de Esaú convenceu **Isaque** (1) de que não deveria mais haver noras pagãs. Ao mesmo tempo, ele não percebeu que Rebeca estava tendo sucesso em encobrir um esquema para afastar **Jacó** da presença de Esaú.

O velho pai **chamou a Jacó, e abençoou-o, e ordenou-lhe** que voltasse à pátria dos seus ancestrais para achar uma **mulher** (2) como esposa. Desta vez, por escolha e não por ignorância, **Isaque** concedeu a Jacó outra bênção que o **Deus Todo-poderoso** (3) lhe daria, prometendo uma posteridade numerosa. As promessas do concerto feitas a **Abraão de semente e terra** (4) foram essencialmente repetidas. Agora, franca e incontestavelmente, Jacó era o portador do concerto para a nova geração. Sua partida do círculo familiar foi justificada à vista de todos.

Vendo, pois, Esaú (6) que a nova condição de Jacó estava ligada à sua disposição em tomar uma esposa dentre os parentes em **Padã-Arã** (5), novas idéias lhe surgiram. Talvez ele conseguisse recuperar a estima dos pais se tomasse uma esposa dentre parentes próximos. Mas ele não estava interessado em quem estava em terras distantes; presumiu que as filhas de Ismael serviriam. Não se deu conta de que, se assim fosse, Jacó teria sido enviado a Ismael. O silêncio no versículo 9 após o relato do ato de Esaú fala com eloquência.

O papel de Rebeca na vida de Isaque começou em alto nível, mas deteriorou até chegar às profundezas do engano e do medo. Quando Rebeca aparece nas páginas da Bíblia ela brilha como modelo de

pureza (24.16), hospitalidade (24.18), boa vontade em trabalhar sem pensar em recompensa (24.19,20), capacidade de tomar decisões segundo a vontade manifesta de Deus (24.58). Foi corajosa ao trilhar caminhos não percorridos dando-se a um noivo desconhecido (24.67) e hábil em consolar um homem solitário (24.67). Demonstrou pronta disposição em buscar a ajuda de Deus e aceitar sua palavra (25.22,23).

Conforme os filhos cresciam, Rebeca foi mudando. Reagiu à preferência de Isaque por Esaú concentrando seu afeto em Jacó (25.28). Na hora da dificuldade, quando ouviu os planos de Isaque abençoar Esaú, ela caiu moralmente aos pedaços. Toda sua desenvoltura, a capacidade de tomar decisões rápidas e planejar um curso de ação, foi deformada pelo medo — medo de que o seu filho preferido não fosse devidamente reconhecido. Entregou-se aos dispositivos do engano (27.6-17) e aos estratégias inteligentes perfeitamente camuflados por professa preocupação em uma companheira adequada para Jacó (27.46), mas na realidade motivado por interesses egoístas: “Por que seria eu desfilhada?” (27.45) Planejava chamar Jacó de volta para casa (27.45), mas a visão que teve do filho favorito indo embora foi a última imagem dele. Seus últimos dias devem ter sido vazios e tristes.

A vida de Isaque foi poupada, e em 35.28,29 está registrada sua morte com a idade madura de 180 anos. Mas com a partida de Jacó para Padã-Arã, Isaque também saiu da cena dos procedimentos ativos de Deus com os portadores do concerto patriarcal.

Embora de temperamento diferente em relação a Abraão, seu pai, ou a Jacó, seu filho, Isaque foi um homem que Deus usou a seu modo. Nascido como filho da promessa, Isaque poderia ter sido arrogante. Mas toda vez que ele aparece na história do andar de Abraão com Deus ele é retratado como submisso (22.6,9), possuidor de uma confiança juvenil no pai e em Deus (22.7,8). Ele não interferiu nos esforços de Abraão obter uma esposa para ele. Este episódio descreve que ele era meditativo (24.63) e capaz de amor tenro por sua finada mãe e por sua noiva (24.67). Ele sabia orar (25.21; 26.25).

JACÓ, O HOMEM QUE DEUS REFEZ

Gênesis 28.10—35.29

Jacó andou sozinho em um mundo estranho. Deixou para trás um pai envelhecido, que não percebeu que seu favoritismo por Esaú poderia tê-lo levado a contrariar a vontade de Deus, conforme foi revelada a Rebeca (25.23). Deixou para trás um irmão amargurado e enraivecido que, não tendo senso dos verdadeiros valores, só pensava em ter sido roubado pelo esperto Jacó. Deixou para trás uma mãe perturbada que, sabendo algo da vontade de Deus para Jacó, complicou o propósito divino por meio de subterfúgio mal planejado.

Mas Jacó não ficou sozinho por muito tempo; Deus o encontrou, e uma moça também o encontrou. Afligiram-lhe o coração um arranjo matrimonial contrário ao seu gosto e um sogro não muito confiável. Não obstante, Deus o conduziu por uma experiência nova e transformadora, uma reconciliação com o irmão, em padrões de luz e sombra que lentamente fortaleceram e amadureceram seu caráter diante de Deus.

A. Confrontado por Deus, 28.10-22

As principais visitas de Deus a Jacó foram dramáticas e perturbadoras. O incidente em Betei não foi exceção; ele não esperava o que aconteceu naquela noite, nem jamais ia esquecer o significado do que lhe ocorrera. Antes desse episódio, parece que Jacó nunca teve muita consideração pela vontade de Deus para ele. Depois dessa experiência, sua vida foi dominada por um interesse profundo pela vontade divina.

1. *Um Travesseiro Duro* (28.10,11)

A viagem para **Harã** (10; ver Mapa 1) superava 480 quilômetros e a distância a **um lugar** (11) era de cerca de 110 quilômetros de **Berseba**. Visto que a noite já caíra e ele estava cansado, Jacó fez uma cama rudimentar no chão, reunindo algumas **pedras** (11) para fazer a

vez de **cabeceira** {*mera ashotaw*; lit., “apoio para a cabeça”). A história não dá indicação de que Jacó esperava ou buscava uma experiência espiritual incomum.

2. *A Visita Surpresa* (28.12-15)

O sonho veio sem induzimento humano e seu conteúdo foi dado pelo **SENHOR** (13), que o dominou. A **escada** (12) era ligação visual entre o terrestre e o divino. Os **anjos de Deus** eram os mensageiros, a linha de comunicação entre o homem e Deus. Não havia imagem de Deus no sonho, apenas a consciência de uma relação soberana de Deus que está **em cima** (13) de tudo. O elemento surpresa é enfatizado por uma visão em três partes na descrição do sonho (12,13).

Nas visitas de Deus ao homem no período do concerto, é comum haver uma declaração introdutória que identifica aquele que fala primeiro. Neste caso, o Orador deixou claro que Ele era o mesmo que havia visitado o avô de Jacó, Abraão, e seu pai, Isaque. Aqui não está envolvido o politeísmo. Em cada exemplo, o mesmo Deus era o Comunicador do concerto.

O teor das promessas de Deus permaneceu o mesmo. A **terra** (13) em que Jacó estava deitado era um presente de Deus. Não apenas para ele, mas para sua **semente** (14), que se multiplicaria como o **pó da terra**, sem poder ser contada, e como a agulha da bússola que se move a todas as direções do mundo. Isto acarretaria interação com outras nações e, como se deu com Abraão (12.3), era da vontade de Deus que essas interações fossem **benditas**, ou seja, contribuíssem para o bem-estar e esclarecimento espiritual.

Muitas das promessas tinham significação mais pessoal. Como Isaque (26.24), Jacó deveria conhecer a presença íntima do Senhor, mas um novo padrão também foi estabelecido. Jacó estava saindo, mais voltaria — seqüência que seria repetida muitas vezes na história dos seus descendentes. A estabilidade da presença de Deus estava ligada com sua fidelidade em pôr em prática seus propósitos nos assuntos dos homens.

3. *A Resposta de Jacó (28.16-22)*

O sonho e a mensagem acordaram Jacó, deixando-o plenamente desperto e ciente de ter tido um encontro com Deus, para o qual não estava nem um pouco preparado. O medo tomou conta do seu coração. Para ele, o lugar era **terrível** (17), ou seja, dava medo. Nitidamente apreendeu o sobrenatural, mas, ao mesmo tempo, não perdeu a razão. Estava totalmente consciente de que algo muito incomum havia acontecido e que envolvia Deus. Os termos para esta experiência foram **Casa de Deus** (*Betei*) e **porta dos céus**.

Jacó respondeu com três ações significativas. A primeira foi de natureza ritualista. Para comemorar a ocasião, a **pedra** (18) foi posta em pé e ungida com **azeite**. Fez isto não porque era homem primitivo que acreditava que as pedras tinham espírito, mas pelo fato de estar convencido da integridade do seu encontro com Deus e desejoso de testemunhar dessa fé. O segundo ato foi renomear o lugar para colocar o nome em concordância com a nova experiência. Para Jacó, **Luz** (19) não dizia nada, mas **Betei** nunca perderia sua significação. O terceiro ato foi um compromisso selado com **um voto** (20). Pelo motivo de a primeira palavra que Jacó proferiu ter sido condicional: **Se Deus for comigo**, há quem o retrate estar em árdua barganha com o Todo-poderoso, muito semelhante com suas negociações com Esaú.¹ Mas o contexto descreve Jacó como homem que foi quebrantado por Deus. Ele estava pronto a nivelar as promessas imerecidas com uma declaração voluntária de lealdade a Deus. Ao aceitar que a auto-revelação de Deus foi genuína e em reconhecimento de sua soberania, Jacó estava disposto a dar o **dízimo** (22) para Deus.²

Em 28.10-22, descobrimos o “Encontro Inesperado com Deus”. 1) O pano de fundo da história, 27.1—28.9; 2) Uma revelação inesperada, 10,11; 3) Descobrendo a ligação entre a terra e o céu, 12-15; 4) Resposta certa à revelação de Deus, 16-22 (A. F. Harper).

B. Amor Frustrado não Morre, 29.1-30

Pouca coisa é relatada acerca do restante da viagem de Canaã, exceto

que Jacó **foi-se à terra dos filhos do Oriente (1)**. E provável que esta terra designava principalmente a região ao redor de Damasco, mas também pode ter incluído Harã (ver Mapa 1).

Jacó apareceu na sossegada comunidade de Harã com ímpeto e vigor. Ele sabia por que tinha ido até lá, e a primeira moça que encontrou era exatamente quem queria. Ela mostra boa vontade, mas o pai dela não. Os procedimentos de Labão com Jacó foram extremamente desconcertantes, sobretudo no dia do casamento de Jacó.

1. *Os Rebanhos no Campo (29.1-8)*

O fato de Jacó ter encontrado pastores que conheciam seus parentes deve ser considerado cumprimento da promessa de Deus estar com ele. Sendo pastor, Jacó notou coisas diferentes nos métodos de apascentar rebanhos. Era meio-dia e já havia **três rebanhos de ovelhas** reunidos perto de **um poço no campo (2)** — provavelmente uma cisterna —, mas ninguém lhes dava água. Havia **uma grande pedra** tapando o **poço**. A explicação pela demora em dar água às ovelhas é apresentada nos versículos 3 e 8, mas Jacó não sabia disso até que indagou sobre a identidade dos pastores e se conheciam Labão.

Os pastores não eram preguiçosos. Estavam esperando a filha de Labão chegar com seu rebanho, para que todos ajudassem na remoção da pedra e depois tapassem o poço novamente. Como na história do capítulo 24, esta narrativa assinala a segurança pessoal das mulheres na sociedade de Harã, mesmo em campo aberto.

onou com a história de sua viagem. Durante um mês, não houve indicação de que Labão não tivesse pensamentos de puro afeto por Jacó. Um fato se salienta claramente: A chegada de Jacó não teve as expressões de profunda devoção religiosa evidenciadas no servo de Abraão ao chegar à mesma casa anos antes (24.32-49).

3. *O Duplo Casamento (29.15-30)*

Durante a vigência daquele mês, é evidente que **Jacó (15)** trabalhou

com os rebanhos de **Labão**. Esta situação fez com que Labão sugerisse o ajuste de um acordo salarial. Sem dúvida, ele notou o interesse de Jacó por **Raquel** (16) e viu a oportunidade de aproveitar-se de seu sobrinho. Esta filha não era a mais velha, fato que deu ao pai importante vantagem legal. **Léia** significa “vaca selvagem”. Ela possuía **olhos tenros** (17), o que não quer dizer necessariamente que fosse um defeito visual. Bem pode ser que os olhos fossem atraentes, característica física a seu favor. Por outro lado, **Raquel** (que significa “ovelha”) era bonita e **Jacó** a **amava** (18).

Jacó também esteve pensando no assunto e fez uma proposta imediata. Ele trabalharia **sete anos por Raquel**. Não era do seu conhecimento as complicações por trás da oferta, mas Labão as conhecia e esperou o momento propício.³

Chegou a data marcada para o casamento e Jacó estava ansioso para ter sua amada só para si. **Labão** preparou o habitual **banquete** (22) nupcial. Porém, naquela noite, ele não apresentou Raquel, mas **Léia** (23), para ser esposa de Jacó. O véu nupcial e a escuridão esconderam esta mudança aos olhos do noivo.

Pela manhã (25), a surpresa e o desapontamento de Jacó não tiveram limites. Com fúria, ele repreendeu Labão pelo logro, mas Labão permaneceu impassível. Era ilegal dar a filha mais nova em casamento, enquanto a filha mais velha ainda fosse solteira (26), mas havia uma solução. Se Jacó trabalhasse por **outros sete anos** (27), Labão lhe daria Raquel assim que terminasse a semana de festividades nupciais de Léia.

Para Labão, a transação era bom negócio. Ele conseguiu casar a filha primogênita sem atrativos e obteve a promessa de mais sete anos de mão-de-obra especializada de Jacó. Nem se esforçou em justificar o fato de não ter informado Jacó sobre as leis matrimoniais daquele país, quando Raquel foi pedida em casamento pela primeira vez. Segundo o costume local, ele deu para cada filha uma criada pessoal.

O registro da disputa que se desenvolveu na família de Jacó não é nada agradável. Também serve de base concreta para uma proibição feita posteriormente: o casamento de irmãs com um só homem e ao mesmo tempo (Lv 18.18). Igualmente importante, esta subdivisão fornece informações sobre a origem dos nomes das doze tribos de Israel, descrevendo as circunstâncias do nascimento de cada um dos filhos de Jacó. Cada nome reflete algo dos motivos, emoções e religiosidade das duas irmãs. ¹ (cf. v. 30). Jacó despejava afeto em Raquel, mas não menosprezava ou rejeitava Léia. O fato de ela dar à luz filhos dele demonstra que a relação carecia apenas do calor do verdadeiro amor.

Não é dada explicação para o favoritismo que o **SENHOR** (31) demonstrou a Léia, exceto que sua fé na misericórdia divina é expressa no versículo 32. Quanto a Raquel, ela foi a terceira esposa nesta família temporariamente estéril — Sara, Rebeca e agora Raquel.

Os nomes dos filhos de Jacó foram baseados primariamente nos sons das palavras ou frases e não no significado literal direto. O nome do primeiro filho, **Rúben** (32), era uma exclamação, que significa: “Olhe, um filho!” O verbo *olhar* é creditado para o testemunho de Léia. A esperança de seu marido ter o verdadeiro amor por ela não foi concretizada. O nome do segundo filho, **Simeão** (33), está baseado no verbo hebraico *shama*, que significa “tem ouvido ou foi ouvido”. Está inserido em outro testemunho da misericórdia de Deus, ainda que não fosse amada pelo marido.

O nome do terceiro filho, **Levi** (34, “juntado, anexo”), está relacionado com o verbo **se ajuntará** (*yillaweh*). Dá um vislumbre das profundezas da ansiedade de Léia pelo afeto humano que Jacó firmemente lhe negava. Teve ainda outro filho, **Judá** (35, “louvor”), que sugere a amplitude oscilatória de suas emoções: de uma dor interna à expressão de ação de graças ao **SENHOR**.

2. *A Esposa Amada fica Desesperada* (30.1-8)

Embora fosse bonita e amada, **Raquel** (1) logo descobriu que fortes

sentimentos de inveja incitavam seu coração contra Léia. Os valores daqueles dias davam elevada importância ao fato de ter filhos e ela não tinha nenhum. Irracionalmente, ela exigiu que Jacó lhe desse filhos, diante do que ele respondeu furiosamente: **Estou eu no lugar de Deus?** (2). Mas Raquel se lembrou, como Sara (16.2), que a lei da região permitia a esposa sem filhos ter posteridade por meio de uma esposa substituta. Impulsivamente, ela deu a Jacó a serva **Bila** (4), que logo teve um filho — um filho que Bila não podia dizer que era dela, pois legalmente pertencia a Raquel. Quando chamou o menino **Dã** 1.6), que significa “juiz, justificação ou defesa”, ela não estava pensando que Deus a condenava, mas que a julgava digna de misericórdia.

O nome que Raquel deu ao segundo filho de Bila, **Naftali** (8), quer dizer “lutando” e está baseado em **com lutas... tenho lutado**. Pelo fato de a primeira parte da frase ser literalmente “lutas de Deus” (*naphtaley elohim*), há quem afirme que Raquel estava se perdendo em magias. Mas não há razão para crer que ela estava fazendo algo que não fosse orar com fervor a Deus, embora suas emoções estivessem tingidas de inveja. ³

4. *Não por Mágica, mas é Deus que dá Vida* (30.14-24)

Sendo criança, **Rúben** (14) inocentemente trouxe mandrágoras dos campos de **trigo** para **sua mãe**. Os bagos amarelos desta planta eram altamente reputados por ter a capacidade mágica de produzir fertilidade. Quando Raquel os viu, ela caiu na tentação de obtê-los para cura de sua esterilidade.⁴ Para isso, fez uma barganha sórdida com a irmã. A tônica que o paganismo dava em superstições mágicas atraía as mulheres em práticas repulsivas. Jacó não contestou, nem resistiu.

Apesar da implicação de valores morais distorcidos, Deus concedeu fertilidade a Léia, e Raquel descobriu que a magia não resolvia seu problema. Léia pelo menos reconhecia a atividade de Deus, embora entendesse mal a razão da misericórdia de Deus. Seu equívoco está incrustado no nome do quinto filho, **Issacar** (18), que significa “aluguel ou pagamento”. O nome estava baseado no acordo feito entre

Léia e Raquel. O **sexto filho (19), Zebulom** (20, “habitação”), reflete o desejo ardente e permanente que Léia tinha pelo afeto do marido, que nem sequer seis filhos lhe deram. Este nome é o único dos doze filhos que têm paralelo mesopotâmico. O termo acádio *zubullu* significa “presente de noivo” e, assim, liga-se à expressão **boa dádiva** (20).

Só **uma filha** (21) é atribuída a Jacó. Seu nome é **Diná**, que significa “julgamento”, mas nenhum testemunho pessoal foi ligado ao nome. Mais tarde, esta moça iria figurar em cena trágica (cap. 34).

Para **Raquel** (22), as mandrágoras foram inúteis. Quando finalmente deu à luz um filho ela entendeu que foi um ato especial da misericórdia divina. **Lembrou-se Deus** é termo associado com oração respondida. O nome que ela deu ao garoto foi **José** (24, que significa “adição, acréscimo”). Pela fé, ela esperava outro filho como presente de Deus. Para ela, a superstição pagã perdeu sua atração.

D. Pastores Inteligentes, 30.25—31.55

Depois do casamento de Jacó com as duas irmãs, a história se concentrou na luta que elas empreenderam entre si na questão de gerar filhos. Agora, a luta ocorre entre Jacó e Labão, até se separarem em paz apreensiva. ⁴

Labão concordou, mas tomou uma precaução. Imediatamente, e em segredo, separou dos rebanhos os animais das cores que Jacó queria e os enviou para longe **(35,36)**. Este ato era violação do espírito do acordo, mas no momento Jacó não podia fazer nada. Ele tinha seus próprios estratégias. Exteriormente, seus procedimentos parecem um tipo supersticioso de magia, mas depois ele confessou às suas esposas que foi Deus que o instruiu na procriação seletiva **(31.10-12)**. **Descascou nelas riscas brancas (37)** é tradução apoiada por Moffatt. Na verdade, ele estava limitando a linhagem da procriação masculina aos carneiros com coloração peculiar, e colocando a descendência em rebanhos separados. Desta forma, aumentava radicalmente o número de filhotes e cordeiros de cor indefinida de gestação em gestação. Além disso, ele mantinha

somente os melhores animais para a procriação seletiva, e deixava os animais inferiores para os rebanhos de Labão. Esta era a verdadeira razão por que seus rebanhos eram tão numerosos e fecundos **(31.9)**.

2. Uma Reunião de Família (31.1-16)

O sucesso de Jacó com os rebanhos deu ocasião para os **filhos de Labão** (1) fazerem observações maliciosas sobre a honestidade do cunhado. Recusaram admitir sua habilidade como criador ou a providência de Deus na vida de Jacó. Pior ainda, Labão acreditou nos filhos, não levou em conta o fato de ele próprio ser desonesto e hostilizou Jacó. Evidentemente Jacó temeu por sua vida e buscou a orientação de Deus. O Senhor lhe deu permissão para voltar (3) e ressaltou de novo sua promessa: **Eu serei contigo**.

Não confiando nas pessoas do acampamento principal, Jacó pediu que **Raquel e Léia** (4) fossem ao local do seu **campo** para realizarem uma reunião de família.

Notando a mudança na atitude de Labão, Jacó destacou a presença de Deus em seus assuntos, sua diligência pessoal como pastor e a desonestidade de Labão. Jacó deu a **Deus** (9) todo o crédito pela prosperidade obtida, pela orientação na criação do rebanho e pela nova proposta de fugir para Canaã.

Neste assunto, **Raquel e Léia** (14) estavam unidas. Concordaram que o pai foi injusto. Lembraram com nítido ressentimento que Labão as humilhara quando as vendeu como propriedade e usou o **dinheiro** (15) que pertencia a elas e a seus filhos. De boa vontade lhe deram o consentimento para retornar a Canaã.

3. A Fuga e a Perseguição (31.17-24)

Jacó sagazmente tirou proveito do fato de **Labão** ter ido **tosquiar as suas ovelhas** (19) que estavam em lugares distantes. Sem que ninguém soubesse, Raquel levou consigo os **ídolos** que eram equivalentes a títulos da propriedade de Labão.⁵ Sem dar indicação de suas intenções, Jacó e suas esposas dirigiram os rebanhos para

O sul, atravessaram o rio Eufrates e passaram abaixo de Damasco, em direção ao planalto a leste do mar da Galiléia chamado **montanha de Gileade** (21; ver Mapas

1 e 2). Quando Labão ficou sabendo da fuga, reuniu alguns **irmãos** (23), ou seja, parentes, e perseguiu Jacó até alcançá-lo. Mas antes que **Labão** (24) encontrasse Jacó, **Deus** o encontrou em um sonho, advertindo-o a não tratar **Jacó nem bem nem mal**. Deus estava mostrando que Ele tem muitas maneiras de ajudar os que lhe pertencem.

4. *A Investigação* (31.25-42)

O dramático encontro de Labão e Jacó é ardilosamente contado. Emoções variadas são reveladas de modo hábil e sutil e o suspense é mantido até o fim, com mudanças repentinas de ironia tornando interessante o todo.

Primeiramente, Labão atacou Jacó com indignação, acusando-o de ser ladrão que traficava vidas humanas. Acusou o genro de total descortesia ao fugir. Com um toque de autopiedade, Labão se descreveu como o mais generoso dos homens, privado de exibir afeto às suas filhas e da hospitalidade de dar uma festa de despedida. Com falsa virtude, Labão declarou que tinha o poder de punir severamente, mas que não o faria, porque Deus interveio.

Em seguida, Labão depreciou Jacó como rapaz saudoso de casa que tinha de voltar para a casa do pai (30). Mas também o acusou de salafrário odioso, que havia furtado os **deuses** de Labão.

Jacó não se defendeu. Apenas admitiu que foi o medo que o motivou, medo que estava baseado na profunda desconfiança da integridade de Labão e do seu uso irresponsável de força (31). Mas a última acusação de Labão feriu Jacó, que impulsivamente deu ao sogro a permissão de revistar o acampamento, acrescentando que se alguém fosse pego com os **deuses** (32) deveria morrer. **Jacó** não sabia que sua amada esposa, **Raquel**, era a parte culpada. Mas **Raquel** foi esperta e disse que não podia se levantar diante do pai porque estava menstruada.

Ela colocou os objetos na **albarda** (sela) de um **camelo**, e **assentara-se sobre eles (35)**.

Vexado por sua acusação parecer infundada, a raiva de Labão diminuiu. Agora foi a vez de Jacó enfurecer-se e censurar o sogro, exigindo uma explicação de suas ações. Labão o acusou de roubo, mas não conseguiu provas. Por sua vez, Jacó acusou Labão de há muito ser desonesto e de maltratá-lo. Pelo serviço diligente e irrestrito que Jacó prestou, Labão o havia explorado. Só as misericórdias providentes do **Deus** dos pais de Jacó o salvaram, e, ainda mais, Deus havia repreendido Labão em sonho recente (42).

o sul dessa linha, para fazerem mal uns aos outros (cf. **52**). Sendo a parte mais forte, Labão colocou várias limitações para Jacó no futuro. Ele tinha de tratar as filhas de Labão com decência e abster-se de tomar mais esposas. **Mesmo que ninguém esteja conosco, atenta que Deus é testemunha entre mim e ti (50)**, observou Labão. Concluindo, cada um fez um juramento, Labão no nome do **Deus de Abraão** e do **Deus de Naor (53)**. Jacó fez seu voto no nome do Deus do **Temor de Isaque, seu pai**. Depois dos votos, comeram a refeição comunal da carne de um animal sacrificado. **Pela manhã, de madrugada**, Labão era outro homem, despedindo-se com beijos afetuosos (**55**) e uma bênção divina.

Labão foi um homem imprevisível. Por um lado, mostrou hospitalidade ao servo de Abraão (24.31) e depois a Jacó. Exteriormente, deu mostras de bondade até a alteração final com Jacó. Por outro lado, astutamente se aproveitou do fato de Jacó desconhecer as leis locais e fez o melhor que pôde para explorar Jacó e as filhas. Ironicamente, acabou perdendo as filhas, seu melhor pastor, seus netos e grande parte dos rebanhos. Depois do pacto em Galeede, ele nunca mais os viu. Deu a impressão de ser virtuoso, mas na verdade não dava valor algum à vida íntegra.

E. Profunda Crise Espiritual, 32.1-32

A questão com Labão estava resolvida, mas agora havia uma ameaça maior no sul. O iminente encontro com Esaú abalou Jacó até ao fundo

de sua alma e preparou o cenário para uma das lutas e vitórias espirituais significativas no Livro de Gênesis. Peniel, onde se deu o fato, tomou-se sinônimo de experiência de crise espiritual que radicalmente transforma a alma.

1. *Atividades de Nova Consciência Espiritual* (32.1,2)

Desde que Labão se tornou hostil a ele, Jacó ficou mais sensível aos procedimentos de Deus e obteve ajuda e orientação. Agora uma visita dos **anjos de Deus** (1) o despertou novamente e, em certa medida, o preparou para a luta que viria. **Maanaim** (2) significa "dois acampamentos ou dois grupos". Diz respeito ao acampamento de Jacó e ao acampamento invisível e circundante dos **anjos de Deus** que protegiam Jacó e sua família.

De **32.1,2**, Alexander Maclaren pregou sobre “Maanaim: os Dois Acampamentos”. **1)** Anjos de Deus nos encontram na estrada poeirenta da vida comum, **1;** **2)** Os anjos de Deus nos encontram pontualmente na hora da necessidade, **2;** **3)** Os anjos de Deus aparecem na forma que precisamos: **O exército de Deus, 2.**

2. *Medo Incitado por Culpa* (32.3-8)

Jacó sabia que agora tinha de tratar com Esaú, contra quem tão gravemente havia pecado no passado, e que, até onde sabia, ainda queria feri-lo. Mas Jacó estava disposto a buscar paz fazendo o primeiro movimento para estabelecer uma nova relação. Para esse propósito, enviou **mensageiros** (3) ao sul, ao **território de Edom** (ver Mapa 2), com a história do sucesso de Jacó e um pedido para encontrar **graça** (5) aos olhos do irmão. Esta frase é equivalente a pedido de perdão pelos erros passados. Os **mensageiros** (6) voltaram com a notícia de que Esaú se dirigia para o norte com quatrocentos homens, aparentemente com más intenções em relação a Jacó. Logicamente, os **mensageiros** de Jacó não tinham falado com **Esaú**.

O medo invadiu o coração de Jacó e ele imediatamente tomou medidas defensivas. Com desconsideração pela vida de alguns que o

acompanhavam, ele os mandou à frente para receber o ímpeto do ataque esperado. Esta ação permitiria que os outros escapassem.

3. *Rogo por Ajuda Divina (32.9-12)*

O segundo movimento de Jacó foi orar a Deus em busca de livramento. Ele não advogava o conceito pagão de muitos deuses. Dirigiu suas orações ao Deus **de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque** (9). Identificou este Deus com o **SENHOR** que lhe dera mandamentos e promessas. Era o mesmo Deus que encontrava seus servos a qualquer hora e em qualquer lugar que quisesse. Era o Deus que tinha o direito e o poder de dizer: “Vai”, e: “Volta”; tinha a integridade e o poder de cumprir sua promessa de estar com Jacó e de fazer-lhe bem.

Não havia arrogância hipócrita na oração de Jacó. Prontamente admitiu sua indignidade em receber as **beneficências** (10) divinas, ou seja, ações de bondade. A **fidelidade** seria as mensagens de mandamento, promessa e instrução. A elevação de Jacó da pobreza para a riqueza era devida inteiramente à ajuda de Deus. Contudo, devido ao natural medo humano, a caravana foi separada em dois grupos por causa do esperado ataque de Esaú.

O alvo da oração era obter livramento divino, pois Jacó estava tomado pelo medo. Sua morte e a matança de suas esposas e filhos pareciam iminentes. Terminou a oração pleiteando a validade das promessas divinas e a fidelidade de Deus em cumpri-las mediante proteção preventiva.

4. *Presentes de Reconciliação (32.13-23)*

Depois da oração, Jacó deu nova dimensão ao propósito do acampamento dividido. Os primeiros grupos não receberiam apenas o impacto inicial de um ataque, mas serviriam como emissários de paz, levando presentes para Esaú. Em vez de dois grupos, agora havia três, cada um com presentes e a mensagem que Jacó estava indo. A esperança de Jacó era aplacar a ira de Esaú (20), de forma que quando ele entrasse em cena Esaú o aceitasse amavelmente.

O verbo **aplacarei** (20, *kipper*) significa literalmente “cobrir”, mas veio a significar a tristeza do ofertante por ter cometido uma ação errada e seu desejo de pedir perdão, para que uma relação correta e aproveitável fosse estabelecida. Esta é a primeira ocasião em que a palavra é usada na Bíblia com este significado. Quando esta mensagem simbólica era transmitida ao indivíduo contra quem se havia pecado, esperava-se que a raiva mudasse em misericórdia, com a resposta de franqueza e sinceridade que tornaria a reconciliação uma realidade.

Nesse momento, Jacó e sua família estavam acampados junto ao **vau de Jaboque** (22), um rio que corta um vale profundo nos planaltos a leste do rio Jordão, mais ou menos a meio caminho entre o mar da Galiléia e o mar Morto (ver Mapa 2).

5. *Crise à Noite* (32.24-32)

Jacó tinha enviado todos os outros para a margem sul do vau de Jaboque e passado a noite **só** (24). Pelo menos no começo. Na escuridão, um **varão**, que no versículo 30 se identifica como Deus, **lutou** com Jacó. Durante a luta, Jacó teve um quadril deslocado, mas prolongou o combate insistindo que não deixaria de lutar até que o abençoasse (26). Jacó precisava desesperadamente de ajuda, mas antes de obtê-la tinha de confessar o pecado que estava simbolizado pelo seu nome, “agarrador de calcanhar ou enganador”.

Em resposta à luta, Deus mudou seu nome para **Israel** (28), “aquele que luta ou prevalece com Deus”. A mudança de nome, como se deu com Abraão e com Sara, indicava mudança de *status* e mudança do ser interior. Jacó não tinha certeza de quem estava lutando com ele até ao término do combate. Levantou-se e, mostrando sua nova mentalidade, chamou o lugar **Peniel** (30), que significa “face a face com Deus”. Sua própria inaptidão física lhe seria testemunha constante de que a batalha realmente havia ocorrido. Seus descendentes também tinham de comemorar o fato abstendo-se de comer a **coxa** (32), ou o músculo do nervo ciático, de animais que costumavam comer.

Em 32.22-30, vemos como “Jacó se Torna Israel”. 1) Jacó, o

suplantador, 27; 2) Jacó, o lutador, 24-26; 3) Jacó, o prevalecedor, 28 (G. B. Williamson).

A luta noturna de Jacó gerou as características básicas das experiências espirituais significativas de homens e mulheres do Antigo e do Novo Testamento. Charles Wesley entendia que o episódio de Peniel era um tipo da experiência cristã em que se baseou para compor seu famoso hino “Vêm, Tu, o Desconhecido”.

O fato de o pecado contra os outros também ser um ato que afeta a relação de Deus com o homem é central neste episódio. Jacó não tinha de enfrentar somente Esaú; teve de enfrentar Deus em primeiro lugar. Aliás, Deus o enfrentou na agitação da culpa para levá-lo a um pleno reconhecimento da pecaminosidade do seu ser e da necessidade de mudança radical.

Jacó lidava com um problema difícil. Se ele não conseguisse resolver realisticamente sua alienação de Esaú, ou procurasse tratá-la de maneira desonesta e inadequada, ele corria o risco de inflamar ainda mais a raiva de Esaú. Semelhantemente, se ele não confessasse seu pecado a Deus, ele incorreria no desgosto divino.

A princípio, Jacó tendeu a se servir de expedientes impróprios. Ele temia o poder de Esaú e amava a vida e a riqueza que tinha. Estava inclinado a sacrificar parte de seu séquito a Esaú para escapar com a vida e algumas posses. Resolveu, então, enviar presentes e mediadores entre ele e Esaú. Na oração, reconheceu que era indigno, mas não admitiu que era pecador. Queria a bênção, mas detestava repudiar sua natureza enganosa.

Mas Jacó foi vitorioso, porque se firmou em sólida base espiritual no decorrer da luta. Afirmou o domínio de Deus sobre sua vida e reivindicou as promessas que Deus lhe deu em Betei e em Harã. Apoiou seu futuro na validade e fidelidade de Deus em cumprir o que havia prometido. Declarou suas necessidades, pediu ajuda e, com determinação, esperou a bênção, ainda que lhe custasse a confissão do pecado de sua perversão interior. Testemunhou publicamente acerca da ajuda de Deus dando um nome ao lugar.⁷ Jacó estabeleceu uma

máxima evangélica básica: fé é aceitação da misericórdia imerecida de Deus.

Em 32.9-12,24-30, vemos onde “Deus Confronta o Homem pela Segunda Vez”. 1) Um homem cujos recursos não bastavam, 9-12; 2) Um homem sozinho com Deus, 24; 3) Um homem que não receberia uma negativa como resposta, 26; 4) A confissão que traz a bênção, 27-30 (A. F. Harper).

F. Irmãos Conciliados, 33.1-17

Outras histórias no Livro de Gênesis já haviam descrito conflitos fatais entre irmãos (4.1-8) e profundas diferenças entre irmãos (9.22,23; 21.9-14). Este é o primeiro exemplo registrado de reconciliação entre irmãos separados por discórdia. A história é contada com destreza.

1. *Um Encontro Repleto de Emoção* (33.1-4)

Jacó ainda não estava certo das intenções do irmão e fez outro rearranjo da família. Desta vez, pôs na frente as duas esposas secundárias, Bila e Zilpa, com **seus filhos** (2), depois **Léia e seus filhos** e, por último, **Raquel e José**. Esta ordem indica algo do valor relativo que ele dispensava aos membros de sua família. Mas desta feita, em vez de permanecer atrás como pretendia a princípio (32.20), ele foi mancando à frente de todos e se curvou ao chão **sete vezes** (3).

Para surpresa de todos, **Esaú** (4) não foi hostil, mas ficou profundamente comovido e alegre quando **abraçou** o irmão e o **beijou**. Juntos **choraram**.

2. *Entendendo-se Novamente* (33.5-11)

Esaú conhecia Jacó, mas não os outros, por isso Jacó apresentou sua família, grupo por grupo, e cada grupo, por sua vez, cortesmente se inclinou (6). O irmão mais velho ficou confuso com os três grupos de servos com presentes que o abordaram. Jacó explicou que os presentes

eram dados para ele **achar graça aos olhos (8)** do irmão afastado. Mas há muito que Esaú não guardava rancor contra Jacó, e indicou que não precisava dos presentes. Contudo, aceitou-os quando Jacó insistiu. Não eram necessários para apaziguar a raiva de Esaú, porque Deus há muito tempo preparou seu coração para perdoar Jacó. Mas o coração de Jacó só foi preparado naquela manhã, então os presentes representavam gratidão e afeto, em vez de apaziguamento.

3. *Preparando-se para Partir* (33.12-17)

Esaú queria que Jacó voltasse para casa com ele, na fortaleza escarpada e montanhosa de **Seir** (14), situada a sudeste do mar Morto (ver Mapa 2). Mas Jacó alegou que os rebanhos e a família o sobrecarregariam muito para manter o passo com Esaú e seus homens. Pediu, e lhe foi concedido, que fossem para o sul na sua própria marcha. A separação foi amigável e em nítido contraste com o modo como os irmãos tinham se separado há vinte anos.

G. Tragédia em Siquém, 33.18—34.31

Esta história dolorosa começa uma série que se concentra nas qualificações dos filhos de Jacó como portadores dignos das promessas e responsabilidades do concerto. A comunidade em Siquém tinha padrões culturais diferentes relativos a mulheres daqueles padrões postulados por Jacó e sua família. Quando Diná foi injuriada pelo confronto desses padrões culturais, a natureza incivilizada de alguns dos filhos de Jacó veio à tona.

1. *O Estabelecimento em uma Nova Comunidade* (33.18-20)

Depois de terem ficado certo tempo próximo de **Sucote** (17), na margem oriental do rio Jordão, a família de Jacó foi para os planaltos a oeste e pareceu gostar do que encontraram. Abraão também viveu por curto período em **Siquém** (18; cf. 12.6). Mas Jacó decidiu tirar proveito permanente dos férteis pastos a leste da cidade. Comprou terras e estabeleceu um lugar de adoração que chamou **Deus, o Deus de Israel** (20).

2. A Ação Vergonhosa (34.1-5)

Como indicado pelas histórias de Rebeca (24.15-28) e de Raquel (29.6-12), o povo de Harã permitia que as moças tivessem considerável liberdade de movimento longe de casa ou do acampamento, porque os padrões morais da região lhes davam segurança. Parece que a família de Jacó esperava a mesma consideração pelas mulheres na comunidade de Siquém. Estavam a ponto de ter uma tremenda surpresa.

Diná (1) saiu sozinha para visitar amigas e foi molestada no campo pelo jovem **filho** (2) do **príncipe** daquela localidade. **Siquém, filho de Hamor, heveu**, provavelmente pertencia a um grupo hurriano que migrou para a região algum tempo antes. Provavelmente deve ter passado uma década desde que Jacó se despediu pela segunda vez de Esaú, pois **Diná** foi a sétima criança que Léia deu à luz e agora era adolescente.

Siquém estuprou **Diná** e depois tentou persuadi-la — **falou afetuosamente** (3) não é bastante forte — a aceitar suas investidas em base permanente. Ele teve êxito, porque a levou para casa e exigiu que o pai lhe desse a moça como esposa (4). O jovem não tinha senso do erro, e foi bastante arrogante no modo em que falou com o pai. Quando **Jacó** (5) ficou sabendo disso, não fez nada até que seus filhos voltassem dos campos com os rebanhos; agiam como unidade familiar na tomada de decisões.

3. As Negociações (34.6-19)

A crise exigia uma reunião entre as duas famílias envolvidas. **Hamor** (6) e **Siquém** representavam um lado, e **Jacó** e seus **filhos** (7) raivosos representavam o outro. O encontro foi aparentemente civilizado, mas um desvairado ressentimento fervia no coração dos filhos de Jacó, pois para eles isso (a violação de Diná) **não se devia fazer**.

O argumento de Hamor foi simplesmente que Siquém queria Diná. Mas ofereceu algumas vantagens. A família de Jacó receberia plenos

direitos de cidadania pelo casamento entre as duas famílias, passe livre, participação no comércio (10) e direitos de propriedade. De forma impulsiva, **Siquém** inseriu a possibilidade de dar dote considerável (11), pois ele desejava desesperadamente Diná como esposa.

Foram os **filhos de Jacó** (13) que responderam com uma proposta inocente, a qual, não obstante, tinha implicações letais. Insistiram que seu peculiar costume da circuncisão fosse aceito por toda a população masculina da cidade; caso contrário, eles deixariam a região. Não suspeitando do ardil, pai e filho aceitaram o plano.

4. *A Confiança Franca e o Logro Oculto* (34.20-31)

Hamor e Siquém (20) levaram a proposta para a cidade, onde os homens estavam acostumados a se reunir para as discussões e decisões da comunidade à **porta da cidade**. Os argumentos do pai e do filho convenceram os concidadãos das vantagens do casamento com um dos membros da família de Jacó e concordaram que submeter-se à circuncisão não era preço alto. **Todos os que saíam da porta da cidade** (24) é uma expressão idiomática para se referir a homens capazes de portar armas. Todos foram circuncidados, uma operação que os debilitava por alguns dias.

Simeão e Levi (25) sabiam que homens circuncidados não podiam lutar; assim, no momento oportuno, foram à cidade, **mataram todo macho**, inclusive **Hamor e Siquém** (26), e resgataram a irmã. Vieram os outros **filhos de Jacó** (27) e fizeram uma pilhagem geral da cidade e dos rebanhos. Levaram cativos os sobreviventes.

Jacó ficou profundamente chocado e reprovou os dois que tinham executado o crime. Ele sabia qual seria a reação dos habitantes rurais adjacentes, e que seu clã poderia ser exterminado. Mas os rapazes não se arrependeram, replicando com a pergunta: **Faria, pois, ele a nossa irmã, como a uma prostituta?** (31) Claro que a resposta é “Não!” Mas em sua cólera extremada, os filhos de Jacó ficaram cegos a alternativas à violência. Jacó percebeu nitidamente que o episódio desqualificava estes dois filhos mais velhos como aptos para assumir

as responsabilidades do concerto no futuro. Ele não esqueceu o fato, mas reservou a punição maior para depois (cf. 49.5-7).

H. O Concerto Renovado em Betel, 35.1-15

No incidente anterior, Jacó estava basicamente em segundo plano, mas foi bastante ferido por tudo que aconteceu. Nesta história, ele desempenha papel predominante outra vez, conduzindo a família em experiências significativas que culminaram em Betei, onde teve seu primeiro encontro com Deus.

1. *Uma Ordem Divina* (35.1)

Deus encontrou **Jacó** (1) na intensidade do vivido sofrimento espiritual produzido pelo crime contra Diná e pelos crimes cometidos por seus filhos contra Siquém. A palavra foi clara e simples. Jacó deveria subir a **Betei** e adorar o Deus cuja única expressão exterior seria **um altar**. A visita a **Betei** seria importante, porque foi lá que **Deus** apareceu a Jacó pela primeira vez.

2. *A Rejeição da Idolatria* (35.2-5)

Exceto pela breve referência a imagens que Raquel roubou do pai (31.19,30-35), esta é a primeira descrição de posse de ídolos na família patriarcal. Jacó deve ter tomado conhecimento da existência dessas imagens, mas até então não havia realizado nenhuma ação drástica. Neste contexto, a ordem: **Purificai-vos** (2), significa livrar-se dos ídolos e das práticas associadas a eles. A outra ordem: **Mudai as vossas vestes**, parece ter tido significado simbólico, denotando mudança de lealdade e prática religiosa. Em lugar da adoração aos deuses da natureza e suas superstições, Jacó prometeu tempos de adoração ao verdadeiro **Deus** (3), que respondeu suas orações e tornou real sua presença ao longo de muitos anos. Deus era distinto da natureza, mas sempre poderoso em sua relação pessoal com quem se entregava a Ele. O poder de sua presença era sentido por todos na família, conforme é indicado pela pronta obediência. As **arrecadas** (4), ou seja, brincos em forma de argola (cf. ARA) também eram expressão da crença pagã, um tipo de talismã de boa sorte. Moffatt os

chama “seus amuletos de pingentes”. O clã estava em perigo mortal, mas Deus cuidou da situação, pois em vez de violência contra a família de Jacó, **terror** (5) seria sentido pelos habitantes da região.

3. *A Segunda Aparição de Deus em Betei* (35.6-15)

Deve ter sido ocasião solene para Jacó quando ele voltou a **Betei** (6) e construiu o **altar** (7) preparatório de adoração. Recordações vividas do acontecimento verificado tantos anos antes devem ter-lhe lampejado pela mente. Uma nota de tristeza foi acrescentada às outras emoções, quando a **ama de Rebeca** morreu e **foi sepultada** (8). A Bíblia não registra a morte de Rebeca ou quando a ama se uniu ao círculo familiar de Jacó, mas é evidente que ela estava com eles tempo suficiente para ganhar o afeto da família. Chamaram o local do sepultamento **Alom-Bacute**, que quer dizer “carvalho do choro”.

O primeiro elemento da aparição de Deus a Jacó foi uma bênção que incluía a reiteração do novo fato da vida de Jacó: a mudança do seu nome para **Israel** (10). Visto que estava relacionado com duas visitas divinas importantes, este fato ganharia mais significado para o patriarca e seus descendentes.

O outro elemento foi a repetição do primeiro concerto feito com Abraão. Depois de Deus ter-se identificado, Ele deu uma ordem (11) muito semelhante a que deu a Adão e Eva (1.28). Esta ordem estava relacionada com as promessas há muito feitas a Abraão (17.5,6), que sua posteridade seria **uma nação e multidão de nações e reis** (11). Deus repetiu a promessa de que a **terra** (12) seria de Israel e de seus filhos como presente. A teofania (aparição divina) era ato confirmador do compromisso de Deus com as promessas passadas e a validação das realidades espirituais vigentes.

A resposta de Jacó foi muito semelhante ao seu primeiro encontro com Deus no mesmo lugar. Ele **pôs uma coluna de pedra** (14) e derramou sobre ela **azeite**. Este era testemunho público de que o Deus de Jacó era verdadeiramente o Deus que se revela ao homem. A proclamação do novo nome do lugar, **Betei** (15, casa de Deus) foi igualmente um testemunho da fé de Jacó.

I. Viagem Toldada pela Tristeza, 35.16-29

A presença de Deus não eliminou a tristeza ou a dor da vida de Jacó, mas o preparou e o sustentou durante os tempos de aflição. Agora sua disposição era de bondade e compaixão, revelando extraordinária capacidade de suportar sofrimento. ⁶

Jacó que nasceu ao sul de Harã; portanto, é possível que o nome signifique “o filho do sul ou filho sulista”.⁹

Há muito que a tradição afirma que o acompanhamento de Jacó estava situado em um cume de morro distante cerca de três quilômetros ao sul da atual Jerusalém. O lugar ainda leva o nome de *Ramat Rahel*, ou seja, “Cume do Morro de Raquel”. Atualmente há um edifício pequeno ao lado da estrada para **Belém** (19), poucos quilômetros ao sul de *Ramat Rahel*, que é conhecido por “Túmulo de Raquel”. Desconhecemos o fato de este ser o verdadeiro local da **coluna** (20) que Jacó erigiu em honra de Raquel.

2. *A Concupiscência Venceu Rúben* (35.21,22a)

Migdal-Eder (21), que significa “Torre de Eder”, só entrou na história como lugar onde foi cometido um pecado vulgar. Caso contrário, o local seria desconhecido. O incidente ali ocorrido aumentou a tristeza de Jacó. Seu filho primogênito, **Rúben** (22), violou os padrões da moral vigente cometendo incesto com **Bila**, uma das esposas secundárias de Jacó. O ato não só era flagrante pecado contra a santidade do casamento; era também desdenhoso desafio da autoridade tribal do seu pai. Jacó não puniu Rúben imediatamente, mas não esqueceu (ver 49.3,4). No que dizia respeito a Jacó, o ato descartou **Rúben** como líder do concerto.

3. *Lista dos Filhos de Jacó* (35.22b-26)

Os filhos de Jacó (22) estão alistados de acordo com suas respectivas mães e não pela idade. Os filhos das esposas, **Léia** (23) e **Raquel** (24), são colocados antes dos filhos das servas, **Bila** (25) e **Zilpa** (26). Este resumo é uma ponte que prenuncia as histórias que descrevem a sina

dos filhos.

A frase **que lhe nasceram em Padã-Arã (26)** é modificada pela história do nascimento de Benjamim (35.16-18). Não se julgou necessário repetir o que era óbvio.

4. *A Morte de Isaque (35.27-29)*

Finalmente, Jacó voltou ao seu idoso pai, a quem muitos anos antes havia enganado. A antiga doença de Isaque (**27.1,2**) não foi fatal. Fazia tempo que Rebeca tinha morrido. As velhas feridas tinham sido curadas e a volta ao lar foi em paz. Assim também a morte de Isaque ocorreu em paz, pois os dois irmãos, **Esaú e Jacó (29)**, uniram-se para sepultar o pai na cova de Macpela.

Esta série de três experiências (19-29) indicava verdadeiro problema para Jacó. Não havia mais filhos, e os membros mais velhos dos doze mostravam sinais infelizes de maldade moral. A geração passada não mais vivia e agora Jacó era o único portador vivo das responsabilidades do concerto. O concerto ia morrer com ele? Se não, quem era digno de ocupar seu lugar?

1

A Esposa Não Amada foi Abençoada (29.31-35)

A palavra hebraica traduzida por **aborrecida (31, senuah)** nem sempre transmite fortes conotações negativas. O contexto deste exemplo favorece um significado mais brando

2

O Rapaz Encontra a Moça (29.9-14)

A visão da prima **Raquel (10)** mudou **Jacó** em um modelo de força. A grande pedra, que exigia o poder combinado de um grupo de pastores, foi prontamente retirada pelos arrancos vigorosos do estranho de Canaã. Cântaro após cântaro de água foi tirado do poço para as ovelhas da moça. **Raquel (11)** deve ter ficado agradavelmente

surpresa quando foi beijada pelo emocionado **Jacó**, o qual se identificou como seu primo. O termo **irmão (12)** tem aqui o sentido de parente; na verdade, Jacó era sobrinho de Labão.

Como Rebeca (24.28), Raquel correu para casa com a notícia da chegada do estranho. A reação da casa foi imediata e hospitaleira. Labão, à maneira autenticamente oriental, **abraçou e beijou** o parente. Na hora da refeição com a família, Jacó os emoci-

[3](#)

A Contrapartida (30.9-13)

Léia também tinha uma serva, que ela prontamente deu a Jacó como outra esposa substituta. **Zilpa**, por sua vez, deu à luz dois filhos. Embora o nome **Gade** (11) queira dizer “tropa”, seu significado mais comum é “boa fortuna”, o que se ajusta muito melhor neste contexto e é aceito na maioria das mais recentes traduções bíblicas. O nome do próximo menino, **Aser** (13, “feliz ou bendito”), também era exclamação da extrema satisfação de Léia e sua serva estarem gerando mais que Raquel.

[4](#)

Acordo Obtido com Má-Fé (30.25-43)

Quando **Jacó** (25) cumpriu o segundo período de sete anos de serviço, ele falou com **Labão** acerca do futuro. Jacó pediu permissão para que ele tomasse suas **mulheres** (26) e família e voltasse à sua **terra**. Mas Labão o convenceu a ficar, pois ele se aproveitava do seu trabalho. Caso esta fosse a atitude de Labão, Jacó havia planejado uma segunda proposta.

Superficialmente, as exigências salariais de Jacó pareciam curiosamente absurdas para Labão. Naquele país, as cabras, em geral, são totalmente pretas ou marrons escuras e a cor normal das ovelhas é totalmente branca, embora ocorressem variações. Jacó quis selecionar as cabras de cor pouco comum e as ovelhas de cor

escura para formar seu rebanho. Ele ficaria somente com as cabras e ovelhas de cor indefinida que aparecessem entre a descendência do rebanho básico. Esta divisão seria modo fácil de evitar engano quanto a quem pertencia determinados animais. Jacó disse: “E a minha honestidade dará testemunho de mim no futuro, toda vez que você resolver verificar o meu salário” (33, NVI).

[5](#)

O Pacto de Paz (31.43-55)

Labão (43) estava em desvantagem, contudo protestou illogicamente que as mulheres, as crianças e o gado lhe pertenciam. Se Jacó tivesse sido escravo, isso ficaria claro naquele dia, mas Jacó afirmou que era um verdadeiro genro. Certos estudiosos concluem que ele pode ter sido um filho adotado e, nesse caso, não haveria dúvida sobre o direito de propriedade.^{[5](#) [7](#)}

[6](#)

A Perda da Amada Raquel (35.16-20)

A esposa favorita de Jacó, **Raquel** (16), teve um segundo filho, mas custou-lhe a vida. Em seu último fôlego de vida, Raquel chamou a criança **Benoni** (18, “filho da minha tristeza”), mas Jacó rompeu o precedente e rejeitou a escolha de Raquel. Chamou o menino **Benjamim**, que, literalmente, significa “filho da mão direita”. Considerando que, para o povo semítico, a mão direita era lugar de honra e força, há comentaristas que supõem que este novo nome significava “o Filho da Boa Fortuna”.⁸ Em vista das circunstâncias, outra explicação parece mais provável. Quando um habitante da Palestina designava direções, ele costumeiramente ficava em pé olhando para o leste; por conseguinte, a mão direita ficava no sul. O segundo filho de Raquel foi o único filho na família de

[7](#)

O sogro estava disposto a esquecer as sutilezas legais a favor de um

concerto (44). Todos os detalhes externos da ação de fazer concerto estavam em concordância com as práticas vigentes naqueles dias: a **pedra** posta em **coluna** (45), o **montão** de **pedras** (46) sobre o qual comeram uma refeição e os votos ou juramentos feitos ali. Cada um deu ao lugar um nome em sua língua nativa: Labão, em aramaico, e Jacó, em hebraico. O termo aramaico, **Jegar-Saaduta** (47), e o hebraico, **Galeede**, querem dizer “o montão do testemunho”.

O lugar também foi chamado **Mispa** (49), que significa “torre de vigia ou torre de observação”. A declaração no versículo 49 tornou-se uma bênção entre os cristãos. Contudo, neste contexto imediato a palavra transmite um aviso. O Senhor cuidaria para que Jacó não cruzasse para o norte daquele marcador de fronteira, nem Labão cruzaria para

ESAÚ, O HOMEM QUE ACEITOU DE VOLTA SEU IRMÃO

Gênesis 36.1-43

Este capítulo é uma compilação de seis listas antigas relacionadas a Esaú e sua posteridade. Estão colocadas aqui para lhe dar uma saída da história do procedimento de Deus com a linhagem de Abraão. Deste ponto em diante, a Bíblia descreve os edomitas de certo modo antagônicos aos israelitas. Os edomitas nunca são retratados genuinamente religiosos, embora pesquisas arqueológicas revelem que eles possuíam ídolos pagãos.

A primeira lista (36.1-8) trata das esposas de Esaú e seus filhos e é voltada para Canaã. A segunda também inclui os netos, mas está ligada à terra de Edom (Seir, ver Mapa 2), região sudeste do mar Morto, em alguns pontos elevando-se a mais de 900 metros acima do nível do mar. A terceira lista designa os filhos de Esaú como chefes de clã. A quarta oferece a árvore genealógica dos horeus, que significa “moradores das cavernas”, que ocupavam a terra antes da chegada da família de Esaú. A quinta genealogia registra um grupo de reis edomitas que precederam o surgimento dos reis em Israel. A sexta lista enumera os descendentes de Esaú de acordo com as regiões geográficas que se tomaram, por aproximação, suas respectivas habitações em tempos antigos. Uma listagem bem parecida com estas seis aparece em 1 Crônicas 1.35-54.

A. As Esposas de Esaú e seus Filhos, 36.1-8

Os textos de 26.34 e 28.9 registram que as esposas de Esaú eram: Judite, Basemate e Maalate. Levando em conta que as moças do Oriente Próximo tinham o hábito de mudar de nome quando casavam, parece que Basemate (26.34) era igual a **Ada** (36.2), e que Maalate (28.9) era igual a **Basemate** de 36.3. A Judite de 26.34 não parece ser a mesma moça

Oolibama de 36.2. Obviamente que “Judite, filha de Beer, heteu” (26.34) ou não teve filhos ou morreu em tenra idade, e que **Oolibama**

foi tomada em seu lugar. Devemos observar que o nome do pai dela, **Aná**, e do avô, **Zibeão**, aparecem na lista dos **filhos de Seir (36.20)**. Os textos samaritano, grego e siríaco trazem a leitura “filha de Aná, filho de Zibeão”, a qual é provavelmente correta. É verossímil que o termo **heveu** deva ser entendido como sinônimo de **horeu (36.20)**, o que ocorre com frequência na Bíblia, ou como variante textual, visto que os caracteres hebraicos para as letras *ver* são de forma ligeiramente diferente.

A partida de Esaú para a **montanha de Seir (8)** parece ter sido uma separação pacífica de Jacó. A frase **a terra... não os podia sustentar (7)** indica que as pastagens eram insuficientes para suas extensas propriedades de gado.

B. Os Filhos e Netos de Esaú, 36.9-14

Os edomitas estavam agora na **montanha de Seir (9)** e esta genealogia leva a linhagem para outra geração. **Elifaz (12)** tinha uma esposa secundária, cujo filho foi **Amaleque**. Seus descendentes se tornariam inimigos implacáveis do povo de Israel.

C. A Proeminência dos Descendentes de Esaú, 36.15-19

Neste registro, é notável a presença do termo hebraico *alluf*, traduzido por **príncipes (15)**. O significado da raiz do termo é “boi”, mas um termo primo próximo, *elef*, quer dizer “mil”. Este fato levou alguns a suporem que o significado aqui é “líder de mil”.¹ Outros tradutores preferem “chefe”. Com base na frase que ocorre periodicamente: **Na terra de Edom (16)**, propôs-se que a tradução melhor seria “clãs”.

D. Os Filhos dos Moradores das Cavernas, 36.20-30

Esta lista diz respeito aos **moradores daquela terra (20)** antes da chegada de Esaú. Parece indicar que os descendentes de Esaú e os filhos de Seir, que já habitavam a região, logo se casaram entre si, formando um só povo.

Este povo era descendente dos horeus. O termo *horeu* significa

“troglodita ou morador das cavernas”, que, pelo visto, foi o modo de vida dos primitivos habitantes de Seir. **Horeu** também é um nome que os hebreus usavam para se referir a uma nação não-semítica conhecida por nós pelo nome “hurrianos”. Este povo dominava a região superior do vale do Tigre, mas teve colonizadores na Palestina (ver comentários do cap. 34). É duvidoso que existisse relação física entre os hurrianos e este povo.²

E. Os Reis de Edom, 36.31-39

O foco de interesse aqui retorna para os edomitas e para o poder que os descendentes de Esaú conquistaram.

O ofício de rei não era determinado por hereditariedade, mas era concedido a homens que se destacavam como líderes. Durante séculos, esta foi uma característica dos edomitas. Naquela época primitiva, **Edom (31)** não tinha cidades fundadas.

Há estudiosos que argumentam que a frase **antes que reinasse rei algum sobre os filhos de Israel** mostra que Moisés não escreveu o Pentateuco. A suposição diz que essas palavras indicam uma data durante ou depois do período do reino de Israel para a composição do Pentateuco. Mas esta idéia não foi conclusivamente comprovada pelas pesquisas arqueológicas que afirmam o fato de Edom não ter tido reis no tempo de Moisés. Deve-se observar também que, mesmo que esta frase tivesse vindo de período posterior, pode ser entendida como nota marginal que migrou para o texto sem afetar a autoria mosaica.

F. As Regiões onde os Edomitas Habitavam, 36.40-43

Se, nesta lista, o nome **Elá (41)** deve-se entender como forma mais curta da palavra Elate, então todos os nomes registrados aqui seriam designações de regiões geográficas situadas a sudeste e ao sul do mar Morto.

O termo **príncipes (40, *alluf*)** aparece aqui de novo, sendo comentado mais extensivamente em 36.15-19. É mais bem traduzido pela palavra

“chefes” ou “clãs”? Ou é um nome para designar o território governado por estes povos? O assunto não é de fácil solução, e, no momento, não há resposta definitiva para esta questão.

Seção VII

JOSÉ, O HOMEM QUE DEUS PROTEGEU

Gênesis 37.1—50.26

A narrativa das provações e triunfos de José é uma das histórias mais bem apreciadas do Antigo Testamento. No capítulo 37, o foco do Livro de Gênesis passa de Jacó para seu filho preferido. A princípio, José aparece como típica criança mimada. Não tinha um relacionamento afável com os irmãos e eles o consideravam um delator insuportável, que contava tudo ao pai. E seus sonhos, os quais José contava com satisfação, eram eficientes em criar fortes sentimentos hostis contra ele. Em consequência disso, uma série de tragédias se abateu sobre José, levando-o a ir parar em uma prisão escura. Mas José era jovem de fé robusta, e Deus não o abandonou. Uma súbita reviravolta de acontecimentos levou-o ao poder de uma das maiores nações do antigo Oriente Próximo.

De sua posição de poder, José pôde ajudar sua família quando esta foi para o Egito em busca de alimento. Foi também capaz de castigar os irmãos e depois perdoá-los. Em resultado disso, um Jacó extremamente aflito encontrou nova esperança e nova alegria na vida; sua família também encontrou um novo lar na terra de Gósen no Egito.

A. Vendido como Escravo, 37.1-36

O engano desempenhou papel repulsivo nos procedimentos imaturos de Jacó com Isaque e com Esaú, e também nas relações com Labão. Agora retornaria ao círculo familiar pela tensão que se formou entre os filhos mais velhos de Jacó e José. O sofrimento advindo dessa situação perseguiria Jacó por muitos anos, pelo fato de José ter sido cruelmente vendido por seus irmãos para estrangeiros.

1. A Posição Vantajosa de José (37.1-4)

Isaque teve a fraqueza de preferir um dos filhos acima do outro (25.28). Agora o próprio **Jacó** (1) estava fazendo a mesma coisa, talvez

porque José o fazia lembrar Raquel. O resultado foi uma divisão entre **José (2)**, então com **dezessete anos**, e seus meio-irmãos. Parte do ressentimento era justificada, pois José era dado a tagarelar, sobretudo acerca dos filhos menos favorecidos de **Bila e Zilpa**. Além disso, Jacó presenteou José com um traje especial que o destacava em relação aos outros.

Trata-se de um antigo problema como traduzir corretamente a expressão hebraica *ketonet passim*, **túnica de várias cores (3)**. Não há dúvida acerca do termo *ketonet*, que significa “casaco, túnica ou roupa de baixo”. A outra palavra, *passim*, tem o significado de “extremidade ou pulso” e, talvez, “tornozelos”. Por conseguinte, há tradutores que preferem “casaco com mangas”. Em 2 Samuel 13.18, ocorre a mesma expressão hebraica na descrição das roupas especiais usadas por Tamar e pelas outras filhas do rei.

A expressão paralela em acádio, *kitu (kutinnu) pisannu*, designa roupão, enfeitado com ornamentos de ouro, sobre o qual eram colocadas imagens de deusas. Isto levou certos estudiosos a sugerir a tradução: “túnica ornamentada”.¹ Em todo caso, a roupa destacava José em relação aos outros. Os meio-irmãos reconheceram o traje como marca de favoritismo, e **aborreceram-no (4)** por isso.

2. *Os Sonhos Provocadores (37.5-11)*

Talvez por ingenuidade ou por simples arrogância, **José (5)** gostava de contar a seus meio-irmãos os sonhos incomuns que tinha. Isso só servia para aumentar a raiva que sentiam dele.

Superficialmente, o primeiro **sonho (5-8)** que José contou era inofensivo. O sonho mostrava uma cena de colheita, mas os **molhos (7)**, representando seus meio-irmãos, prestavam homenagem ao **molho** de José. Os ouvintes imediatamente entenderam a insinuação e perguntaram com raiva: **Tu, pois, deveras remarás sobre nós? (8)**. Para eles, a resposta só poderia ser um enfático *Não!* Nem imaginavam que se tomaria realidade.

O outro **sonho (9)** tinha a ver com os corpos celestes: **O sol, e a lua,**

e **onze estrelas se inclinavam a José**. Ouvindo o relato do sonho, Jacó **repreendeu** (10) o rapaz, porque entendeu que o sol o simbolizava, a lua representava Raquel e as onze estrelas descreviam seus outros filhos. Mas o pai ficou pensativo com a história e **guardava este negócio no seu coração** (11), ou seja, mantinha-o na memória.

3. *O Menino de Recados* (37.12-22)

Nos planaltos da Palestina central, os rebanhos se espalhavam em vasta extensão territorial para encontrar pastagem. Já fazia certo tempo que os filhos de Jacó tinham ido apascentar os rebanhos perto de **Siquém** (13) e ele desejava informações sobre o bem-estar dos filhos. Lembrou-se indubitavelmente do perigo de vingança devido ao ataque dos filhos ao povo da terra (cf. 34.24-30). Jacó enviou **José** (13) em viagem a **Siquém** (14), que distava aproximadamente 96 quilômetros de Hebrom (ver Mapa 2). De um homem amigável em **Siquém**, José descobriu que os rebanhos tinham ido a **Dotã** (17), cerca de 32 quilômetros mais ao noroeste.

Quando José apareceu no horizonte, os irmãos logo **conspiraram contra ele** (18). Tiveram intenção assassina, mas tramaram de forma que ninguém descobrisse o

Gênesis 37.19-36

José

envolvimento deles. O álibi seria **uma besta-fera o comeu** (20). Esperavam anular a força preditiva dos **sonhos** de José. Mas um dos irmãos discordou. **Rúben** (21) não apoiaria planos para derramar sangue, e os persuadiu a prender o menino numa **cova** (22), ou cisterna, ali perto. Sua intenção era libertar José secretamente, para então voltar para o **pai**.

4. *A Terrível Venda* (37.23-28)

José deve ter ficado surpreso e chocado ao ser tratado com tanta

brutalidade pelos meio-irmãos. Em questão de segundos, lhe **tiraram a túnica (23)** e o desceram em uma cisterna **vazia (24)**.

Enquanto os irmãos comiam, **uma companhia de ismaelitas (25)** se aproximou. Transportavam mercadorias **de Gileade**, que fica a leste dos planaltos do rio Jordão (ver Mapa 2). A carga era de **especiarias** (tragacanto, arbusto baixo de cujo tronco se extrai uma goma; goma de alcantira); **bálsamo**, que é colhido fazendo-se incisões na casca do tronco do lentisco ou aroeira-da-praia; e **mirra**, outra goma que exsuda das folhas da roselha.² Os egípcios compravam estes materiais para a indústria de embalsamento e para medicamento.

Judá (26), que não tinha estômago para os planos dos irmãos, persuadiu-os a vender José aos **mercadores (28)**. Muitos leitores ficam confusos com o fato de que aqui e no versículo 36 aparece o nome **midianitas**, ao passo que no versículo 25 e na última parte do versículo 28 ocorre o nome **ismaelitas**. Os estudiosos presumem que haja duas histórias do incidente entrelaçadas aqui. Mas são apenas dois nomes para se referir aos mesmos homens — descendentes de Abraão e dos hábitos nômades e comerciantes. Os midianitas são novamente identificados por ismaelitas em Juizes 8.22-24.

Quando a caravana chegou ao acampamento, os irmãos (não os midianitas) tiraram o rapaz **da cova** e o **venderam por vinte moedas de prata (28)**; “vinte siclos de prata”, ARA). Não eram moedas, mas peças de metal pesadas em balanças. Compare este preço com os valores expressos em Levítico 27.3-7. O preço normal de um escravo no tempo de Moisés era de 30 siclos de prata (Êx 21.32; Zc 11.12; cf. Mt 26.15). A caravana levou **José ao Egito**.

5. *A Mentira e a Agonia (37.29-36)*

Enquanto os irmãos comiam, **Rúben (29)** estava apascentando os rebanhos como artifício para que, secretamente, pudesse libertar **José**. Mas quando chegou à **cova**, ficou chocado por não encontrar José. Extremamente aflito, **rasgou as suas vestes**. Expressou sua aflição aos outros **(30)** e estes o ignoraram. Para encobrir a ação, **mataram um cabrito** e tingiram de **sangue (31)** a túnica que

pertencia a José. Levaram a peça de roupa ao pai, sabendo que ele presumiria que **José** havia sido morto por **uma besta-fera (33)**.

A reação de Jacó foi imediata e dolorosa. Conforme o costume dos seus dias, como fez Rúben (29), **Jacó rasgou as suas vestes, e pôs pano de saco sobre os seus lombos**

(34). Suas expressões de tristeza prolongada alarmaram a família e esta procurou consolá-lo (35). Ironicamente, poderiam ter-lhe acalmado a tristeza, contando-lhe a verdade, mas Rúben não revelou o segredo. Enquanto isso, José era vendido a um oficial egípcio chamado **Potifar (36)**.

B. A Frouxidão Moral de Judá, 38.1-30

Esta história parece uma intrusão na história de José. Talvez foi inserida aqui para elucidar por que Judá, que mais tarde figurou significativamente na história, foi desqualificado para ser o líder da quarta geração no concerto com Deus. Revela notavelmente as extremas tentações morais a que, por habitarem entre os cananeus, os filhos de Jacó estavam sujeitos.

Os acontecimentos da história cobrem um período de tempo paralelo às provações e triunfos de José no Egito, e oferecem explicação parcial para a mudança final para o Egito. Se a integridade do concerto precisava ser mantida, eles deviam, por certo tempo, estar afastados da corrupção da vida religiosa e social de Canaã.

1. Um Casamento fora das Normas do Concerto (38.1-5)

Em seu relacionamento com os vizinhos cananeus (2), Judá viu uma moça cananéia que o atraiu. Casou-se com a filha de **Sua** e, no devido tempo, ela deu à luz três filhos: **Er (3)**, **Onã (4)** e **Selá (5)**. Em sua criação, estes filhos estiveram sob a maciça influência dos relapsos padrões morais de sua mãe e parentes cananeus.

2. O Levirato que não Deu Certo (38.6-11)

Quando **Er** tinha idade para casar, o que era normalmente no meio da

adolescência, Judá lhe deu como esposa uma moça cananéia chamada **Tamar** (6). Mas **Er** era **mau** (7) e morreu antes que o casal tivesse filhos. O texto indica que a morte do rapaz foi ato de julgamento divino.

O costume do levirato era praticado amplamente entre os povos do antigo Oriente Próximo, porque se dava muita importância na conservação do nome do filho primogênito por meio de um filho.¹ Se o filho mais velho morresse prematuramente sem deixar filhos, era responsabilidade do próximo filho mais velho tomar a viúva como esposa. Porém, os filhos nascidos por esta união pertenceriam legalmente ao irmão morto e não ao verdadeiro pai.

Neste caso, o próximo filho mais velho, **Onã** (8), recusou assumir sua responsabilidade. Mostrou, de maneira vergonhosa, desdém por Er e desprezo por Tamar. Seu castigo foi a morte, ordenada pelo **SENHOR** (10). O terceiro rapaz era muito novo para casar, por isso **Judá** (11) disse a **Tamar** que esperasse **na casa de seu pai**. Mas Judá não conseguiu resistir à sugestão de que ela pode ter sido a culpada pela morte dos outros filhos.

Observando cuidadosamente os movimentos de Judá, ela viu que ele ia sozinho para **Timna** ou Enã (Js 15.34). A frase: **Entrada das duas fontes** (14), tradução do nome da cidade *Enaim* (cf. ARA), é mais corretamente traduzida por “um lugar aberto”. No momento certo, ela mudou de vestes e pôs um véu, roupa de **prostituta** (15, *zonah*) comum. Postou-se à beira da estrada para atrair **Judá**, que reagiu exatamente como ela havia pensado. Tamar não se interessou pelo pagamento — **um cabrito do rebanho** (17) —, visto que ela estava obtendo algo de Judá que depois o identificaria indiscutivelmente. Sob sua insistência, ela ficou com o **selo** (18), que provavelmente tinha forma cilíndrica com um buraco longitudinal pelo centro, tendo por fora um desenho ou emblema talhado que o distinguia. O **lenço**, ou melhor, “cordão”, que era passado pelo selo para ser pendurado no pescoço. Também ficou com o **cajado** que o líder tribal ou de clã usava como símbolo de autoridade. Ninguém se equivocaria com a identificação do proprietário destes objetos.

Concluído o estratagema, Tamar voltou imediatamente para casa e **vestiu as vestes da sua viuvez** (19), e Judá voltou para cuidar dos seus rebanhos. Judá tinha escrúpulos, talvez com um sentimento subjacente de culpa, em levar pessoalmente o **cabrito** (20) para a suposta prostituta, por isso o enviou por meio de um **amigo**. O amigo **adulamita** não perguntou sobre o local de uma prostituta comum (*zonah*), mas sobre uma prostituta cultuai cananéia (*qedeshah*), a qual desfrutava de mais *status* nos círculos sociais cananeus. Todos disseram ignorar tal pessoa nas redondezas. O adulamita informou a Judá, que imediatamente percebeu que poderia **cair em desprezo** (23, ser chantageado) pela pessoa que possuía os objetos que o identificavam. Judá pareceu frustrado e confuso. Justificando-se a si mesmo, disse ao amigo: **Eis que tenho enviado este cabrito, mas tu não a achaste.**

4. A Armadilha é Acionada (38.24-26)

Quase três meses depois (24) deste incidente, chegou a Judá o rumor que **Tamar** estava grávida. Obviamente ela havia sido infiel às suas obrigações com o filho de Judá. Esta notícia enfureceu Judá, que exigiu que ela fosse publicamente **queimada** viva (cf. Lv 21.9; Dt 22.20-24).

Quando Tamar foi levada para a execução, pediu apenas um privilégio: a identificação do homem a quem pertencia certos objetos que estavam com ela. Assim que **Judá** (26) os viu, percebeu o que Tamar havia feito e como sua falta de firmeza moral o havia tornado vulnerável à trama dela. Confessou que ele era o homem responsável pela condição dela.

A observação de Judá: **Mais justa é ela do que eu** (26), fornece interessante luz lateral ao significado do termo hebraico *tsedeqah*. Tem, basicamente, a conotação legal de “estar no direito ou ter uma causa justa”. Para nós, Tamar cometeu ato moralmente condenável, mas em sentido técnico, na lei do levirato, ela estava em seu direito. Ela conseguiu um filho através do homem responsável em providenciar que um parente do seu marido lhe fosse dado como marido substituto. Diante de todos ficou comprovado que Judá foi

negligente em seu dever de dar Selá a Tamar, e que era o responsável por engravidar a mulher a quem tinha condenado furiosamente à morte. Logicamente que nenhum dos dois está à altura dos mais sublimes conceitos de justiça na Bíblia, mas Judá estava mais errado que Tamar.

5. *Os Gêmeos de Tamar (38.27-30)*

O relato do nascimento dos filhos descreve um incidente incomum que deu origem aos nomes dos filhos gêmeos de Judá. A mão de um gêmeo apareceu e foi marcada com **um fio roxo (28)**, mas a mão se recolheu e a outra criança nasceu primeiro. O nome **Perez (29)** significa “fazer brecha ou forjar por”, designando assim seu caráter agressivo. O significado do outro nome, **Zerá (30)**, é incerto. Foi por **Perez** que a linhagem de descendentes passou a Boaz, depois a Davi, até chegar a Jesus Cristo (1 Cr 2.3-15; Mt 1.3-16; Lc 3.23-33).

C. **As Provações de José no Egito, 39.1—40.23**

As reações de José ao estresse e infortúnio foram notadamente diferentes das expressadas pelos seus irmãos quando enfrentaram situações difíceis. Eles tinham reagido com fortes sentimentos negativos, envolvendo ciúme, concupiscência e ódio que resultaram em assassinato (34.25), incesto (35.22), tramas de morte seguidas da venda à escravidão (37.20-28), empedernido logro de seu pai (37.31-33) e imoralidade irresponsável (38.15-26).

Em contraste com os irmãos, José era jovem de extraordinária força moral, que não se entregou à amargura, autopiedade ou desespero. Venceu as dificuldades com corajoso senso de responsabilidade e altos valores morais. Em toda a situação, demonstrou confiança em Deus, sabedoria bondosa em seus procedimentos com os outros e honestidade concernente a toda confiança nele depositada. ² do para trás a **sua veste**, a qual ela usou eficazmente contra ele. Quando **chamou os homens de sua casa (14)**, ela acusou o **hebreu** (servindo-se totalmente do preconceito racial) de investidas indecorosas e afirmou que ela resistiu gritando **com grande voz**. Repetiu a acusação ao marido que, por esta causa, mandou

prender José. O fato de José não ter sido imediatamente executado sugere que o **senhor** (20), ainda que enfurecido, não estava plenamente convencido da inocência da esposa.⁴

2. *O Intérprete de Sonhos* (39.21—40.23)

O controle que José mantinha de suas atitudes era importante. Mas o escritor desta história entendia que a boa harmonia com o **carcereiro-mor** (21) era por causa da **benignidade** (*chesed*) ou misericórdia do **SENHOR**. Esta palavra está estreitamente ligada com a relação do concerto e, assim, fica claro que José foi o escolhido por Deus como sucessor de Jacó na estrutura do concerto. Logo José estava a cargo de muitos detalhes dos procedimentos prisionais. Este fato se deu por que o **SENHOR estava com ele; e tudo o que ele fazia o SENHOR prosperava** (23). Havia mais que controle de atitude e trabalho eficiente. Na vida de José, existia mais uma importantíssima vantagem: a preocupação ativa e a **benignidade** de Deus.

Ser servo na corte do **rei do Egito** (1) era negócio arriscado. Dois dos servos do rei foram postos na **prisão** (3), devido a certas imprudências não mencionadas no texto. Ambos ficaram a **cargo de José** (4).

Certa noite, cada um dos dois prisioneiros teve um **sonho** (5) que os confundiu e os deprimiu. **Cada um conforme a interpretação do seu sonho** fica melhor como “cada sonho com a sua própria significação” (ARA). Contaram o sonho a José que, por sua vez, ofereceu ajuda, dizendo: **Não são de Deus as interpretações?** (8). Diante desta oferta, cada um contou-lhe o sonho.

O **copeiro-mor** (9) disse que sonhou com uma **vide** que tinha **três sarmentos** (10), ou ramos, cujos **cachos amadureciam em uvas**. O chefe dos copeiros pegou o **copo de Faraó** (11), espremeu o suco das **uvas** no copo e o pôs **na mão de Faraó**. A interpretação de José foi que os **três sarmentos** seriam **três dias** (12), e que dentro desse prazo o copeiro seria restaurado ao seu antigo trabalho. **Levantará a tua cabeça** (13) é melhor “te libertará” (Moffatt) ou “te chamará” (Smith-Goodspeed).

José se aproveitou do momento para fazer um apelo pessoal, dizendo que, quando fosse restaurado, o copeiro usasse de **compaixão** (14) e mencionasse a **Faraó** as injustiças que tinham posto José na prisão do Egito. Ele esperava que isto o levasse à libertação.

Em seguida, o **padeiro-mor** (16) contou seu sonho, no qual ele estava levando **três cestos brancos** (16, *salley hori*). **Brancos** é boa tradução deste termo se entendermos que se refere a pães brancos, mas a mesma frase pode significar “cestos de vime”. Novamente o número três designava **três dias** (18). Mas este homem não seria restaurado ao cargo. Também seria chamado por Faraó (**Faraó levantará a tua cabeça sobre ti**), mas como diz a ARA: “Faraó te tirará fora a cabeça”. As **aves** (17) bicando os pães assados deu este mau agouro, porque elas comeriam a **carne** (19) do padeiro, enquanto o corpo estivesse pendurado num **madeiro**. A expressão **levantou a cabeça** (20) é empregada pela terceira vez para denotar libertação da prisão. O destino de cada homem foi como José havia predito. Porém, para desapontamento de José, o homem cuja vida foi poupada **não se lembrou de José** (23).

D. A Dramática Ascensão de José ao Poder, 41.1-57

O caso de José parecia não ter solução até que se passaram **dois anos inteiros** (1). **Faraó** teve um sonho que desafiou a perícia interpretativa dos melhores adivinhos do Egito. O impasse levou o copeiro-mor a se lembrar de José que, quando levado à presença de Faraó, revelou com precisão o segredo do sonho. Foi recompensado não apenas com a libertação da prisão, mas com a ascensão à posição de poder ao lado do próprio Faraó.

1. *O Sonho Enigmático* (41.1-8)

O sonho de Faraó parecia enganosamente simples. **Em pé junto ao rio** (1), o qual, no Egito, só podia ser o rio Nilo, Faraó viu **sete vacas, formosas à vista e gordas de carne** (2), saírem da água e pastarem no prado. **Outras sete vacas** (3) também saíram da água, mas eram **feias à vista e magras de carne**. O que era incomum foi que estas vacas magras comiam as vacas gordas.

Faraó acordou, mas dormindo outra vez **sonhou** (5) que brotavam **de um mesmo pé sete espigas cheias e boas**. A palavra **espiga** alude a plantas que produzem cereais, como trigo ou cevada, e não a milho. **Cheias** (5) aqui tem o sentido de serem robustas e saudáveis. Em contraste com esta excelente qualidade, **sete** (6) outras **espigas miúdas e queimadas do vento oriental brotaram** e consumiram as espigas saudáveis.

Perturbado pelos sonhos, Faraó **chamou todos os adivinhadores do Egito e todos os seus sábios** (8). Contando-lhes os sonhos, **Faraó** buscava uma explicação, mas ninguém sabia interpretar os sonhos. Entendiam que tais sonhos continham mensagens ocultas relativas a eventos futuros e era importante que fossem decodificados.

2. *A Revelação do Segredo* (41.9-36)

Foi nesta conjuntura que o **copeiro-mor** (9) lembrou seu período na prisão em que ele e o **padeiro-mor** (10) tinham sonhado e José interpretou os sonhos corretamente. **Conforme a interpretação do seu sonho** (11) é melhor “com a sua própria significação” (ARA). O copeiro contou a história a Faraó. José foi chamado e, depois de preparado às pressas para uma audiência com **Faraó** (14), foi introduzido à sua presença. Quando Faraó lhe disse que ele tinha a reputação de ser intérprete de sonhos, José protestou, afirmando que o poder não estava nele, mas em **Deus** (16). Os adivinhos pagãos se vangloriavam de possuir poderes próprios, embora quase sempre junto com um deus ou deusa. José, como todos os crentes no verdadeiro Deus, considerava que a predição do futuro era um dom divino. Predições exatas só ocorrem quando Deus escolhe dá-las aos seus servos.⁵ Moffatt traduz a frase: **Deus dará resposta de paz a Faraó** (16), assim: “E a resposta de Deus que responderá a Faraó”.

Faraó (17) contou os sonhos com alguns toques de reação pessoal. Ele havia ficado particularmente impressionado com o fato de as **sete vacas** (19) esqueléticas comerem as **sete vacas gordas** (20) sem causar mudança na aparência física. Nenhum dos **magos** (24) conseguiu decifrar os sonhos.

José (25) não teve dificuldade em interpretar. Mas ao fazê-lo destacou propositalmente que o único **Deus** *{ha elohim*, o termo hebraico tem o artigo definido enfático que denota distinção) verdadeiro estava prestes a agir no Egito. Tratava-se de testemunho surpreendente na presença do monarca, que era considerado pelo povo como o deus sol em forma física, mas que neste caso foi impotente. Este verdadeiro Deus notificou a Faraó o que estava a ponto de fazer.

Os dois sonhos formavam uma unidade com uma mensagem relacionada com as futuras condições de colheita no Egito. As **sete vacas formosas (26)** e as **sete espigas formosas** simbolizavam sete anos de safras abundantes. Seus respectivos opostos representavam **sete anos de fome (27)**, que viriam imediatamente depois dos **sete anos de grande fartura (29)**.

A chuva não é fator significativo no clima do Egito, estando quase que completamente ausente no Alto Egito. Portanto, a profecia só poderia significar que as inundações do rio Nilo, as quais acontecem nos meses de verão e fertilizam o vale, ocorreriam normalmente por sete anos. Mas nos sete anos seguintes seriam insuficientes para que as colheitas no Egito amadurecessem devidamente. Durante séculos, a provisão de comida no Egito dependeu das inundações do rio Nilo e que nem sempre foram suficientes para as necessidades agrícolas.⁶

José reparou que, visto que ambos os sonhos significavam a mesma coisa, a situação era urgente, porque a **coisa** era **determinada de Deus (32)** e logo aconteceria. José passou a dar a Faraó alguns conselhos práticos que não faziam rigorosamente parte da interpretação. Sugeriu que **um varão entendido e sábio (33)** fosse incumbido com a responsabilidade de juntar e armazenar todo o excesso das colheitas durante os **sete anos de fartura (34)** para que houvesse alimento durante os **sete anos de fome (36)**.

3. *A Nomeação de Surpresa (41.37-45)*

Em reunião deliberativa, **Faraó e seus servos (37)** chegaram à conclusão de que a interpretação e os conselhos de José eram excelentes. **Faraó (38)** o caracterizou **varão** em quem há **o Espírito**

de Deus, e informou a **José** (39) que resolveram que ele seria o homem indicado para supervisionar o plano de armazenamento de colheitas. Seu cargo estaria ao lado do próprio Faraó em termos de poder e autoridade.

Para simbolizar o novo ofício de José, **Faraó** lhe deu o **anel** que usava (42), no qual estava estampado o selo de autoridade, vestiu-o de **vestes de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço**. Deu-lhe um **carro** (43), no qual desfilou publicamente com a proclamação de que ele deveria ser honrado pela população. Em seguida, mudou-lhe o **nome** (45) para **Zafenate-Paneia**, que quer dizer “abundância de vida ou o deus fala e vive”. Por fim, José se casou com uma moça de família de alta posição da cidade sacerdotal de **Om** (45). Os gregos chamavam esta cidade Heliópolis; ainda hoje é um subúrbio da atual Cairo. O nome da moça era **Asenate**, que significa “alguém pertencente à deusa Neith”.⁷ José foi lançado em estreito contato com o paganismo do Egito, mas não foi vencido por ele.

4. O Projeto de Conservação das Colheitas (41.46-57)

José foi levado para o Egito quando tinha apenas “dezessete anos” (37.2). Fazia treze anos que estava no Egito e ainda era jovem de **trinta anos** (46) quando se tornou o segundo governante mais poderoso em posição no Egito. Ele sabia exatamente o que fazer. Durante os anos de colheitas abundantes, juntou todas as colheitas que iam além das necessidades imediatas do povo e as armazenou em numerosas **cidades** (48) do

Egito. **Produziu... a mãos-cheias** (47) é melhor “produziu abundantemente” (AEA). Durante este tempo, nasceram-lhe **dois filhos** (50). O primeiro foi chamado **Manassés** (51, “que esquece”) como testemunho de que Deus havia apagado dos pensamentos tristes e íntimos de José os anos de **trabalho e de toda a casa de meu pai**. O segundo filho foi chamado **Efraim** (52, “dupla fertilidade”) como testemunho das providências misericordiosas de Deus **na terra da minha aflição**.

“A Canção do Exílio” é dada em 41.50-52. 1) Esquecimento do trabalho, 51; 2) Frutificação em tempos de adversidade, 52 (W. T. Purkiser).

Quando chegaram os **sete anos de fome** (54), o **Egito** estava preparado com uma grande provisão de alimentos armazenada para a emergência. Mas a seca cruzou as fronteiras do Egito e atingiu a Palestina e outros países vizinhos. Dentro do próprio Egito, logo as pessoas sentiram fome e pediram comida. Sem demora, José as abasteceu de provisões segundo um plano já em execução. As pessoas tiveram permissão de comprar os grãos armazenados e, assim, tiveram o suficiente para comer. Habitantes de outros países ficaram sabendo da provisão que havia no Egito e foram **comprar** (57) alimentos.

E. Problemas Misteriosos no Egito, 42.1—45.28

A seca levou a família de Jacó a sair para comprar alimentos fora de Canaã e o único lugar em que havia mantimentos à venda era o Egito. Mas quando os filhos de Jacó foram para o Egito, passaram por inesperadas dificuldades. Por alguma razão, o primeiro-ministro fez acusações logicamente injustas contra eles e exigências que desafiavam pronta explicação. Mas o primeiro-ministro sabia com quem estava lidando e achava-se determinado a extrair vantagem extrema do fato de os filhos de Jacó não o terem reconhecido.

O caso terminou de modo inesperado e dramático. Foi um fim que convenceu José da mudança interior dos irmãos; surpreendeu-os revelando que o irmão que eles venderam era a autoridade que estava diante deles; e encheu de alegria um oprimido e agoniado pai que ouviu maravilhado que o rapaz que ele julgava morto estava vivo. ³

ARA). Consideravam-se honestos, afirmação que deve ter feito José rir consigo mesmo. Visto que José persistia nas acusações, fizeram um relato preciso da situação da família. O fato de Benjamim não estar com eles deu a José a oportunidade de fazer mais pressão. Não impôs vingança, mas se serviu de sua autoridade para prová-los severamente e fazê-los revelar quem realmente eram. **Isso é (14)**

significa “é como já vos disse: sois espiões” (ARA).

A acusação de serem espiões tinha a intenção de revelar o verdadeiro propósito de terem ido ao Egito; o encarceramento era para impressioná-los com a amplitude do poder que ele exercia sobre eles. A ordem de José para que enviassem alguém a buscar Benjamim escondia o intento de descobrir a verdadeira atitude que demonstravam para com seu irmão, o outro filho de Raquel. **Pela vida de Faraó** (15) é um tipo de juramento: “Tão certo quanto vive Faraó” (Moffatt).

Depois de **três dias** (17), mudou um pouco de tática, pois já havia engendrado novos expedientes para fazer o teste. Chamou-os à sua presença e disse que poderiam ir para casa. Mas um deles tinha de ficar como refém até que o **irmão mais novo** (20) fosse trazido para o Egito. Este desdobrar dos fatos revelou uma consciência coletiva que os provou e amedrontou. A memória do que fizeram a José ficou mais intensa com o passar dos anos. Não há que duvidar que **Rúben** (22) se agitou nessa consciência muitas vezes, e agora os lembrava que a justiça estava alcançando-os.

José conversava com eles por meio de **intérprete** (23), assim não tinham como saber que ele entendia o que falavam na língua materna. Ao ouvir o que diziam foi tomado por tamanha comoção que teve de sair para se refazer, pois não conseguiu conter a emoção. Sozinho, **chorou** (24) provavelmente de alívio e um pouco de alegria pelo fato de a dureza e o ódio terem dado lugar à angústia de alma sobre o pecado que cometeram. A escolha de Simeão como refém pode indicar que ele foi o cabeça da trama contra José.

Sem os irmãos saberem, José deu ordens para que o **dinheiro** (25) pago pelos mantimentos fosse colocado no **saco** de cada homem. Na primeira parada a caminho de casa, descobriram o **dinheiro** quando abriram um saco para alimentar os animais (27). A explicação para esta reviravolta estava além do imaginável, mas com temor suspeitaram que **Deus** (28) tinha algo a ver com isso.

Os irmãos tinham um relato estranho para contar ao **pai** (29). Ao ser

informado da exigência do egípcio em ver Benjamim, da prisão de Simeão e do misterioso reembolso do dinheiro, Jacó ficou quase histérico em sua aflição e medo. Responsabilizou os filhos por todos os seus infortúnios, pela perda de **José** (36), de **Simeão** e, agora, a ameaçadora perda de **Benjamim**.

Rúben (37) procurou acalmar os temores de Jacó oferecendo-lhe os seus **dois filhos** como reféns, os quais poderiam ser mortos caso ele não voltasse com Benjamim do Egito. Mas Jacó não se convenceu. Desconfiava intensamente dos filhos mais velhos e se preocupava muito pelo único filho que restava de sua amada Raquel. Perder Benjamim levaria Jacó a descer **com tristeza à sepultura** (38).

2. O Retorno Cheio de Medo ao Egito (43.1-34)

A continuação da **fome** (1) forçou a família de Jacó a ir ao **Egito** (2) pela segunda vez para comprar mantimentos. **Judá** (3) insistiu que não ousariam ir sem Benjamim. **Israel** (6, Jacó) protestou incoerentemente que eles não deveriam ter contado ao oficial de Faraó sobre a existência de Benjamim. Mas **Judá** (8), como seu irmão Rúben (42.37), ofereceu-se como **fiador** (9), ou seja, como garantia de que Benjamim voltaria em segurança.

Enfrentando bravamente o que parecia o inevitável, **Israel** (11) instruiu os filhos a levarem um **presente** para o **varão**, que consistia em algumas iguarias de Canaã. Deviam devolver o **dinheiro** (12) em dobro pelo pagamento da primeira compra, só para o caso de o reembolso ter sido mesmo um **erro**. O idoso pai concluiu suas palavras com uma nota de confiança resignada na **misericórdia** do **Deus Todo-poderoso** (14) para que seus filhos voltassem, mas agora ele estava pronto a aceitar a perda de todos, se chegasse a esse ponto.

Vendo, pois, José a Benjamim com eles (16) ficou satisfeito pela grande mudança ocorrida na atitude dos irmãos e ordenou que os criados preparassem um banquete para todos. Os irmãos ficaram ressabiados com a ida à **casa** (18) do oficial e imediatamente suspeitaram que algo ruim lhes sucederia. Temiam a acusação de roubar o dinheiro que estava nos sacos, sendo escravizados por isso.

Por precaução, abordaram o **varão que estava sobre a casa de José** (19) para explicar que tinham ficado perplexos quando acharam o dinheiro nos sacos e que agora os devolviam a José.

Também garantiram que dispunham de mais dinheiro para pagar por mais comida. **Nosso dinheiro por seu peso** (21) é interpretado por Smith-Goodspeed assim: “Todo o nosso dinheiro” (cf. ABA).

A resposta do administrador deve tê-los deixado mais surpresos e ressabiados. Tratou-os com amabilidade e admitiu que ele foi o responsável pelo dinheiro nos sacos. **O vosso dinheiro me chegou a mim** (23) significa “Recebi o vosso dinheiro”. Sem ter conhecimento disso, tinham acabado de provar que não eram os homens gananciosos que venderam o irmão por vinte moedas de prata. Estavam agindo como homens honestos.

Simeão (23) foi trazido da prisão e se juntou aos outros. Todos foram adequadamente tratados, inclusive os animais. Os irmãos ficaram esperando ansiosamente com os presentes em mãos. Quando José chegou para a refeição do **meio-dia** (25), apresentaram-lhe os presentes e se inclinaram humildemente aos seus pés. Perguntando-lhes sobre o pai, José **viu a Benjamim, seu irmão** (29), novamente. Foi demais. Sufocado pela emoção, deixou seus irmãos e, no silêncio do quarto, **chorou** (30). Recompondo-se, lavou o **rosto** (31) e voltou à sala de jantar.

Em típico estilo oriental, eles comeram em grupos separados de acordo com distinções de cargo e etnia. Os **egípcios** (32) eram particularmente cuidadosos em se manter separados dos outros, sendo fortemente preconceituosos contra os **hebreus**.⁸ Conforme prosseguia a refeição, assim continuava o padrão de incidentes inexplicáveis. Perceberam que estavam sentados em ordem do mais velho ao mais moço (33). José não só compartilhou com os irmãos parte dos pratos que comia, mas deu a Benjamim porção de comida **cinco vezes maior do que a de qualquer deles** (34). Além disso, a ocasião revelou festejo e alegria (34).

3. O Misterioso Reembolso (44.1-13)

José ainda não havia terminado com os irmãos. Já estava satisfeito por demonstrarem que diziam a verdade sobre a família em Canaã. Foram honestos com relação ao dinheiro colocado nos sacos de mantimento. Jacó confiou Benjamim aos cuidados deles e ele chegou com segurança. A extensão de tempo entre as viagens deve lhe ter sugerido

que Jacó deixou Benjamim ir de má vontade. José queria testar a extensão da probidade dos irmãos em relação ao irmão. Queria ver se abandonariam Benjamim, como fizeram com ele há tanto tempo.

Para obter esta informação, instruiu o administrador de sua casa (1) a recolocar o **dinheiro** nos **sacos** pela segunda vez. Mas devia esconder no saco de Benjamim o **copo de prata** (2) de José, de seu uso. Depois que a caravana partiu, enviou o administrador para acusá-los de roubar o copo (4). **Ele bem adivinha** (5) significa que prediz eventos futuros ou descobre conhecimento oculto.

Como ocorreu com Jacó diante de Labão (31.32), os irmãos negaram com veemência a acusação de roubo e afirmaram com audácia que quem fez tal coisa deveria morrer (9). Além disso, disseram que de boa vontade todos se tornariam **escravos**. Para assombro e desapontamento dos irmãos, o copo foi encontrado **no saco de Benjamim** (12).

4. *A Acusação e o Apelo* (44.14-34)

Os irmãos ficaram completamente alucinados pelo desenrolar dos acontecimentos e **prostraram-se diante** de José **em terra** (14). **Não sabeis vós que tal homem como eu bem adivinha?** (15). Em profunda agonia, totalmente incapazes de se defender, disseram: **Achou Deus a iniquidade de teus servos** (16). Parece que José cedeu um pouco, pois propôs deixá-los ir em liberdade. Benjamim, porém, teria de ficar como escravo. Superficialmente, parecia um gesto misericordioso, pois lhes dava a oportunidade de irem embora sem acusação ou punição.

Mas **Judá** (18) não podia ir embora sem o irmão Benjamim.

Chegando-se ao oficial egípcio, derramou sua alma num apelo que é uma obra-prima da literatura.

Primeiramente, Judá revisou o caso até aquele momento. Lembrou que o funcionário egípcio havia perguntado pela sua família, descobrindo que o mais novo era muito querido do pai e, depois, tinha exigido que ele fosse trazido para o Egito. Embora lhe causasse grande sofrimento, tinham falado ao **pai (24)** acerca da exigência. Judá se deteve habilmente na ternura do pai que havia perdido o filho que lhe era mais afetuosamente amado e se opôs a deixar ir o outro filho da esposa amada, também por temer sua perda. Ressaltou as palavras de Jacó: **Se... lhe acontecer algum desastre, fareis descer as minhas câs com dor à sepultura (29)**. As palavras tinham o desígnio de causar o maior impacto emocional possível no homem diante dele. Em seguida, Judá enfatizou que ele mesmo se ofereceu **como fiador ao pai (32)** para levar o rapaz de volta ou ser culpado para sempre. Para provar a seriedade da garantia, Judá se ofereceu para ficar como escravo no lugar de Benjamim, a fim de que este pudesse ir para casa. Seu último ímpeto foi pessoal, pois ir para casa e ver o pai morrer de desgosto seria muito doloroso. Ele preferiria viver como escravo.

Para José, a mudança que viu em Judá deve ter lhe surpreendido. Este era o homem que exortou seus irmãos a vender José como escravo, e agora estava disposto a tornar-se escravo para defender Benjamim com a própria vida. Judá, que ajudou a enganar Jacó acerca da morte de José, agora se portava audaciosamente leal a Jacó, mesmo a grande custo pessoal. Ele não ousou assumir uma posição abertamente contra os irmãos quando a trama estava em execução, mas agora se colocava bravamente diante de um homem de grande poder. Anteriormente, a ganância e a paixão lhe governavam a vida, mas agora estava pronto a fazer um sacrifício altíssimo em prol de outro.

5. *A Revelação Surpreendente* (45.1-15)

O apelo de Judá atingiu seu propósito; afetou profundamente o homem que detinha tamanho poder sobre a vida deles. Impulsionado

pela emoção, **José (1)** ordenou que todos saíssem da sala e, para espanto de todos, começou a chorar em voz alta. Seu coração duvidoso estava satisfeito; seus irmãos não eram mais os homens insensíveis que o tinham vendido para a escravidão.

Anunciou dramaticamente: **Eu sou José (3)**, e perguntou novamente pelo pai. Os irmãos ficaram mudos, incapazes de acreditar no que tinham acabado de ouvir. Se este fosse José, com certeza ia castigá-los. Mas José os tranqüilizou, pedindo que não se repreendessem pelo que lhe haviam feito, **porque, para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face (5)**.

José entendeu então que Deus invalidou a intenção má dos seus irmãos e tornou possível ele ser alto funcionário no Egito. Nessa condição, abriu caminho à mudança da família de Canaã, atingida pela falta de chuva, para a terra onde ele havia armazenado alimentos contra a fome. Os irmãos pensaram que tinham se livrado dele vendendo-o como escravo. Mas Deus o usou para salvá-los do período de fome em que **não haverá lavoura nem sega (6)**. Deus **me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa (8)** é melhor Deus “me fez primeiro-ministro de Faraó, chefe de todo o seu palácio” (Moffatt). Transformando a má intenção em bem e dando força durante tempos de angústia, Deus mostrou que seu propósito último é redentor e que suas relações com os homens são fomentadas pelo amor.

José detalhou seus planos para fazer toda a família se mudar para a **terra de Gósen (10; ver Mapa 3)**. O versículo 12 é traduzido fluentemente por Smith-Goodspeed: “Vedes por vós mesmos, e meu irmão Benjamim vê também, que sou eu mesmo quem vos fala” (cf. ABA). Depois, lançando de si a dignidade de soberano, abraçou o irmão **Benjamim (14)** e juntos choraram. Fez o mesmo com cada um dos **irmãos (15)**, e só assim falaram com ele.

O caminho para a plena reconciliação foi árduo para José e seus irmãos. Os irmãos tiveram de enfrentar a culpa, confessar os pecados (42.21,22) e reconhecer que Deus estava castigando-os (42.28). Tiveram de pedir misericórdia (44.27-32) e mostrar que haviam

mudado (44. 33-34). Para José, a provação também foi penosa. Teve de se assegurar da nova sinceridade dos irmãos pondo-os em situações embaraçosas, algumas das quais causando sofrimento em seu pai. Teve de manter o disfarce como egípcio, embora estivesse ansioso para se revelar. Quando chegou a hora da revelação, sua posição e poder tornaram difícil seus irmãos acreditarem que ele era mesmo o irmão José e que ele realmente os havia perdoado.

6. *Ordens para Mudarem-se* (45.16-24)

A **nova** (16) de que os homens que vieram de Canaã eram irmãos do primeiro-ministro do Egito mexeu com a corte faraônica. Quando chegou aos ouvidos de Faraó, ele ordenou que a família de José se servisse de provisões e **carros** (19) para transportar o clã inteiro para o **Egito**. A expressão **não vos pese coisa alguma das vossas alfaias** (20) significa “não vos importeis com vossos bens” (Smith-Goodspeed; cf. ARA). José se encarregou de abastecer os irmãos de tudo que precisassem para a mudança. A cada irmão deu mudas de roupa, mas abarrotou **Benjamim** (22) de bens e víveres e enviou grande quantidade de gêneros alimentícios para o **pai** (23). **Não contendais pelo caminho** (24) é tradução apoiada por Moffatt.

7. *O Filho Considerado Morto Está Vivo* (45.25-28)

A volta para casa foi diferente desta vez. Não houve mistérios e nem exigências desconcertantes, somente notícias incríveis. A informação de que **José** (26) estava vivo foi choque quase comparável à notícia de que ele havia morrido por um animal. O que convenceu Jacó foi a história detalhada do que aconteceu no Egito e os **carros** (27) que foram enviados carregados de comida e presentes. Então, seu espírito **reviveu** (27). O desejo ardente de Jacó era ver José antes de morrer (28).

Os resultados do perdão e da reconciliação já eram visíveis. Abundância de alimentos estava disponível sem custo. A vida de Jacó foi poupada devido ao retorno de Benjamim e à notícia de que José vivia. A unidade familiar foi restaurada, e percebia-se a libertação da culpa e do medo.

1

A Evasão de Responsabilidade de Judá (38.12-23)

Depois do luto apropriado por sua esposa falecida, Judá estava ocupado tosquiando ovelhas com seu amigo e possivelmente sogro, **Hira** (cf. w. 1,2). **Tamar** (13), cansada de esperar **Selá** (14), que já era adulto, decidiu forçar Judá a agir.

Ela estava muito mais preocupada com os aspectos legais da situação do que com a moral. A lei comum lhe dava o direito de ter filhos por um irmão, ou pelo menos por um parente do marido morto. Na realidade, sua obrigação era dar um filho ao falecido. Considerando que Judá parecia estar mantendo deliberadamente **Selá** longe dela, decidiu envolver o próprio Judá. Não havia recursos legais em tribunais, por isso ela dependia de um embuste inteligente.

2

Aprisionado sob Falsa Acusação (39.1-20)

O novo senhor egípcio de José, **Potifar** (1), logo notou as qualidades incomuns do caráter do escravo e cada vez mais foi lhe confiando as tarefas domésticas. O testemunho do texto é que o **SENHOR estava com José** (2) e que até o senhor pagão percebia este fato. Em consequência disso, a Palavra diz que **José achou graça a seus olhos** (4). Esta expressão significa que Potifar reagiu com benevolência e bondade para com José e o elevou a uma relação servil mais pessoal nos afazeres da casa. Com a promoção houve aumento de responsabilidade, condição que José lidou com destreza, de forma que, por José, o **SENHOR abençoou a casa do egípcio** (5), ou seja, os negócios de Potifar prosperaram.

A frase **José era formoso de aparência e formoso à vista** (6), prepara o cenário para o incidente que vem a seguir. Ilustra perfeitamente os perigos de altos cargos em ambientes pagãos. A **mulher de seu senhor** (7) era pessoa mal acostumada e impulsiva, sem ter o que fazer. Faltavam-lhe padrões morais, e quando o marido

se ausentava procurava outros homens encantadores e atraentes. Logo José se tornou alvo de suas atenções e na primeira oportunidade fez uma proposta indecorosa.

Em contraste com Judá (38.16), José resistiu ao convite. Explicou racionalmente que sua posição, com a pertinente carga de responsabilidade, tornaria tal ato uma violação de confiança (8). Acima de tudo, como faria José **este tamanho mal e pecaria contra Deus?** (9). A mulher não via as coisas desse modo, por isso continuou importunando e convidando-o. Por fim, num momento favorável, agiu com insistência: **Ela lhe pegou pela sua veste** (12) para o puxar para si. José se libertou e fugiu da casa, deixan-

3

Suspeita e Acusação (42.1-28)

Em vista da seca, Jacó censurou os filhos: **Por que estais olhando uns para os outros?** (1, tradução apoiada por Moffatt). Em consequência disso, **dez** filhos foram despachados para comprar alimentos **no Egito** (3). O mais novo ficou em casa, pois Jacó se opunha a deixar **Benjamim** (4) ir, **para que lhe não suceda, porventura, algum desastre**. A relutância do pai revela sua lembrança dolorosa do desaparecimento de José e um medo permanente e corrosivo de que os outros mostrassem profundo desafeto pelos filhos de Raquel.

Para comprar mantimentos, eles tinham de obter visto da pessoa encarregada pelo programa, sobretudo se fossem estrangeiros. Imediatamente, José **conheceu-os** (7) e decidiu mostrar-se **estranho para com eles**, fazendo um interrogatório hostil. Acusou-os de serem **espias** (9), mas eles protestaram que eram **homens de retidão** (11). **A nudez da terra** (9) fica melhor como “até que ponto a terra é indefesa” (Moffatt; cf.

F. O Novo Lar no Egito, 46.1—47.31

Apesar da notícia de que José estava no Egito, não era fácil para Jacó sair de Canaã, pois era a Terra Prometida. Mas com a permissão divina, Jacó fez a mudança com todo o seu considerável séquito, recebeu acolhimento alegre de José e viu sua família ser instalada em região bem irrigada e produtiva do delta do Nilo. Era a conclusão feliz de uma vida repleta de enganos, aventuras, momentos de tensão, adversidades, tristezas e alegrias e, acima de tudo, uma vida recheada das misericórdias de Deus. ¹

Uma significativa reviravolta de acontecimentos ocorreu na vida do patriarca e de sua família com o selo da aprovação de Deus. O propósito de Deus era preservar a família do patriarca como unidade, separando-a da putrefação espiritual e da imoralidade e idolatria dos cananeus. Alguns dos filhos mais velhos já tinham sido atingidos por essa putrefação. Os egípcios seriam suficientemente diferentes, de forma que o casamento inter-racial e a idolatria não teriam tão forte atração como em Canaã. Ao mesmo tempo, os descendentes de Jacó estariam associados de perto com as realizações positivas da cultura. Estariam vivendo ao lado das principais rotas comerciais internacionais daqueles tempos.

2. *Um Registro dos Filhos de Jacó* (46.8-27)

Nesta lista, a família de Jacó é separada de acordo com as mães; são somados o número de filhos, netos e bisnetos. Visto que os filhos de Judá, **Er e Onã... morreram na terra de Canaã** (12), presume-se que Diná e Jacó, ou uma segunda filha ou nora não mencionada, estejam incluídos no total de **trinta e três** (15).

Uma neta de **Jacó e Léia** (15) é mencionada com relação a **Aser** (17), filho de **Zilpa** (18), dando a soma total de **dezesesseis almas** nesta linha familiar. Além dos dois filhos de **José** (20), são designados dez filhos a **Benjamim** (21), embora ainda fosse jovem. Talvez nascimentos múltiplos fosse característica desta família. A tradução

grega dá a Benjamim três filhos, seis netos e um bisneto, situação improvável para alguém tão moço.

Os dois filhos de **Bila** são alistados como tendo cinco filhos. O total de todos os registrados aqui é de 70 pessoas, mas a verdadeira soma é de 66 menos Jacó, José e seus dois filhos. Não são contadas as esposas de nenhum dos homens, e só uma filha e uma neta são claramente incluídas no total.

A referência em Atos 7.14 à mudança de Jacó para o Egito menciona 75 pessoas; segue a tradução grega, que inclui mais cinco descendentes de José pelos filhos dele.

3. *O Dramático Encontro entre Pai e Filho* (46.28-34)

Jacó enviou à frente **Judá** (28), o novo líder dos irmãos, para acertar os detalhes da acomodação no Egito e combinar a melhor ocasião possível para a reunião de pai e filho.

Sendo alto funcionário, José tinha acesso aos melhores meios de transporte do Egito, um **carro** (29), com qual logo alcançou seu pai. Eles se abraçaram e choraram por *longo tempo*. Depois do abraço, o idoso **Israel** (30, Jacó) estava pronto para morrer, como se a meta de toda sua vida tivesse sido atingida. O filho que estava perdido foi achado.

José voltou a atenção à grande necessidade imediata diante de si: obter a aprovação formal de **Gósen** (34) como região do Egito na qual a família de Jacó residiria. Por ter conhecimento profundo dos procedimentos governamentais do Egito, José deu instruções detalhadas relativas a como abordar **Faraó** (33). A situação era delicada, porque **os egípcios** (34) consideravam os pastores de baixa posição social, e devia estar claro que a visita deles seria temporária. Os registros egípcios revelam que esta não foi a primeira vez que povos de Canaã tinham migrado para o Egito em anos de escassez. Provavelmente nenhum outro grupo teve tão alta representação diante de Faraó como a família de Jacó.

4. *A Permissão para Residência Temporária* (47.1-6)

Em termos atuais, pode-se dizer que José deu vistos de entrada para a família de Jacó. Mas a permissão para a residência temporária de alguns anos tinha de vir do próprio **Faraó (1)**. Sabedor dos procedimentos egípcios, o próprio José cuidou da maneira mais apropriada de abordar Faraó. Os **cinco** irmãos selecionados (2) fizeram o apelo que José os instruiu a fazer. Ressaltaram o fato da terrível necessidade que os motivou a se mudar para o **Egito** (4).

Faraó ficou impressionado e, felizmente, deu permissão para habitarem **na terra de Gósen**. Faraó também fez um pedido inesperado. A família de Jacó recebeu a oferta de empregos privilegiados na economia egípcia: “Se sabes haver entre eles homens capazes, põe-nos por chefes do gado que me pertence” (6, ARA).

5. *O Homem de Deus se Encontra com Faraó* (47.7-12)

O próximo passo era apresentar **Jacó a Faraó (7)**, ocasião repleta de contrastes interessantes. O povo considerava **Faraó** um ser divino, o filho do sol e regente sobre uma nação politeísta.⁹ **Jacó** já havia tido vários encontros pessoais com o único Deus verdadeiro e estava em relação de concerto com Ele. Neste momento, **Faraó** tinha o poder de receber ou rejeitar Jacó, mas Jacó tinha a promessa do verdadeiro Deus de que Ele levaria os israelitas de volta para Canaã, e não haveria Faraó que impedisse isso. O povo esperava que Faraó tivesse poder sobre todos os aspectos da vida do Egito. Mas foi José, filho de Jacó, que de fato governou o país durante o período de crise. Com o decorrer do tempo, a linhagem faraônica acabou, mas os descendentes de Jacó e sua crença religiosa ainda estão em vigor hoje.

Faraó notou que Jacó era idoso, cuja idade estava muito acima da expectativa de vida do egípcio comum. Quando perguntado: **Quantos são os dias dos anos de tua vida?** (8), Jacó revelou sua idade, mas não se vangloriou. Homens de vida longa têm suas recordações de tragédia. Mesmo **cento e trinta anos** (9) eram **poucos** comparados com a idade dos antepassados de Jacó. Este era outro contraste entre o homem-deus de vida curta e a longevidade de um homem de Deus.

Quando entrou e quando saiu da presença de Faraó, Jacó o **abençoou** (7,10). O texto de Hebreus 7.7 declara que, “sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior”.

Sob o cuidado atento de José, a família de Jacó prosperou. Todas as coisas necessárias lhes foram providenciadas. A **terra de Ramessés** (11) aludia a Gósen e era um título comum na ocasião em que o Pentateuco foi escrito.

6. *O Programa de Prosperidade de José* (47.13-26)

A seca, que no **Egito** (13) era a falta da inundação do rio Nilo em seus movimentos regulares de verão, continuou deixando as pessoas sem colheita. O plano de armazenamento de grãos implementado por José mostrou-se inestimável. Mas a porção de mantimentos não era dada de graça. Os alimentos tinham de ser comprados com qualquer coisa que o povo tivesse. Não se conheciam moedas ou cédulas nos dias de José, assim o **dinheiro** (14) que as pessoas levavam era provavelmente metais preciosos e jóias. Quando estes produtos acabaram, o governo recebia **gado** (16), em seguida terras de particulares e, por último, as pessoas se tornaram escravas em troca de **pão** (19).

Teoricamente, toda a terra, gado e as pessoas pertenceram a Faraó, e em certos períodos da história do Egito esta era a verdadeira situação. Mas ocorreram períodos de fraqueza no poder quando as propriedades e empreendimentos particulares governavam. A fome era um meio pelo qual se restabelecia o antigo absolutismo. Houve somente uma exceção. A **terra dos sacerdotes** (22) não pôde ser tocada pela classe governante.

Para amenizar o sofrimento do **povo** (23), José lhes deu sementes com a condição de que um quinto da produção seria paga ao governo. Esta cifra é muito menor que os 50% ou mais que os meeiros têm de pagar, e é imposto mais baixo que muitos cidadãos pagam em países civilizados de hoje.

7. *O Voto de José para seu Pai* (47.27-31)

Durante **dezessete anos** (28) o patriarca morou no Egito, vendo sua família prosperar **na terra de Gósen** (27). Sentindo o fim se aproximar, **chamou a José** (29). **Israel** queria assegurar-se que seus restos mortais seriam colocados na cova de Macpela. Usando termos comuns à linguagem de concerto, como **graça e usa comigo de beneficência e verdade**, ele pediu solenemente que José jurasse que o enterraria em Canaã conforme as promessas de Deus registradas em 28.13-15 e em 35.11,12. Quando José fez o voto, agiu segundo o costume (ver 24.2) pondo a **mão debaixo da coxa** de Jacó. Era sublime momento de fé para Jacó e, assim que José se comprometeu, o patriarca agonizante adorou. O versículo 31 declara que **Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama** (31). Em Hebreus 11.21, seguindo a Septuaginta, lemos: “Jacó [...] adorou encostado à ponta do seu bordão”. No idioma hebraico, a diferença é *mittah*, “cama”, e *matteh*, “bordão”. Levando em conta que os manuscritos hebraicos só tinham consoantes, a diferença surge de duas tradições distintas de pronúncia.

G. Antecipações do Futuro, 48.1—50.26

Os capítulos finais de Gênesis estão fundamentados nas ocorrências de morte no presente ou futuro imediato, e no futuro de longo alcance dos descendentes de Jacó. Sempre é ressaltado que a terra de Egito não é o lar permanente deste povo. Eles têm de ter os olhos voltados para Canaã. Para enfatizar este ponto, Jacó foi enterrado na caverna sepulcral da família e José foi embalsamado para futuro sepultamento em Canaã. [2](#)

A primeira medida de Jacó foi adotar os dois filhos de José. Colocou-os no mesmo nível que **Rúben e Simeão** (5), os dois filhos mais velhos.¹⁰ Jacó nunca esqueceu a perda de Raquel, assim queria honrá-la elevando estes netos à condição de filhos e, por conseguinte, tribos em Israel. O nome de José seria perpetuado por outros filhos aptos que nasceriam (6). **Efrata** (7) é um nome antigo de **Belém**, inserido pelo escritor para tornar o local claro.

Os olhos embaçados de Jacó (10; cf. **ARA**) notaram duas outras pessoas no quarto. Certificando-se de que eram Efraim e Manassés,

passou a fazer os gestos rituais de adoção comuns entre seu povo. O pai recebia os filhos legítimos colocando-os entre os **joelhos (12; cf. ARA)**; foi assim que foram reconhecidos estes filhos adotivos.

O próximo passo era o ato formal de pronunciar a bênção que era irrevogável para o povo de Jacó. Desconhecendo as intenções do pai, José posicionou os filhos de acordo com o costume, ou seja, o filho mais velho em frente à **mão direita** do pai tribal (13). Antecipando este movimento, Jacó cruzou as mãos e pronunciou a bênção do concerto sobre o mais novo, **Efraim** (14). Daquele momento em diante, Efraim seria o representante do concerto diante de Deus. Descontente com o procedimento do pai, José tentou mudar a posição das mãos de Jacó, mas Jacó lhe disse que a ação foi intencional. **Avisadamente** (14) seria “conscientemente”. Pela terceira vez, o filho mais novo na linhagem patriarcal tomou o lugar do filho mais velho (ver 17.19,20; 27.27-29).

Na bênção, Jacó testemunhou do **Anjo que me livrou de todo o mal** (16). Esta é a primeira vez que a palavra “livrar” [*go’el*], com o sentido de *resgate*, aparece nas Escrituras. Está baseada na obrigação de um homem da mesma família comprar de volta a propriedade hipotecada de um parente infeliz, ou comprar de volta o próprio parente da escravidão (Lv 25.25-55).

Jacó percebeu que sua desonestidade com Esaú e suas dificuldades com Labão foram um **mal** que ameaçou prendê-lo. Mas Deus o ajudou a acertar as coisas com Labão e a reconciliar-se com Esaú. Deus também o livrou dos maus caminhos dos seus filhos mais velhos e lhe devolveu José. Estes foram os atos de Deus que lhe deram esperança e alegria ao coração. Na sua opinião, estes eventos eram redentores, porque ele devia tudo ao que Deus havia feito a favor dele. Aquele que agiu tão eficientemente no passado abençoaria os **rapazes** e produziria a redenção para estes netos.

Além da bênção especial em **Efraim** (17), **Manassés** (cf. 27.39,40) também foi abençoado. A forma desta bênção: **Deus te ponha como a Efraim e como a Manassés** (20), ainda é usada entre os judeus. Jacó também prometeu que José voltaria para Canaã (21), pois esta

era a vontade de Deus. José teria um **pedaço** (22) só seu daquela terra. Ficava em Siquém. Não resta outro registro da batalha com os **amorreus** que esteja relacionado com a propriedade de Jacó desta parte do país. Josué 24.32 declara que o corpo embalsamado de José foi enterrado na parte do campo que foi comprada dos “filhos de Hamor” (ver tb. Jo 4.5,6).

2. Jacó Abençoa Seus Filhos (49.1-28)

Com exceção do primeiro versículo, esta porção bíblica está na forma poética, rica em paralelismo de pensamento, jogo de palavras e metáforas. Era momento solene, pois o patriarca estava declarando sua vontade final e apresentando seu testamento antes de morrer.

Há forte traço de ironia no tratamento de Jacó com **Rúben** (3). Como **primogênito**, seu lugar era de alto privilégio e responsabilidade. Deveria ter sido líder de **força, vigor, alteza e poder**. Mas Rúben deu as costas às coisas mais excelentes e se rebaixou ao nível mais inferior. Procurou demonstrar liderança poluindo o **leito** (4) do **pai** em grosseiro ato de incesto (cf. 35.22). Jacó não se esqueceu do fato e, agora, Rúben tinha de pagar elevado preço por sua loucura.

“A Tragédia da Instabilidade Espiritual” é ilustrada nas palavras de Jacó a respeito de Rúben: 1) Homem de grandes possibilidades, 3; 2) A excelência perdida de Rúben: **Não serás o mais excelente**, 4; 3) O erro fatal: **Inconstante como a água**, 4 (W. T.

Purkiser).

Simeão e Levi (5) estão agrupados, porque tinham chefiado o massacre sangrento de Siquém (34.25-29). O choque de Jacó quando ficou sabendo deste incidente está vivi-damente descrito nesta condenação do ato irrefletido. Moffatt traduz assim: “Em seus planos, minha alma, nunca participe; coração meu, não se una ao seu conselho!” (cf. ARA). Nenhum deles teria território tribal em Canaã, mas seriam espalhados entre as outras tribos (ver Js 19.1-9; 21.1-42).

Judá (8) demonstrou ser homem melhor na maturidade do que na

juventude e, antes da mudança para o Egito, evidenciou habilidade de liderança. O nome significa “louvor” e, assim, seria o louvor da família de Jacó como líder militar e político. Sua coragem seria igual à do **leão (9)**; mas, acima de tudo, a realeza viria da tribo de Judá (1 Sm 16.1-13; 2 Sm 2.1-4; 5.1-5).

Muita controvérsia gira em torno da palavra **Siló** (10), que pode ter o significado de “descanso ou doador de descanso”. Este é o nome da cidade onde a arca descansou até o tempo de Samuel (1 Sm 4.1-22). Mas visto que esse local nunca foi importante na história de Judá, parece não haver ligação com esta profecia no versículo 10. Uma antiga tradução aramaica contém a frase “até que o Messias venha”, e esta interpretação detém forte posição no entendimento judaico e cristão do texto. O Targum Grego, o Targum Samaritano e o Targum de Onquelos dão uma leitura que indica uma palavra hebraica composta, que significa, literalmente, “aquele que é dele” (cf. Ez 21.27). Esta interpretação também aponta significação messiânica, a qual tem sido contestada.¹¹

Os protestantes estão bastante unidos em considerar que Jesus é o cumprimento desta predição que saiu dos lábios de Jacó. Entendida dessa forma, esta profecia significava que além das tribos de Israel os povos do mundo obedeceriam àquele que viria.¹² A tradução de Smith apanhou o espírito de realeza contido nesta descrição da liderança de Judá:

Ele amarra o jumento à videira,

E o filho do jumento à mais escolhida videira;

Lava a roupa em vinho,

E os mantos no sangue de uvas;

Seus olhos são mais escuros que o vinho,

E seus dentes mais brancos que o leite.

A principal característica de **Zebulom** (13) era a associação com o comércio marítimo. Estes povos seriam vigorosos comerciantes.

Issacar (14) estaria relacionado com a tarefa do trabalhador e faria seu trabalho de modo fiel e imaginativo. Teria o epítome de “O Contribuinte” ou “O Pagador de Impostos”.

O nome **Dã** (16) significa “juiz”. Mas que juiz fraco! Em vez de justiça, a traição marcaria suas decisões que afligiriam o queixoso como o veneno da **víbora** (17). Quando Jacó proferiu este pronunciamento, não pôde deixar de desabafar com angústia: **A tua salvação espero, ó SENHOR!** (18).

As palavras sobre os próximos três filhos foram curtas. **Gade** (19) seria oprimido, mas no final venceria. **Aser** (20) seria próspero tendo excesso de alimentos. **Naftali** (21) conheceria a liberdade e seria abençoado com a capacidade de proferir **palavras** agradáveis.

Em contraste com estes três, Jacó transbordou com predições de um futuro **frutífero** para **José** (22). Embora perseguido, este filho foi sustentado **pelas mãos do Valente de Jacó** (24). Este era o Deus que foi o **Pastor**, Protetor e **Pedra de Israel** em toda sua vida. O **Todo-poderoso** (25) seria liberal com suas **bênçãos**, cinco das quais são enumeradas. José seria diferente de todos os **seus irmãos** (26). Moffatt traduz partes dos versículos 24 e 25 significativamente:

O Valente de Jacó te apóia,

A Força de Israel te sustenta.

Oh, o Deus de teu pai que te ajuda,

O Deus Todo-poderoso que te abençoará.

Em 49.22-26, G. B. Williamson destaca “José, Ramo Frutífero”. 1) As tribulações de José, 23 (cf. 37.17-36); 2) A tentação de José, 24 (cf. 39.7-20; 40.14,23); 3) O triunfo de José, 25,26 (cf. 4.39-46).

Benjamim (27) é semelhante a lobo, “que devora a presa pela manhã

e divide o espólio à noite” (Smith-Goodspeed; cf. ARA). A violência tomaria parte em sua aquisição de riquezas.

3. *A Morte de Jacó* (49.29-33)

Tendo distribuído suas bênçãos, Jacó mencionou seu desejo já revelado a José (47.29-31). Ele deveria ser sepultado **na cova que está no campo de Macpela** (29,30), que foi comprada por Abraão (23.1-20). Era a sepultura dos seus antepassados e de **Léia** (31), sua esposa. Jacó queria ter certeza de que na vida e na morte seus filhos manteriam os olhos voltados para Canaã como sua verdadeira casa.

Tendo tratado do último detalhe, não havia mais necessidade de delongas. Jacó **foi congregado ao seu povo** (33), como aconteceu com Abraão e Isaque.

4. *O Sepultamento de Jacó* (50.1-14)

José (1) foi tomado pela emoção. Pondo de lado a dignidade de sua alta posição, **chorou sobre** o corpo sem vida do pai. Mas também conhecia o seu dever. Na morte, Jacó teria o melhor. Por **quarenta dias** (3) o corpo permaneceu no processo de embalsamento, e mais trinta dias foram gastos no luto, algo que não ocorreu com Abraão ou Isaque.

Em seguida, **José** foi **à casa de Faraó** (4), ou seja, dirigiu-se aos funcionários da corte, para explicar o voto que Jacó lhe pediu e obter permissão para cumpri-lo. José garantiu que voltaria (5). O pedido foi passado a **Faraó** (6), que concedeu permissão para José deixar o país e, mais importante de tudo, nomeou um grupo de representantes oficiais para comparecer no funeral.

Numeroso séqüito formado por israelitas e egípcios pôs-se a caminho da cova de Macpela. Na **eira do espinhal** (10, ou “eira de Atade”, ARA), presumivelmente perto da caverna sepulcral, a comitiva observou **sete dias** de luto por Jacó.

Os **eananeus** (11) nativos ficaram impressionados com a presença de

tantos funcionários do Egito e com o luto sobre Jacó, a quem bem conheciam. Diante disso, deram outro nome à eira: **Abel-Mizraim**, que quer dizer “o luto dos egípcios”. O sepultamento **na cova do campo de Macpela** (13) ocorreu formalmente e a comitiva fúnebre voltou para o Egito.

5. *Os Irmãos Medrosos* (50.15-21)

A morte de Jacó trouxe à tona o medo que por vários anos esteve submerso na mente dos irmãos de José. Será que com a morte do pai, José despejaria represálias contra eles? Não conseguiam acreditar que ele já os havia perdoado totalmente. Em conjunto, resolveram deixar claro que o arrependimento pelas ações passadas era verdadeiro, ainda que esse arrependimento nunca tivesse sido verbalizado (cf. 45.4-15).

Discretamente, os irmãos enviaram uma mensagem a José antes que fossem chamados para uma reunião. Pela primeira vez ocorre no registro bíblico um pedido de perdão de maneira franca e direta, embora estas palavras de Jacó para Esaú: “Para achar graça aos olhos de meu senhor” (33.8,10), se aproximem disso. O teor da comunicação tocou o coração de José, promovendo outra cena de reconciliação profundamente comovente. A forma física dos irmãos prostrados relembra um dos sonhos de José, contra o qual tinham reagido com crueldade (37.5-8). Ainda que José possuísse supremo poder humano para se vingar, sua alma foi invadida por uma maior influência: a prontidão em perdoar. O único Deus verdadeiro dominou o ódio humano e o tornou em **bem para conservar em vida a um povo grande** (20). A bondade de José expulsou o medo importunador, e os irmãos saíram genuinamente unidos em termos de respeito e amor mútuo.

6. *O Último Pedido de José* (50.22-26)

Chegava o momento da morte do quarto dos grandes patriarcas. A morte não causou terror para Abraão (25.7-11), Isaque (35.27-29) ou Jacó (49.28-33). O mesmo se deu com José. Como aconteceu com seu pai, José se assegurou que, no fim, seus restos mortais seriam postos

para descansar na Terra Prometida.

Reunindo os **irmãos** (24), José reiterou a fé do seu pai, declarando que Canaã era o verdadeiro lar dos israelitas. Obteve deles um juramento: **Fareis transportar os meus ossos daqui** (25). Tendo cuidado disso, José morreu em paz com a **idade de cento e dez anos** (26). Foi embalsamado, colocado **num caixão** e, por algum tempo, sua múmia permaneceu com os irmãos **no Egito**.

De 50.22-26, Alexander Maclaren expõe o tema “A Fé de José”. 1) A fé sempre é a mesma embora o conhecimento varie; 2) A fé exerce sua mais nobre função em nos separar do presente; 3) A fé dá vigor aos homens no cumprimento dos seus deveres.

Notas

INTRODUÇÃO

¹Julius Wellhausen, *Prolegomena to the History of Israel* (Edimburgo: Adam & Charles Black. 1885).

²Hermann Gunkel, *The Legends of Genesis* (Nova York: Schocken Books, 1964, embora tenha sido publicado pela primeira vez em 1901).

³Otto Eissfeldt, *The Old Testament* (Nova York: Harper & Row, 1965).

⁴W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine* (Baltimore: Penguin Books, 1963), pp. 224-226.

⁵G. E. Wright, *Biblical Archaeology* (Filadélfia: The Westminster Press, 1957), pp. 43, 44.

⁶Y. Kaufmann, *The Religion of Israel* (Londres: George Allen & Unwin, Limited, 1961), pp. 127-149.

⁷M. F. Unger, *Introductory Guide to the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951); E. J. Young, *An Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: William

B. Eerdmans Publishing Company, 1956); G. L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964).

⁸G. C. Morgan, *The Analyzed Bible* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1907), Vol. I, pp. 9-27.

SEÇÃO I

Tara inteirar-se da construção gramatical de Gênesis 1.1-3, ver J. Skinner, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis* ("The International Critical Commentary"; editado por S. R. Driver *et al.*; Edimburgo: T. & T. Clark, 1930), vol. I, pp. 12-19; J. P. Lange, "Genesis", *Commentary on the Holy Scriptures*, vol. I (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, reimpressão, s.d.), pp. 161-165; E. J. Young, "The Interpretation of Genesis 1:2", *Westminster Theological Journal*, vol. XXIII (Maio de 1961), pp. 151ss.

Tara informar-se de análises relativas ao comprimento do "dia" de Gênesis 1, ver Tayler Lewis, "Genesis" (Introduction), em Lange, *op. cit.*, pp. 131-143; H. E. Dosker, "Day", *The International Standard Bible Encyclopedia*, editado por James Orr *et al.*, vol. II (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, reimpressão, 1949), pp. 787-789. O dr. H. Orton Wiley declara: "A narrativa da criação em Gênesis é primariamente um documento religioso. Não pode ser considerada declaração científica e, ao mesmo tempo, não deve ser considerada contraditória à ciência. É ilustração suprema da maneira na qual a verdade revelada elucida indiretamente os campos científicos. A palavra hebraica *yom*, que aqui é traduzida por 'dia', ocorre não menos que 1.480 vezes no Antigo Testamento, sendo traduzida por algo em torno de mais de cinquenta palavras diferentes, inclusive termos como *tempo*, *vida*, *hoje*, *idade*, *para sempre*, *continuamente* e *perpetuamente*. Com este uso flexível do termo original, é impossível dogmatizar ou exigir restrição firme a um só desses significados. Presumimos que a crença originariamente ortodoxa defendia um dia solar de 24 horas, e que a igreja alterou sua exegese sob a pressão das atuais descobertas geológicas. Como destaca o dr. Sheed, este é um dos 'erros de ignorância'. A melhor exegese hebraica nunca considerou que os dias

de Gênesis fossem dias solares, mas períodos de dia de duração indefinida. [...] Nem é este o significado metafórico da palavra, senão o original que significa ‘colocar período a’ ou denota um tempo autocompletado” (*Christian Theology*, vol. I [Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1940], pp. 454, 455).

³S. R. Driver, *The Book of Genesis*, “Westminster Commentaries”, editado por W. Lock, vol. I (Londres: Methuen & Company, Limited, 1911), pp. 6, 7.

⁴K. M. Yates, “Genesis”, *The Wycliffe Bible Commentary*, editado por Charles Pfeiffer *et al.* (Chicago: Moody Press, 1962), p. 3.

⁵E. F. Keven, “Genesis”, *The New Bible Commentary*, editado por F. Davidson (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), pp. 77, 78.

⁶J. B. Payne, “The Concept of ‘Kinds’ in Scripture”, *Journal of the American Scientific Affiliation*, vol. X, n.^o 2 (Junho de 1958), pp. 17-20.

⁷John Calvin, *A Commentary on the First Book of Moses Called Genesis*, traduzido para o inglês por John King, vol. I (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, reimpressão, 1948), pp. 66-87.

⁸H. C. Leopold, *Exposition of Genesis*, vol. I (Grand Rapids: Baker Book House, 1950), pp. 79-81.

⁹U. Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis*, traduzido para o inglês por Israel Abrahams (Jerusalém: The Magnes Press, 1961), pp. 55-57.

¹⁰P. Heinisch, *Theology of the Old Testament*, traduzido para o inglês por W. G. Heidt (Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1955), p. 170.

¹¹A. Cohen, *The Soncino Chumash* (Hindhead, Surrey, Inglaterra:

The Soncino Press, 1947), p. 8.

¹²A. J. Heschel, *The Sabbath* (Nova York: Farrar, & Straus & Young, Incorporated, 1951), pp. 3-32.

¹³F. Brown; S. R. Driver e C. A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1952), *ad loc.*

“Driver, *op. cit.*, p. 40.

¹³A. Richardson, “Genesis I—XI”, *Torch Bible Commentaries* (Londres: SCM Press, Limited, 1953), p. 71.

“Driver, *op. cit.*, p. 44.

“H. Renckens, *IsraeTs Concept ofthe Beginning* (Nova York: Herder & Herder, 1964), pp. 273-277.

¹⁸/ò.,pp. 277-279.

¹⁹Em hebraico, o pronome singular isto (*hu*) pode designar um indivíduo.

*^JE. H. Browne, “Genesis”, *The Bible Commentary*, editado por F. C. Cook, vol. I (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1892), pp. 49-52.

³¹E. A. Speiser, “Genesis”, *The Anchor Bible* (Garden City, Nova York: Doubleday & Company, 1964), pp. 32, 33.

Wer Kevan, *op. cit.*, p. 83, e Yates, *op. cit.*, pp. 11,12.

Wer Speiser, *op. cit.*, pp. 45, 46.

’Leupold, *op. cit.*, vol. I, pp. 250-254.

R. H. Elliott, *The Message of Genesis* (Nashville: Broadman Press, 1961), pp. 64, 65.

"A. Richardson, editor, *A Theological Word Book ofthe Bible* (Nova

York: The Macmillan Company, 1951), *ad loc.*

' B. Ramm, *The Christian View of Science and Scripture* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955), pp. 229-249.

~ J. C. Whitcomb e H. M. Morris, *The Genesis Flood* (Grand Rapids: Baker Book House, 1961),

pp. 1, 2.

~*Ib.*, pp. 3-7.

Browne, *op. cit.*, p. 73.

³¹E. A. Speiser, "Ethnic Divisions of Man", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, editado por G. A. Buttrick, vol. K-Q (Nashville: Abingdon Press, 1962), pp. 235-242.

³²I. Asimov, *Words in Genesis* (Boston: Houghton Mifflin Company, 1962), pp. 103,104.

1

Jacó Recebe Permissão para se Mudar (46.1-7)

Jacó e sua família habitavam em Hebrom (37.14; ver Mapa 2). Ao saber das espantosas notícias de que José estava vivo e era alto funcionário no Egito, **Israel** (1, Jacó) partiu imediatamente para o Egito. Enquanto viajava em direção a **Berseba**, Jacó provavelmente se lembrou de que o avô Abraão teve uma experiência desagradável no Egito (12.10ss.), e que Deus disse a Isaque para não ir ao Egito (26.2). Deve também ter se lembrado de que Deus falou a Abraão que seus descendentes iriam habitar naquele país por certo período (15.13-16).

Com pensamentos em ebulição, Jacó adorou, oferecendo **sacrifícios ao Deus de Isaque, seu pai**. Embora não haja registro, claro que fez orações por orientação e proteção. A resposta de Deus chegou somente ao anoitecer, mas a palavra foi positiva: **Não temas descer ao Egito**

(3). A mensagem também continha promessas. A família de Jacó se tornaria **uma grande nação**; Deus faria Jacó **tornar a subir** (4) e estaria sempre com ele; e José poria a **mão sobre os teus olhos**, ou seja, estaria presente na hora da morte de Jacó.

Jacó levantou-se daquele lugar com todas as dúvidas dirimidas. Este não era outro Deus, mas o único Deus verdadeiro que apareceu a Isaque, seu pai. No hebraico, o artigo definido *ha* distingue este Deus que fala de todos os falsos deuses. Tudo e todos ligados a Jacó caminharam em direção ao Egito e logo chegaram na fronteira.

2

Jacó Adota os Filhos de José (48.1-22)

Uma piora na saúde de Jacó levou **José** (1) e seus **dois filhos** para o lado da cama do idoso patriarca. Com dificuldade, Jacó se sentou para recebê-los. Tratava-se de uma reunião importante, sobre a qual pai e filho já haviam conversado.

As recordações de Jacó viajaram àquele momento significativo em **Luz** (3, Betei; ver 28.10-22). Naquela ocasião, **o Deus Todo-poderoso** lhe apareceu, tornando-se pessoalmente real e transmitindo-lhe as promessas do concerto. Agora Jacó queria passar estas promessas do concerto, junto com obrigações anexas, para seus descendentes. Já conhecia a vontade de Deus concernente a qual filho seria separado para este privilégio, mas não contou a ninguém.

SEÇÃO II

⁴C. A. Potts, *Dictionary of Bible Proper Names* (Nova York: Abingdon Press, 1922), p. 17.

²Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, pp. 91-94.

³H. E. Kyle, “The Book of Genesis”, *Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge: University Press, 1921), p. 165.

⁴R. D. Wilson, *A Scientific Investigation of the Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1959), pp. 26, 64-66.

^BSpeiser, “Genesis”, *op. cit.*, pp. 106-108.

⁶C. F. Keil e F. Delitzsch, “The Pentateuch”, *Biblical Commentary on the Old Testament*, vol. I (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1949), pp. 208, 209.

⁷G. E. Mendenhall, *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East* (Pittsburgh: The Biblical Colloquium, 1955), pp. 24-50.

⁸C. F. Pfeiffer, “The Book of Genesis”, *Shield Bible Study Series* (Grand Rapids: Baker Book House, 1958), p. 51.

⁹J. P. Milton, *God’s Covenant of Blessing* (Rode Island, Illinois: Augustana Press, 1961), pp. 88-91.

“Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, p. 150. Outros estudiosos entendem que o v. 16 significa que os presentes de Abimeleque limpam a reputação de Abraão e Sara: “Diante de todos os homens vocês estão inocentados e recompensados” (BA; cf. ARA).

ⁿC. F. Pfeiffer, *The Patriarchal Age* (Grand Rapids: Baker Book House, 1961), p. 110.

¹²S. Kierkegaard, *Fear and Trembling* (Londres: Oxford University

Press, 1939); exposição difícil deste capítulo, mas recheado de *insights*.

“Driver, *op. cit.*, p. 223; Leupold, *op. cit.*, vol. II, pp. 638, 639.

¹⁴G. Cornfeld, *Adam to Daniel* (Nova York: The Macmillan Company, 1961), pp. 73-77.

“Roland de Vaux, *Ancient Israel: Its Life and Institutions* (Nova York: McGraw-Hill Book Company, Incorporated, 1961), pp. 29-32.

“T. Whitelaw, “Genesis”, *The Pulpit Commentary*, editado por H. D. M. Spence *et al.*, vol. I (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1961), p. 296.

¹⁷M. H. Pope, “Oaths”, *The Interpreter’s Dictionary of the Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1962), pp. 575-577.

¹⁸Vaux, *op. cit.*, pp. 56-61.

SEÇÃO IV

‘C. H. Gordon, *Introduction to Old Testament Times* (Ventnor, Nova Jersey: Ventnor Publishers, Incorporated, 1953), pp. 112, 113.

Tb., pp. 114, 115.

³Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, pp. 212, 213.

SEÇÃO V

‘H. M. Buck, *People of the Lord* (Nova York: The Macmillan Company, 1966), p. 342.

²W. H. Griffith-Thomas, *Genesis* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), pp. 264, 265.

³Gordon, *op. cit.*, pp. 115, 116.

⁴Skinner, *op. cit.*, pp. 388, 389, nota de rodapé.

⁵J. Paterson, “The Hurrians”, *Studies Semitics et Orientalia*, vol. II (1945), pp. 113,114.

⁶J. M. Holt, *The Patriarchs of Israel* (Nashville: Vanderbilt University Press, 1964), pp. 98-102.

⁷A. Clarke, “Genesis”, *The Holy Bible with Commentary and Critical Notes*, vol. I (Nova York: Carlton & Porter, s.d.), n.² 200-202.

⁸Leupold, *op. cit.*, vol. II, p. 924.

⁹Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, p. 274.

SEÇÃO VI

‘Skinner, *op. cit.*, pp. 432-434.

Ver C. A. Simpson, “Genesis” (Exegesis), *The Interpreters Bible*, editado por G. A. Buttrick (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), vol. I, p. 746, que contém ponto de vista contrário a Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, pp. 282, 283.

SEÇÃO VII

Speiser, “Genesis”, *op. cit.*, pp. 289, 290.

ÅV. Walker, *All the Plants of the Bible* (Nova York: Harper & Brothers, 1957).

°E. W. Heaton, *Everyday Life in Old Testament Times* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1956), pp. 77, 78; Vaux, *op. cit.*, pp. 37, 38.

Keil e Delitzsch, *op. cit.*, pp. 345, 346.

Kaufmann, *op. cit.*, pp. 40-52, 78-101.

L. Casson *et al.*, *Ancient Egypt* (Nova York: Time, Incorporated, 1965),

pp. 28-49.

Leupould, *op. cit.*, pp. 1.034-1.036; Speiser, "Genesis", *op. cit.*, p. 314.

'S. Davis, *Race-Relations in Ancient Egypt* (Londres: Methuen & Company, 1953), pp. 74-88.

T. Hamlyn, *Egyptian Mythology* (Londres: Paul Hamlyn, Limited, 1965).

Vayx, *op. cit.*, pp. 51, 52.

Skinner, *op. cit.*, pp. 521-524.

^Huffman, *op. cit.*, pp. 42-44.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

BROWNE, E. H. "Genesis." *The Bible Commentary*. Editado por F. C. Cook, Vol. I. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1892.

CALVIN, John. *A Commentary on the First Book of Moses Called Genesis*. Traduzido para o inglês por

J. King, Vols. I e II. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, reimpresso, 1948.

CASSUTTO, U. *A Commentary on the Book of Genesis*. Traduzido para o inglês por I. Abrahams, Vol. I. Jerusalém: The Magness Press, 1961.

CLARKE, A. "Genesis." *The Holy Bible with Commentary and Critical Notes*, Vol. I. Nova York: Carlton & Porter, s.d.

COHEN, A. *The Soncino Chumash*. Hindhead, Surrey, Inglaterra: The Soncino Press, 1947.

DRIVER, S. R. "The Book of Genesis." *The Westminster*

Commentaries. Editado por W. Lock, Vol. I. Londres: Methuen & Company, Limited, 1911.

GRIFFITH-THOMAS, W. H. *Genesis*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946.

KEIL, C. F. e DELITZSCH, F. “The Pentateuch.” *Biblical Commentary on the Old Testament*. Traduzido para o inglês por James Martin, Vol. I. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1949.

KEVAN, E. F. “Genesis.” *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953.

LANGE, J. P. “Genesis.” *Commentary on the Holy Scriptures*. Traduzido para o inglês por Philip Schaff, Vol. I. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, reimpresso, s.d.

LEUPOLD, H. C. *Exposition on Genesis*, Vols. I e II. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.

LEWIS, T. “Genesis” (Introduction). *Commentary on the Holy Scriptures*. Traduzido para o inglês por Philip Schaff, Vol. I. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, reimpresso, s.d.

PFEIFFER, C. F. “The Book of Genesis.” *Shield Bible Study Series*. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.

RICHARDSON, A. “Genesis I-XI.” *Torch Bible Commentaries*. Editado por John Marsh *et al.* Londres: SCM Press, Limited, 1953.

RYLE, H. E. “The Book of Genesis.” *Cambridge Bible for Schools and Colleges*. Editado por A. F. Kirkpatrick. Cambridge: University Press, 1921.

SIMPSON, C. A. “Genesis” (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por G. A. Buttrick, Vol. I. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

SKINNER, J. "A Critical and Exegetical Commentary on Genesis." *The International Critical Commentary*. Editado por S. R. Driver *et al.*, Vol. I. Edimburgo: T. & T. Clark, 1930.

SPEISER, E. A. "Genesis." *The Anchor Bible*. Editado por W. F. Albright *et al.*, Vol. I. Garden City, Nova York: Doubleday & Company, 1964.

WHITELAW, T. "Genesis." *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence *et al.*, Vol. I. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1961.

YATES, K. M. "Genesis." *The Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles Pfeiffer *et al.* Chicago: Moody Press, 1962.

II. OUTROS LIVROS

ALBRIGHT, W. F. *The Archaeology of Palestine*. Baltimore: Penguin Books, 1963.

ARCHER, G. L. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964.

ASIMOV, I. *Words in Genesis*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1962.

BROWN, F., DRIVER, S. R. e BRIGGS, C. A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1952.

BUCK, H. M. *People of the Lord*. Nova York: Macmillan Company, 1966.

CASSON, L., *et al.* *Ancient Egypt*. Nova York: Time, Incorporated, 1965.

CORNFELD, G. *Adam to Daniel*. Nova York: The Macmillan Company, 1961.

DAVIS, S. *Race-Relations in Ancient Egypt*. Londres: Methuen &

Company, 1953.

EISSFELDT, O. *The Old Testament*. Nova York: Harper & Row, 1965.

ELLIOTT, R. H. *The Message of Genesis*. Nashville: Broadman Press, 1961.

GORDON, C. H. *Introduction to Old Testament Times*. Ventnor, Nova Jersey: Ventnor Publishers, Incorporated, 1953.

GUNKEL, H. *The Legends of Genesis*. Nova York: Schocken Books, 1964.

HAMLYN, P. *Egyptian Mythology*. Londres: Paul Hamlyn, Limited, 1965.

HEATON, E. W. *Everyday Life in Old Testament Times*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1956. HEINISH, P. *Theology of the Old Testament*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1955. HESCHEL, A. J. *The Sabbath*. Nova York: Farrar, & Straus & Young, Incorporated, 1951. HOLT, J. M. *The Patriarchs of Israel*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1964.

HUFFMAN, J. A. *The Messianic Hope in Both Testaments*. Butler, Incorporated: The Higley Press, 1945.

KAUFMANN, Y. *The Religion of Israel*. Londres: George Alien & Unwin, Limited, 1961.

KIERKEGAARD, S. *Fear and Trembling*. Londres: Oxford University Press, 1939.

MENDENHALL, G. E. *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*. Pittsburgh: The Biblical Colloquium, 1955.

MILTON, J. P. *God's Covenant of Blessing*. Sock Island, Illinois: Augustana Press, 1961. MORGAN, G. C. *The Analyzed Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1907.

PFEIFFEL, C. F. *The Patriarchal Age*. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.

POTTS, C. A. *Dictionary of Bible Proper Names*. Nova York: Abingdon Press, 1922.

RAMM, B. *The Christian View of Science and Scripture*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955.

RENCHENS, H. *IsraeTs Concept ofthe Beginning*. Nova York: Herder & Herder, 1964.

RICHARDSON, A. A *Theological Word Book of the Bible*. Nova York: The Macmillan Company, 1951.

UNGER, M. F. *Introductory Guide to the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951.

YAUX, R. de, *Ancient Israel: Its Life and Institutions*. Nova York: McGraw-Hill Book Company, 1961. WALKER, W. *All the Plants ofthe Bible*. Nova York: Harper & Brothers, 1957.

WELLHAUSEN, J. *Prolegomena to the History of Israel*. Edimburgo: Adam & Charles Black, 1885.

WHITCOMB, J. C. e MORRIS, H. M. *The Genesis Flood*. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.

WILEY, H. Orton. *Christían Theology*, Vol. I. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press of Kansas City, 1940.

WILSON, R. D. *A Scientific Investigation ofthe Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1959. WRIGHT, G. E. *Biblical Archaeology*. Filadélfia: The Westminster Press, 1957.

III. ARTIGOS

DOSKER, H. E. "Day." *The International Standard Bible Encyclopedia*. Editado por James Orr *et al.*, v ol. II (Grand Rapids:

William B. Eerdmans Publishing Company, reimpresso, 1949), pp. 787-789.

PATERSON, J. "The Hurrians." *Studia Semitica et Orientalia*, vol. II, pp. 113, 114.

PAYNE, J. B. "The Concept of Kings' in Scripture." *Journal of the American Scientific Affiliation*, vol. X, n.² 2 (Junho de 1958), pp. 17-20.

POPE, M. H. "Oaths." *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Editado por G. A. Buttrick *et al.*, vol. K-Q (Nova York: Abingdon Press, 1962), pp. 575-577.

SPEISER, E. A. "Ethnic Divisions of Man." *The International Dictionary of the Bible*, vol. E-J, pp. 234-242.

YOUNG, E. J. "The Interpretation of Genesis 1:2." *Westminster Theological Journal*, XXIII (Maio de 1961), pp. 151ss.



/

(«i:\isis \

l)i;i ir.HoNOMio

George II. I,i\iugslon I.eo li. Co\

Denuis í. kinlav Laurislon .1. Du Bois lark íonl \. I{. (i D<>asl(> \

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra

cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0685-5

